O BOI QUE GUARDAVA O SÁBADO

e outras histórias milagrosas da Rússia

Bradley Booth

O BOI QUE GUARDAVA O SÁBADO

e outras histórias milagrosas da Rússia

Bradley Booth

Tradução
Eunice Scheffel do Prado

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

APRESENTAÇÃO

Bradley Booth tem uma carreira bem-sucedida como professor em escolas adventistas nos Estados Unidos, na África e na Rússia. As histórias deste livro foram extraídas de relatos pessoais, na esperança de que os leitores reacendam seu desejo de partilhar o amor de Cristo em toda e qualquer circunstância.

Título original em inglês:
THE SEVENTH-DAY OX AND OTHER MIRACLE STORIES FROM RUSSIA

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
2013

Coordenação Editorial: Marcos De Benedicto
Editoração: Vinícius Mendes e Neila D. Oliveira
Tradução: Eunice Scheffel do Prado
Design Developer: Paulo Martins
Projeto Gráfico: André Rodrigues
Capa: André Rodrigues
Imagem da Capa: Carlos Seribelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Booth, Bradley
O boi que guardava o sábado [livro eletrônico]
: e outras histórias milagrosas da Rússia /
Bradley Booth ; tradução Eunice Scheffel do
Prado. -- Tatuí, SP : Casa Publicadora
Brasileira, 2013.

Título original: The seventh-day ox and other
miracle stories from Russia.
1,7 MB ; ePUB.
ISBN 978-85-345-1859-8

1. Adventistas do Sétimo Dia - Rússia 2.
Animais - Aspectos religiosos - Adventistas do
Sétimo Dia 3. Milagres - Rússia 4. Testemunhos
(Cristianismo) I. Título.

13-02118 CDD-286.747

Índices para catálogo sistemático:

1. Histórias milagrosas da Rússia : Testemunhos
: Adventistas do Sétimo Dia : Cristianismo
286.747

Os textos bíblicos foram extraídos da versão
Almeida Revista e Atualizada, salvo outra indicação.

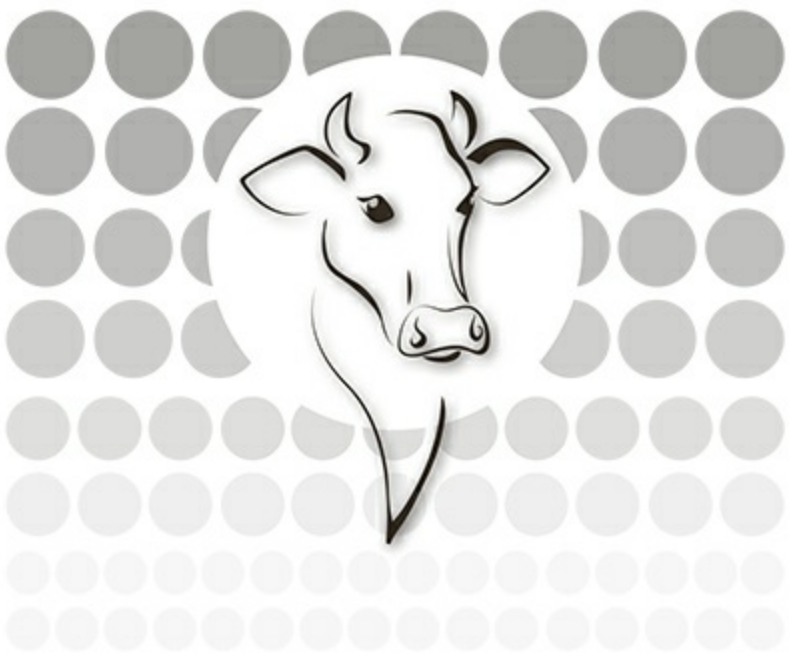
EDITORA AFILIADA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

14073/28184

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado aos cristãos fiéis da Rússia, que sacrificaram tanta coisa para disseminar o evangelho, e aos animais da criação de Deus que os ajudaram a fazê-lo.



O Boi que Guardava o Sábado

CAPÍTULO 1

Nickolai Panchuk olhou fixamente para as quatro paredes ao seu redor, na cela da prisão. O concreto cinza e frio fez com que se sentisse apanhado numa armadilha, como se estivesse numa tumba – com frio, assustado e sozinho.

O que lhe aconteceria? Qual devia ser o seu destino? Ele se havia recusado a colaborar com a KGB até ali, recusado a denunciar a localização de outra igreja que ajudara a organizar, apenas um mês antes. Não era uma igreja grande – só um grupo de cristãos na cidade de Kiev, a capital da Ucrânia –, mas Nickolai se negara a entregar a lista dos membros à KGB.

E quem poderia censurá-lo? A mensagem do evangelho se espalhava tão rapidamente, que agora, a cada poucos meses, Nickolai estabelecia mais um grupo de cristãos. No momento, pastoreava onze dessas congregações.

Os grupos reuniam-se regularmente para o culto em casas, porões e celeiros, mas 15 ou 20 parecia ser o número ideal de membros, antes que o grupo fosse considerado muito grande. Os locais onde se reuniam eram pequenos demais para abrigar mais do que esse número. Além disso, todos apreciavam a sensação de família unida que experimentavam ao fazer parte de um grupo de cristãos adventistas do sétimo dia.

Nickolai encostou-se contra a parede fria da cela e fechou os olhos. A paz que provinha da adoração com outros crentes era uma compensação mais do que suficiente para a dor e as durezas que tivera que enfrentar durante os últimos meses. Não era fácil, mas ele começava a se acostumar. Cinco vezes, agora, a KGB o havia encurralado para descobrir informações acerca dos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que se reuniam em grupos espalhados nas cidades e vilas da região. Por duas vezes, foram à sua casa, e três vezes usaram uma confrontação pública para humilhá-lo e tentar fazer com que ele falasse.

A KGB precisava da crucial lista dos membros da igreja. Sem ela, tudo seria uma operação desastrada para eles; algo como procurar agulhas num palheiro.

Felizmente, para Nickolai, a KGB da região onde ele morava era decente a ponto de deixar sua família fora disso. Outros pastores na Rússia não haviam

tido tanta sorte. Nickolai ouvira histórias terríveis daquilo que a KGB às vezes fazia para obrigar os pastores a falar.

Mas Nickolai sempre permaneceu firme e decidido em sua promessa de deixar tudo nas mãos de Deus. Era forte a sua fé. Ele não trairia os membros e a confiança da igreja, fosse qual fosse o custo para si ou sua família.

Mas, desta vez, o processo do interrogatório foi diferente – era óbvio que a KGB tinha algo mais em mente para Nickolai. Quando ele chegou à sede da KGB pela primeira vez, obrigaram-no a sentar numa cadeira e o mantiveram acordado por dois dias. Usaram as proverbiais luzes fortes nos olhos, a tática de gritos, bem como ameaças quanto ao lugar aonde poderiam mandá-lo para fazer com que se corrigisse.

Tudo inútil. Nickolai permanecera destemido e inamovível. As táticas deles não o intimidaram. Infelizmente, a KGB era mais do que persistente. Eles estavam decididos! O que aconteceria a seguir era a pergunta que se fazia, embora Nickolai soubesse que não era necessário ser um cientista espacial para imaginar.

Ele era considerado inimigo do Estado. Os cristãos figuravam no alto da lista de rebeldes que precisavam ser reformados e readaptados à sociedade. Se fossem suficientemente castigados, quem sabe, finalmente, enxergassem a luz. Essas eram as palavras, de alto a baixo na hierarquia, mas Nickolai imaginava que poucos, nas altas fileiras dos militares, se importavam com o que acontecia realmente com pastores como ele. Enquanto os métodos da KGB produzissem resultados, pouco se importavam eles com os detalhes.

Nickolai se perguntava que horas seriam. Ele não tinha relógio, e as escassas refeições que lhe traziam eram a única indicação de que o tempo passava, embora ele tivesse certeza de que agora já fazia alguns dias que se encontrava na cela. Para Nickolai, o tempo parecia ter parado.

De repente, Nickolai ouviu passos vindo pelo longo corredor de concreto. Os passos ficaram mais lentos e então pararam na frente da sua cela, e ele ouviu uma mão colocando a chave na porta. “Em pé!” rosnou a voz.

Nickolai aprumou-se, em tempo de ver uma volumosa figura enchendo o vão da porta. Uma lâmpada solitária de 40 watts, acesa no corredor, lançava uma sombra diante daquela estrutura maciça. Nickolai entendeu que se tratava de um dos guardas que lhe traziam as refeições desde que ele chegara.

– O chefe quer ver você!

Nickolai esperou que o guarda lhe desse ordens específicas, mas o enorme

homem simplesmente o puxou para o corredor e o empurrou na direção em que ele devia ir.

Subiram um lance de escadas de concreto e depois seguiram por outro corredor até chegarem a uma sala espaçosa, com uma mesa grande e duas cadeiras de encosto reto. Além disso, a única coisa na sala era outra lâmpada fraca, acesa no teto.

Atrás da mesa, estava sentado um oficial assustador, de uniforme verde-cinzento, com uma pasta de papel-manilha aberta sobre a mesa à sua frente. Ele não se dignou a erguer os olhos quando Nickolai entrou, mas continuou olhando fixamente o conteúdo da pasta por sobre os óculos de leitura com aros de chifre. Havia um copo raiado e uma garrafa de vodca sobre a mesa ao lado dele e um longo cigarro pendia de sua boca.

Nikolai permaneceu em pé, sem ousar sentar-se na segunda cadeira. Qualquer coisa que viesse a seguir seria melhor recebida em pé.

– Homem das pregações! – O oficial pronunciou a expressão que vinha usando em relação a Nickolai durante os últimos dias. – Pensou mais um pouco na minha proposta? – O oficial continuava sem olhar Nickolai nos olhos, e este se sentia grato por isso. O contato visual era um código de intimidação na KGB. Se um prisioneiro respondesse a esse gesto com seu olhar, ficava entendido que a vítima estava pronta para, finalmente, chegar a um tipo de acordo.

E, para Nickolai, isso era impossível. Ele sabia que nunca chegaria a concordar com os termos da KGB, no sentido de revelar a lista dos membros da igreja em seu distrito. Jamais! Nunca, nem em mil anos!

Mas o oficial aguardava, e Nickolai sabia que nada havia a fazer, a não ser dizer ao “chefe” exatamente o que já havia dito antes. Ele estava decidido – não haveria condescendência, não haveria “acordo”. Para Nickolai, não havia outra escolha e ele sabia que o oficial, em pouco tempo, ficaria impaciente por causa disso.

– Sinto muito, senhor, mas não posso concordar. Meu Deus e minha consciência não o permitem.

O oficial afastou a pasta de Nickolai e cruzou os braços contra o peito. Nickolai manteve os olhos fixos na parede atrás da cabeça do oficial, mas sabia que o homem o encarava por cima dos óculos, e isso o deixou nervoso.

CAPÍTULO 2

– Isso é tudo o que você tem a dizer em seu favor? – resmungou o oficial da KGB.

Nickolai hesitou por um momento apenas. – Senhor, essa é minha decisão final!

O oficial balançou a cabeça. – Então você fala sério? – Ele tirou o cigarro da boca e jogou uma longa trilha de cinzas no chão.

– Falo, senhor.

– Você é teimoso. – O oficial balançou de novo a cabeça e suspirou, frustrado. – Já usamos os métodos e formas usuais de diplomacia que conhecemos. – Ele voltou a colocar o cigarro na boca e deu uma longa tragada. – Bem que eu gostaria que você estivesse do nosso lado, homem das pregações. Isso tornaria meu trabalho muito mais fácil.

Homem das pregações. Nickolai teve a audácia de sorrir diante do apelido que o oficial lhe havia dado. E diplomacia? O processo de interrogatório era qualquer coisa, menos diplomático. Tudo bem, as vítimas da KGB tinham escolhas, mas elas eram muito unilaterais. Ou a pessoa se permite ser persuadida e cede, ou então paga o preço.

O oficial terminou de fumar seu cigarro e despejou vodca no copo. Surpreendentemente, estendeu o copo na direção de
Nickolai, mas Nickolai recusou com um simples: “Muito obrigado, senhor, mas não bebo”.

O oficial grunhiu e depôs o copo com força sobre a mesa, derramando a metade da vodca sobre a pasta de arquivo diante dele. Seu humor passou rapidamente de amistoso para azedo.

– Bem, vejo que não vou chegar a lugar nenhum com você, homem das pregações. Tenho coisas mais importantes a fazer do que perder meu tempo com você! – disse ele, erguendo a voz. – É como se eu estivesse falando com a parede, pelo resultado que esta conversa produziu. Nós o mantivemos acordado, fazendo barulho incessantemente, mas você não se entrega! Já lhe oferecemos suborno e cargos em nossa organização! Até nos dispusemos a aliviar algumas das restrições que lhe foram impostas durante encontros anteriores, mas a sua resposta é sempre a mesma! É óbvio que você não vai

ajudar em nada aqui!

O oficial ergueu a mão para sacudir o dedo diante de Nickolai.

– Estou cansado dessa tolice! Esperávamos conversar com você e enxergar algum sentido nessa situação toda, mas vejo que você está mais teimoso que nunca.

Ele tirou um lenço do bolso do uniforme e enxugou a vodca derramada antes de fechar a pasta. – Seu caso não depende mais de mim. Meus superiores esperam resultados, e se eu não os conseguir, então haverá um preço a pagar.

A voz dele ficou calma outra vez. – Gosto de você, Nickolai, mas, se não chegarmos a um acordo, não há nada que eu possa fazer para salvá-lo. – Foi a primeira vez que ele usou o nome de Nickolai, desde sua chegada à prisão, cinco dias antes.

– Fui instruído a informá-lo de que está sendo sentenciado a trabalhar num campo de prisioneiros na Sibéria. A menos que esteja pronto a responder às nossas perguntas, não há nada mais que eu possa fazer.

Para surpresa de Nickolai, o oficial se pôs em pé e lhe estendeu a mão. – Boa sorte, homem das pregações. Que seu Deus esteja com você. – Fez um gesto em direção à porta, acenou ao guarda e depois sentou-se novamente para terminar a papelada.

Enquanto Nickolai se virava para sair, julgou ter visto um indício de piedade nos olhos do oficial da KGB, mas sabia que devia estar enganado. Os oficiais da KGB eram conhecidos pelo coração duro e sua inflexível determinação de obter informações das vítimas.

Nickolai foi levado de volta à cela. Quando a porta bateu e se fechou, ele avaliou a situação. As coisas não pareciam boas. Não havia dúvida de que ele tomara a decisão certa, mas, a que preço? Ele não tinha ideia do tempo que duraria sua sentença nas inóspitas terras da gélida Sibéria. Anos? Décadas? Até a morte?

Ele se encolheu ao pensar na temível sentença, tão assustadora aos ouvidos de qualquer prisioneiro – banido para a fronteira da Sibéria. As temperaturas na Sibéria no verão podiam ser frescas e úmidas, com nuvens de borrachudos e enormes mosquitos sedentos de sangue por toda parte. E sem cidades ou assentamentos na vasta região desolada, ele ouvira contar que a fuga era impossível. Havia pouca oportunidade de sobrevivência, caso um prisioneiro chegasse a fazer uma tentativa de escape.

Mas eram os invernos da Sibéria que mais amedrontavam os prisioneiros. A temperatura, às vezes, caía a 50 graus abaixo de zero, e, com um vento cortante que varria as regiões do norte, as condições de vida eram impensáveis.

Nickolai estremeceu na cela, só de pensar na perspectiva desse futuro. Ainda havia tempo para repensar toda a questão, tempo para mudar de ideia e escapar do destino que lhe fora designado.

Mas, naturalmente, Nickolai sabia que nunca faria isso. Não podia. Era contra tudo o que ele havia crido e defendido durante a vida. Lealdade ao Poder mais alto era agora o mais importante. A KGB russa podia tirar-lhe o púlpito. Podiam tirar dele a liberdade e até sua saúde, mas nunca lhe tirariam a escolha de servir a Deus e ser fiel a Ele.

E agora, sob a recomendação da polícia secreta, o governo comunista iria exilá-lo em uma prisão na fronteira da Sibéria. Era um preço alto a pagar, mas Nickolai não tinha dúvida de que Deus estaria com ele.

Não desistiria da resolução de guardar os nomes dos membros da sua igreja. Continuaria a ser porta-voz de Deus, independentemente de onde vivesse. Testemunharia de Deus, a qualquer custo.

E quem poderia saber? Talvez o Espírito Santo o usasse para fazer coisas ainda maiores para Deus do que aquelas que ele já estava fazendo. O tempo se encarregaria de dizer.

CAPÍTULO 3

Nickolai acordou com um tranco, ao sentir que o maquinista aplicava os freios a ar no comboio de vagões. O Sol ainda não raiara, mas faixas de magenta tingiam o horizonte enquanto Nickolai, sonolento, olhava para fora das janelas do vagão. Apenas poucas horas antes, o suave movimento do trem o acalentara com um sono intermitente. Algemado ao assento, fora difícil esticar-se numa posição confortável.

Sentou-se rígido e notou que a maioria dos outros passageiros ainda dormia. Alguns se estendiam sobre a parte superior dos beliches, alguns se

atravessavam sobre os assentos inferiores como ele, enquanto ainda outros se esparramavam pelo corredor, no chão.

Na tarde anterior, dois soldados do exército haviam embarcado no trem com Nickolai e dois outros prisioneiros, com destino à cidade de Omsk. Pouco sabiam dos detalhes da viagem, exceto que acabariam num campo de prisioneiros na Sibéria.

Nickolai tentou conservar uma atitude positiva, apesar de sua condição desconfortável, que incluía ficar algemado o tempo todo, exceto no momento de usar o banheiro – e, ainda assim, um guarda ficava do lado de fora da porta. Não era muito, mas Nickolai se sentia grato pelo saquinho de pão e a caneca de água que os prisioneiros recebiam cada dia. A ração era escassa, mas, enquanto o trem rumava para o leste ao longo dos trilhos, a mente de Nickolai retornava a um verso conhecido na Escritura: “O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas” (Isaías 33:16). As palavras do texto lhe serviam de conforto, quando ele pensava no cumprimento literal dessa promessa.

A viagem era tediosa, mas Nickolai sabia que, mesmo naquele trem, ele devia estar pronto a falar de Deus e testemunhar de sua fé. Em algum momento, durante a primeira manhã no trem, Nickolai começou a conversar com um senhor de meia-idade sentado ao seu lado. A face do homem parecia tensa e cansada, mesmo após o repouso da noite. Quando Nickolai expressou interesse e preocupação, o homem apresentou-se como Yuri e disse que estava retornando para casa, na cidadezinha de Krasnodon. Trabalhava na cidade de Kharkov, mas sua esposa e filhos moravam em Krasnodon, cuidando da horta no sítio da família. Era difícil, para a família, ficar separada o tempo todo, mas, como a maioria das famílias na Ucrânia, era a única forma de manter-se financeiramente.

Yuri havia recentemente recebido uma carta de casa, relatando-lhe que sua esposa estava doente e que seria melhor que ele tomasse o trem seguinte para Krasnodon. “Ela tem hemorragias, geralmente do nariz”, confidenciou Yuri. – Os médicos fizeram tudo o que podiam, mas a situação não é boa. Uma vez, no ano passado, ela sangrou tanto que precisou ficar no leito por mais de uma semana, até conseguir recuperar as forças.

Ele fez uma pausa e depois continuou: – Sua condição é grave outra vez, e não sabemos o que está causando o sangramento ou como estancá-lo. Temo que eu vá perdê-la, e isso me assusta mais do que qualquer outra coisa que já

enfrentei na vida.

A voz do homem ficou mais sombria. – Isso a assusta também – acrescentou, e Nickolai pôde ver claramente o medo estampado no rosto dele. – A morte é um lugar escuro; ninguém sabe o que acontece a uma pessoa quando ela morre.

Nickolai ouviu o homem e viu a necessidade desesperada nos seus olhos. Sabia que aquele homem precisava de conforto. Se Nickolai pudesse dar-lhe um raio de esperança que fosse, tinha certeza de que estaria prestando auxílio.

Assim, Nickolai começou a contar-lhe histórias sobre Jesus e o poder de cura que Deus traz a uma vida. Explicou a Yuri que ele não precisava se preocupar com a morte, porque o Criador da vida tinha vencido a morte. Jesus, o Filho de Deus, morrera pelos pecados do mundo e depois ressurgira dentre os mortos. Ele está no Céu agora, e tem o poder de dar a vida eterna a todos os que a aceitam.

– Você é sacerdote? – perguntou Yuri, de repente. – Você fala de Deus como se O conhecesse bem e fala do futuro como se já o tivesse visto.

Nickolai sorriu gentilmente. – Sou pastor – admitiu –, e amo muito a Deus. Quanto ao futuro, tenho um livro maravilhoso que me diz o que esperar, de modo que eu possa estar pronto para a sua chegada.

– Eu gostaria que lhe fosse possível ir à minha vila – disse Yuri. – Minha esposa ficaria muito feliz em conhecê-lo, tenho certeza. Talvez você pudesse até ajudá-la em sua enfermidade.

Foi então que Nickolai contou a Yuri e aos outros passageiros por que ele estava no trem como prisioneiro. Falou sobre suas igrejas e sobre como todos amavam a Jesus. Falou de sua recusa em dar à KGB os nomes de todos os seus membros.

Ninguém disse nada enquanto Nickolai contava sua história. Pela expressão dos semblantes, ele sabia que muitos dos passageiros simpatizavam com ele em sua difícil situação e pela injustiça de sua sentença. Naturalmente, ninguém ousou expressar seus verdadeiros sentimentos, com medo de ser acusado como simpatizante e acabasse sendo enviado a um campo de prisioneiros, à semelhança de Nickolai.

Yuri inclinou a cabeça, desalentado, quando entendeu que Nickolai não poderia ir à sua casa e orar por sua esposa, como desejava. Contudo, o que ele disse a seguir surpreendeu até Nickolai.

– Você oraria por minha esposa agora mesmo? – perguntou ele.

Lágrimas encheram os olhos de Nickolai, ao testemunhar a medida da fé que Yuri obtivera nos poucos minutos durante os quais haviam conversado.

O vagão ficou em silêncio, enquanto Nickolai curvava a cabeça e orava pela esposa enferma de Yuri e seus filhos. Parecia que o Céu chegara perto, e o Espírito de Deus pairava por ali.

Quando Nickolai terminou a oração, notou um ar solene no rosto de muitos passageiros a bordo. Era como se eles entendessem a dor pela qual Yuri passava, mas parecia que a oração de Nickolai os havia tocado pessoalmente, também.

Quando o trem se aproximou de Krasnodon no fim daquela tarde, Yuri agradeceu a oração de Nickolai por sua esposa e família. E expressou seu desapontamento, porque nunca mais veria Nickolai.

– Anime-se! – Nickolai desafiou Yuri. – Nós nos encontraremos outra vez no Céu, um dia.

Diante disso, vários outros passageiros começaram a prestar atenção de novo, e alguns chegaram a sentar-se perto de onde Nickolai e Yuri conversavam.

– Por Jesus nos amar tanto, Ele nos deixou algumas palavras muito especiais. Ele não quer que desanimemos enquanto aguardamos Sua vinda para nos levar com Ele para o lar. “Não se turbe o vosso coração” – começou Nickolai –; “credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, Eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também” (João 14:1-3).

Enquanto o trem parava na estação, Nickolai orou uma vez mais pela esposa e os filhos de Yuri e depois por todos os presentes naquele pequeno círculo no trem. Novamente, Nickolai clamou ao Médico dos médicos para que fizesse pela esposa de Yuri o que os doutores não haviam podido fazer e mais uma vez sentiu a proximidade do Espírito Santo. Foi uma experiência solene e inspiradora.

Houve muitas lágrimas quando Nickolai terminou a oração e muitos apertos de mão e abraços. Era como se Nickolai fosse um apóstolo cristão se despedindo de seus fiéis membros em uma de suas viagens missionárias ao redor do mundo.

CAPÍTULO 4

Durante os dias seguintes no trem, Nickolai levou muitas outras pessoas a Deus. Várias entregaram o coração a Jesus e se tornaram cristãs. Nickolai não teve condição de batizá-las, mas as incentivou a procurar um pastor adventista e pedir que fizesse isso por elas.

Depois de o trem ter viajado por vários dias na direção leste, finalmente se aproximou da cidade de Omsk. Nickolai ouvira que os prisioneiros seriam transferidos para outro trem quando chegassem a Omsk, mas essa foi toda a informação que obteve. Até ali, ninguém lhe havia dito até onde iriam ou quanto tempo levaria a viagem toda. A julgar pela distância ao porto no Mar do Norte e pela velocidade do lerdo trem, Nickolai calculou que a viagem duraria pelo menos dez dias.

Quase ao pôr do sol do sexto dia, o trem chegou a Omsk, uma cidade conhecida por sua indústria e produção de petróleo. Em seguida, Nickolai e os outros prisioneiros foram transferidos para um trem que se dirigia ao norte. Já escuro, o trem cortava as planícies rumo ao Mar do Norte, e Nickolai se havia acomodado outra vez para o restante da viagem.

Quase não havia passageiros nesse trecho da viagem, porque agora estavam num trem de carga. Na verdade, além dos três prisioneiros e dos dois soldados que os guardavam, os únicos outros viajantes eram o maquinista, o foguista e meia dúzia de outros operários que assumiram sua posição perto da extremidade do trem.

Nickolai e seus dois colegas prisioneiros foram confinados num vagão de correspondência. Pesados grilhões se prendiam agora às suas pernas, bem como aos pulsos, de modo que não lhes seria possível escapar. Nickolai sorriu sozinho ao olhar pela janela do vagão da correspondência e observar a paisagem que passava lentamente. Mesmo que pudesse escapar naquele deserto, para onde iria?

Enquanto o trem andava sinuosamente rumo ao norte, a região se tornava cada vez mais plana e repleta de pântanos cobertos de musgos. Agora não se viam árvores no desolado terreno.

Por três longos dias, o trem arrastou-se na direção norte, atravessando a tundra infestada de mosquitos e contornando pequenos lagos pantanosos, mas

apenas uma ou duas vezes Nickolai viu alguma aldeia. Chegou a ver rebanhos de renas, e de vez em quando alguns caçadores seguindo os rebanhos. Nickolai se perguntava como seria estar na tundra aberta. Teria ele liberdade para ir e vir na prisão, se quisesse, ou ficaria trancado a maior parte do tempo? Era em momentos como esse que Nickolai se questionava quanto às decisões que havia tomado nas últimas semanas.

Mas, aí, ele se lembrava de sua comissão. Era pastor para Deus e evangelista para o mundo. Se Deus precisava dele em Kiev, então seria ali que ele pregaria. Se Deus o quisesse num trem, levando esperança e a luz da salvação aos desanimados, então seria essa a sua tarefa. E, se Deus o quisesse num campo de prisioneiros na Sibéria, então que fosse na Sibéria.

Esse tipo de atitude sustentava a fé de Nickolai e lhe dava coragem para enfrentar aquilo que, segundo sua imaginação, poderia acontecer.

Em algum momento, nas primeiras horas da manhã do terceiro dia, o maquinista aplicou o freio. Enquanto Nickolai se mexia, o trem reduziu a marcha a parou por completo. O Sol ainda não surgira, mas, na penumbra do céu do norte, Nickolai pôde ver claramente a paisagem.

Não havia estação ferroviária, não havia aldeia, nem mesmo uma cabana ou estábulo de cavalos. À luz do luar, era óbvio que nada havia ali a não ser musgos, líquenes e o insignificante capim da tundra da Sibéria ocidental. A paisagem era a mais desolada que ele já havia visto.

O ar era úmido e fresco. O mês de junho chegara, e com ele, os longos dias do País do Norte. Com efeito, encontravam-se tão ao norte que, realmente, nunca chegava a ficar completamente escuro à noite. Nessa época do ano, o Sol se punha por volta das onze horas da noite, mergulhando abaixo do horizonte, e raiava de novo em torno das três e meia da manhã.

Os três prisioneiros desembarcaram do trem e, com eles, os dois soldados que os guardavam. Os soldados puxaram meia dúzia de sacos do carro da correspondência e os deram aos prisioneiros, para que os carregassem.

Quando o trem se afastou e desapareceu na direção norte, todos os grilhões e algemas foram removidos dos prisioneiros. Escapar não fazia sentido. Eram milhares de quilômetros de casa e centenas de quilômetros da estação ferroviária ou aldeia isolada mais próxima.

Andryi, um dos prisioneiros, ficou zangado. – Ainda temos que caminhar! – protestou ele.

– É isso! – Um dos guardas balançou o seu rifle diante do rosto de Andryi.

– Este é o fim da linha para você! O resto do caminho é a pé! E, no caso de não ter notado – rosnou ele –, nós, os guardas, é que devíamos estar reclamando, não você! Nós também temos que caminhar e nem sequer somos criminosos.

Andryi olhou, carrancudo, para os dois soldados. – Bem, a que distância fica? – resmungou ele.

O outro soldado adiantou-se, impaciente. – Se andarmos bem, podemos chegar ao campo tarde da noite. E se eu fosse você – rosnou ele –, não pensaria em fazer muitas paradas para descanso. Os lobos da tundra, aqui, são bem grandes. É junho, de modo que eles podem não estar com tanta fome, mas eu não me arriscaria. Já vi alguns grandes derrubarem um cavalo com uma patada.

– E agora andem! – o primeiro guarda apontou para o leste com sua arma. – O campo de prisioneiros fica nessa direção. Marchem!

Com isso, os homens saíram em meio à úmida escuridão. Não havia lanternas, nem tochas, apenas a Lua no céu, o sombrio horizonte ao norte e as estrelas que ainda brilhavam antes do alvorecer.

CAPÍTULO 5

O Sol raiou e os homens continuaram atravessando a paisagem siberiana. O clima era razoavelmente agradável, mesmo com o Sol brilhando em plena força. Uma leve brisa soprava, mas não
o suficiente para afastar os mosquitos, borrachudos e maruins, que voavam ao redor dos homens.

Nickolai e os outros não se haviam banhado por algum tempo, e isso acabou sendo um repelente natural contra os insetos.
Moscas e mosquitos acharam desagradável o cheiro de suor azedo e voejavam ao redor por apenas alguns segundos antes de se afastar.

Infelizmente, isso não bastava como repelente para os maruins – eles eram os piores. Eram tão minúsculos, que ficava difícil vê-los, mas ali estavam eles. Entravam nos olhos, ouvidos e nariz das pessoas. Penetravam no cabelo

e sob as dobras da roupa. Lugar nenhum parecia ficar fora do limite desses insetinhos irritantes!

Por fim, Nickolai passou barro do pântano sobre o rosto, o pescoço e as mãos, para impedir que os insetos o incomodassem. Quando os outros homens viram como o lodo protegia Nickolai, seguiram seu exemplo.

Havia uma rústica trilha através da tundra, e Nickolai achou que devia ser o caminho para o campo de prisioneiros. Não era uma trilha fácil de percorrer, especialmente por causa dos atoleiros e pântanos por toda parte. E era cansativo desviar-se desse lodaçal mole.

Nem uma alma sequer aparecia nos arredores. À medida que o dia passava, sem sinal de vida humana, o mais estranho tipo de pânico se apoderou de Nickolai. Sentia como se estivesse caminhando para a extremidade do último deserto da Terra, onde existia apenas a solidão absoluta. Com certeza, não poderia existir vida humana num local tão remoto.

Mas, então, ele se lembrava de sua decisão e missão. Para onde quer que se encaminhasse, era ali que Deus precisava dele. “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mateus 24:14). Essas eram palavras de uma das passagens favoritas de Nickolai na Escritura e faziam com que se lembrasse de seu compromisso com Deus. A ideia o acalmou um pouco, e, depois de algum tempo, conseguiu recuperar a serenidade.

Os homens prosseguiram andando depois do entardecer, mas, como o Sol se punha tão tarde nessa época do ano, o caminho continuava claramente iluminado. Então, justamente no momento em que o Sol descia abaixo do horizonte, Nickolai vislumbrou algumas construções à distância.

Todos apressaram o passo. Até ali haviam chegado. Depois de onze dias com pão, água e algemas, a jornada, por fim, terminara.

Ao se aproximarem do campo de prisioneiros, enquanto o crepúsculo do verão ártico descia com sombras que se aprofundavam, ainda havia luz suficiente para que Nickolai fizesse uma avaliação do local.

Parecia que o campo tinha uma cozinha e um refeitório, e, naturalmente, alojamentos para a morada dos prisioneiros. Havia outros celeiros e cabanas também, e uma enorme horta, possivelmente do tamanho de um hectare. E, localizado proeminentemente no centro do campo, havia um prédio que parecia uma espécie de sede administrativa.

Todavia, o que mais surpreendeu Nickolai foram os materiais da construção. A maioria das edificações não era feita de madeira – e sim com a terra da tundra. Ele ouvira falar de lugares onde o solo, com as raízes da relva, era cortado do chão em blocos e empilhado como tijolos para formar as paredes, mas Nickolai, na verdade, nunca tinha visto isso com os próprios olhos.

A maior parte dos prédios era feita desses torrões de barro, com exceção da cozinha e da sede administrativa. A madeira usada no acampamento devia ter sido trazida por carroções puxados a cavalo. Não havia outro jeito de obtê-la ali, calculou Nickolai.

A construção dos prédios era bastante simples, com altas chaminés saindo de coberturas de metal corrugado e com grande inclinação, destinadas a impedir o acúmulo das pesadas neves siberianas. Portas pequenas e muito poucas janelas restringiam ao mínimo as aberturas nas construções. Não havia dúvida de que isso ajudava a conservar o calor do qual precisariam nos longos e gelados invernos à frente, como Nickolai bem sabia.

Na frente do prédio que parecia ser a sede administrativa, tremulava com a gentil brisa uma bandeira da URSS, com a foice e o martelo aplicados sobre ela. Nickolai percebeu que, mesmo naquela região remota, os prisioneiros e guardas tinham um senso de patriotismo e orgulho nacional.

Quando o grupo de cinco homens chegou ao campo, causou até um alvoroço. Era tarde, mas assim mesmo os prisioneiros, como também os guardas, começaram a sair dos alojamentos e outros prédios. Era óbvio que a maioria deles acordara do sono, mas isso não pareceu incomodá-los.

Era o primeiro contato que qualquer deles tinha com o mundo exterior, depois de meses. Todos se reuniram em volta, curiosos para ver os novos prisioneiros. Os soldados haviam trazido correspondência para os oficiais e guardas em serviço, e havia até uma ou outra carta selecionada para alguns dos prisioneiros. Mas, principalmente, os internos ficaram alegres só de ver rostos novos e tomar conhecimento das últimas notícias.

Quando a agitação toda se acalmou, o diretor da prisão apareceu vestido com um camisolão. Examinou os prisioneiros com olhos injetados de sangue. Parecia que estivera bebendo, mas Nickolai
não se surpreendeu. Até nesse lugar tinha que haver vodca.

Havia vodca por toda parte na Rússia. As pessoas se embebedavam com ela para espantar preocupações e aflições. Também a usavam com propósitos

medicinais, pingando-a sobre cortes, feridas e infecções. Usavam-na até nos carros durante o inverno, para impedir que radiadores e tubos do combustível se congelassem.

E, certamente, o diretor costumava bebê-la para esquecer a solidão do lugar. Enquanto Nickolai estudava o rosto do oficial, teve a curiosidade de saber de onde seria a família daquele homem. Teria esposa? Filhos? Parecia estar na faixa dos quarenta e poucos anos. Era considerado um oficial militar?

Parecia que o homem deixara de se importar com a própria aparência, mas Nickolai não tinha ideia de qual era a norma para os oficiais em postos distantes como aquele. Será que alguém, ali, realmente se importava com a aparência de um oficial? Nickolai achou que, talvez, não.

Em meio ao lusco-fusco, Nickolai pôde ver o rosto do diretor, com barba por fazer. Ele tinha o cabelo grisalho, e Nickolai precisou sorrir. Pelo menos, o homem ainda tinha uma cabeça cheia de cabelos. Nickolai passou a mão sobre o próprio couro cabeludo ralo, lembrando-se de que tinha menos cabelos que o diretor, embora este parecesse mais velho.

O diretor cumprimentou os prisioneiros com mau humor e depois virou-se para retornar aos seus aposentos. Com um gesto de mãos, mandou que um guarda os levasse para um breve tour do campo.

Nickolai se surpreendeu ao descobrir que havia aproximadamente 300 prisioneiros ali. A prisão não parecia ser grande o suficiente para esse número, mas, a julgar pela superlotação dos beliches nos alojamentos, ele podia crer nisso. Uns 20 a 30 prisioneiros se amontoavam num pequeno quarto com espaço suficente para, quem sabe, 10 ou 12. O único espaço que Nickolai poderia considerar seu era sua própria cama do beliche, que media pouco mais de um metro e cinquenta centímetros. Tábuas mal aplainadas formavam as ripas que constituíam a estrutura de cada cama.

Nickolai franziu a testa ao olhar em volta e para cima, para a cobertura de zinco do alojamento. Gostando ou não, esse seria seu novo lar. Quanto antes se acostumasse com ele, tanto melhor.

CAPÍTULO 6

Perto da meia-noite, Nickolai finalmente se deitou no beliche, com os pés pendendo para fora da extremidade da cama. Sem poder dormir, sua mente passou em revista a estranheza do novo ambiente.

Uma vez mais, Nickolai impressionou-se com o isolamento do lugar e a simplicidade do campo. Não havia muros ao redor da prisão, não havia arame farpado nem guaritas com guardas. Os guardas nem sequer carregavam armas. A própria natureza de uma prisão como aquela desafiava toda a lógica sobre o que se podia e devia esperar do local.

Havia, obviamente, uma cadeia de comando de alto a baixo, como Nickolai aprenderia logo. O diretor administrava o campo de prisioneiros e prestava contas aos oficiais superiores do governo. Abaixo dele estavam os oficiais imediatos, a cargo de várias funções no campo. Havia quatro oficiais juniores. Um estava encarregado dos guardas e, portanto, indiretamente, dos prisioneiros. Um segundo cuidava de unidades de trabalho, e assim por diante.

E os prisioneiros também prestavam contas a uma hierarquia entre suas próprias fileiras. Aqueles que estavam na prisão havia mais tempo pareciam ter mais autoridade, mas nem sempre. Se um homem fosse grande o suficiente, forte o suficiente ou assustador o suficiente, podia ganhar poder e prestígio entre os prisioneiros.

Mas, independentemente do *status* de um prisioneiro, a fuga estava fora de questão. Nickolai tinha certeza disso. Mesmo com o clima quente, tentar uma coisa assim parecia completamente insensato. O alimento, para começar, seria um problema, ainda que alguém conseguisse escapar dos guardas que, sem dúvida, seriam mandados em seu encalço. Quanto alimento precisaria alguém carregar a fim de sobreviver à marcha rumo à civilização, a centenas e centenas de quilômetros?

Nickolai sabia que animais selvagens viviam nas extensas planícies, mas ele vira muito poucos. Rebanhos de renas percorriam o campo aberto, como ele observara durante a viagem de trem, mas Nickolai duvidava de que um homem sozinho, a pé, sem armas, conseguisse pegar uma rena, por mais desesperadamente que tentasse.

Naturalmente, havia lobos da tundra, coelhos do Ártico, corujas das neves e os muitos tipos de lemingues e ratos que viviam naquelas regiões, como lhe haviam contado. Mas todos eles eram considerados imundos, segundo os padrões bíblicos. Nickolai sabia que, mesmo se pudesse apanhá-los, jamais

seria capaz de comer esse tipo de carne, por mais faminto que estivesse.

A ideia de escapar era absurda, na melhor das hipóteses – e que sentido faria, no fim das contas? Todos estavam juntos nessa localização remota – o diretor, os oficiais do campo, os guardas e os prisioneiros. A fim de sobreviver à dureza desse ambiente, cada um devia fazer sua parte, mesmo que houvesse uma hierarquia. Eles precisavam uns dos outros.

E isso deveria ser suficiente por enquanto. Era tudo o que ele esperava. Ali estava ele, naquele ponto remoto do globo e sem ninguém conhecido. Ninguém que se importasse com o que lhe acontecia. Parecia não haver ninguém com quem pudesse falar de solidão. Seus colegas de prisão deveriam ser seus confidentes e companheiros. Teriam que ser seus amigos.

Mesmo assim, enquanto se mexia e revirava, tentando cair no sono, sua mente começou a entrar em pânico e a gritar em protesto: *Como foi que me meti nisso?*

“Por favor, Senhor!”, ele se ouviu suplicando em tons sussurrantes. “Peço que meu tempo aqui não seja em vão. Usa-me para falar aos outros prisioneiros. Que eles vejam a Jesus em mim. Se puder levar o evangelho a eles e permitir que vejam a Jesus em mim, isso compensaria a dor e o desapontamento de ter que estar aqui.

“Permite que eu seja uma testemunha aos guardas, Senhor. Embora me maltratem, que eu suporte seus insultos e agressões assim como Tu – sem reclamar! Dá que eles vejam que sou diferente, que a paz do Céu se estampa no meu rosto.

“E o diretor? Ele é um oficial russo, formado pelos padrões militares. No seu mundo, não há Deus. Por favor, Senhor, faze com que ele saiba, sem sombra de dúvida, que Tu existes. Se posso ser essa pessoa que o ajude a ver a Ti e Tua graça salvadora, eu me sentiria honrado e disposto a fazê-lo.”

Nickolai começou a sentir a doce paz do Céu pairando sobre ele. Era como uma poção mágica que lhe afetava o corpo todo. Sua oração na cela da prisão e dentro do trem fora para que Deus o usasse, e aos seus serviços, onde quer que ele se encontrasse.

“Senhor, ajuda-me a manter a coragem e dá que eu seja fiel a Ti e à igreja que amo”, ele suspirou. “Aqui permaneço”, e citou as famosas palavras de um livro que ele amava, “não posso fazer outra coisa; Deus, queira ajudar-me. Amém.”

Em algum momento, em meio à penumbra do Sol da meia-noite, Nickolai

finalmente dormiu. E então amanheceu.

CAPÍTULO 7

Nickolai sentou-se, ereto, nas tábuas da cama onde dormira. Tentou limpar o nevoeiro de sua mente cansada para tomar conhecimento dos seus arredores. Onde estava ele? O que estava fazendo ali?

– Em pé, homens! Não temos o dia todo para ficar deitados, tecendo sonhos! Há trabalho para fazer! Em pé!

Nickolai ouviu um estalo e depois um gemido, a curta distância. Virou-se na cama e viu uma pilha de tábuas de um dos beliches, e um homem embaixo delas. Acima dele, um guarda imponente, enquanto faixas de luz solar empoeirada se filtravam pela porta aberta atrás dele.

E Nickolai se lembrou de onde estava.

O guarda dirigiu-se para onde se encontrava Nickolai, mas este pulou e fez posição de sentido, antes que o guarda pudesse golpear sua cama também.

– Assim é melhor! – rosnou o guarda, num tom que Nickolai imaginou ser de satisfação. – Vocês têm trinta segundos para formar fila na frente da cabana! Melhor ainda, vamos ver se conseguem fazê-lo em vinte.

Sem um segundo pensamento, Nickolai saiu em disparada para o Sol da manhã, agora bem acima do horizonte. Mesmo assim, ainda era cedo. Nickolai calculou que não seriam mais que cinco ou cinco e meia da manhã.

Ele piscou diante da claridade e se perguntou como o Sol podia raiar tão cedo naquelas latitudes do norte. Mas, logicamente, com a inclinação do eixo da Terra durante os meses de verão, os lugares ao norte recebiam mais horas de luz do que cidades mais ao sul, como Moscou ou Kiev, a sua terra.

Quando o guarda saiu do alojamento, Nickolai ainda tentava abotoar a camisa e endireitar as calças. Era bom ter botas para calçar e não sapatos para amarrar; caso contrário, não teria tido tempo de chegar tão rapidamente ao pátio, completamente vestido.

Nickolai deu uma olhada em sua aparência. Era verdade que suas roupas não estavam totalmente em ordem e a camisa não estava abotoada por

completo, mas ele se sentiu aliviado por saber que, de algum modo, conseguira ajeitar-se nos poucos segundos que o guarda lhe permitira.

Nickolai tentou, mais uma vez, afastar o nevoeiro dos seus olhos e mente. Não havia como escapar da realidade de suas cercanias. Ele se encontrava num campo de prisioneiros em algum ponto da Sibéria, depois de uma longa viagem de um trem que viera do ocidente.

E uma coisa era certa. Se fosse para sobreviver naquele lugar desolado nos confins da Terra, ele teria que aprender a levantar-se em tempo. Na verdade, levantar-se bem antes de ser chamado seria melhor.

Aquela foi sua primeira manhã no campo e a impressão era de que ele devia saber tudo acerca das regras e regulamentos do lugar. Mas Nickolai estava aprendendo que uma regra parecia dominar sobre todas as outras. “Nunca se atrase!”

Ele se esforçava por cultivar pensamentos positivos enquanto permanecia em posição de sentido na fila de prisioneiros alinhados diante do alojamento. A ideia de ter que fazer isso todas as manhãs, pelos próximos cinco anos, dez anos ou pelo tempo que as autoridades da KGB julgassem necessário puni-lo, era quase mais do que ele podia suportar.

– Por terem chegado atrasados, vocês, rapazes, podem ficar sem o desjejum hoje de manhã! – rosnou o guarda. – Isso vai ensinar-lhes uma lição!

Ninguém se moveu.

– Bem! O que estão esperando? – vociferou ele, enquanto os prisioneiros o olhavam fixamente. – Vocês têm trabalho para fazer! Comecem logo!

– Vocês três! – acrescentou ele de repente, apontando para Nickolai e os outros dois novos prisioneiros. – O diretor quer vê-los imediatamente!

Os três se olharam com as sobrancelhas erguidas, mas quando o guarda se virou e se afastou, encolheram-se e simplesmente se dirigiram ao prédio administrativo. Nickolai achou estranho que os homens no alojamento tivessem sido surpreendidos dormindo. Não estariam acostumados à vida na prisão? E não estavam acostumados a levantar cedo cada manhã, ou seria isso apenas uma encenação para Nickolai e os outros novos prisioneiros?

E por que ele e os outros não foram encaminhados à sala do diretor? Tudo aquilo parecia um tanto estranho, mas Nickolai se lembrou de quão informal era o lugar. Simplesmente se esperava que as pessoas cuidassem do trabalho e cumprissem suas tarefas, imaginou ele.

Nickolai foi o último dos três a ser chamado ao escritório do diretor. Enquanto permanecia do lado de fora, no corredor, perguntava-se o que aconteceria nesse tipo de prisão. Que devia ele esperar? Seria interrogado de novo? Receberia maus-tratos por ser cristão?

Quando Nickolai, por fim, entrou no escritório do diretor, surpreendeu-se diante da simplicidade do local. Embora o diretor fosse um coronel no exército russo, não havia praticamente nada no escritório para guarnecê-lo – uma mesa de carvalho, de tamanho médio, três cadeiras, uma lamparina a querosene e alguns livros numa prateleira empoeirada.

Depois de examinar uma carta oficial que lhe fora enviada pelo malote do trem, o diretor limpou a garganta. – Você teve uma rixa com a KGB.

Nickolai esperou sem dizer nada, já que a declaração do diretor era mais um comentário do que outra coisa.

– Nickolai Panchuk – e o diretor colocou a carta oficial de volta numa pasta sobre a mesa –, não preciso de pregadores! Na minha opinião, vocês, pregadores, são um bando de rebeldes!

O diretor desceu o punho com força sobre a mesa. – Vocês acham que podem mudar o mundo! – resmungou ele. – Bem, tenho novidades para você! A pátria-mãe está bem do jeito que está! A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é a maior nação que o mundo já conheceu! Não precisa de nenhuma ajuda! – O diretor olhou para Nickolai com os olhos apertadinhos. – Você me entende, Panchuk?

– Sim, senhor! – Embora Nickolai fosse cristão e não concordasse com as táticas que o governo usava, ainda assim se orgulhava de ser cidadão da URSS. Seu peito se estufava só de ouvir o hino nacional ou ver atletas competindo para a glória da pátria-mãe.

O oficial apoiou-se no encosto da cadeira. – Vou lhe dizer uma coisa, Panchuk. – Ele pareceu acalmar-se um pouco. – Vamos esquecer o motivo que trouxe você até aqui, em primeiro lugar. Se você seguir minhas ordens neste campo, não lhe darei nenhuma perturbação. Deixaremos o passado onde ele está. O que você diz?

O diretor começou a mexer em alguns outros papéis em sua mesa.

Nickolai se perguntava se o diretor entendia plenamente as acusações que pesavam contra ele. Tinha que entender, não tinha? O homem tinha o arquivo de Nickolai! Saberia acerca das igrejas secretas? Esperaria que Nickolai lhe desse a lista dos membros

da igreja?

Claro estava que Nickolai nunca daria essa lista ao diretor. Nem mesmo que o homem o espancasse! Nem mesmo que o homem o matasse. Mas era claro que o diretor não sabia disso. Nickolai se perguntava se devia tocar no assunto e abrir totalmente o jogo naquele momento. Por outro lado, quem sabe devesse deixar que o diretor simplesmente descobrisse tudo por conta própria.

– Quero colaborar, senhor! – O rosto de Nickolai se mostrava imperturbável, enquanto ele permanecia em posição de sentido e olhava direto para a frente.

O diretor se pôs em pé, de repente. – Bom, Nickolai. Fico feliz por ouvir isso. – Um leve sorriso arqueou os cantos da sua boca. – Agora, vou mandá-lo para a carpintaria. Você vai trabalhar com Vadeem, o carpinteiro do campo. Há bastante trabalho para fazer por aqui – anunciou ele.

– E lembre-se, Panchuk – acrescentou, enquanto indicava o caminho para Nickolai –, siga as ordens, e você e eu nos daremos muito bem.

CAPÍTULO 8

Nickolai não acreditava em seus ouvidos. Isso era tudo? Nada de interrogatório? Nada de tortura para conseguir informações há muito tempo procuradas com o “pregador”?

Era bom demais para ser verdade. Não podia ser tão fácil, e Nickolai teve certeza de que haveria futuras confrontações.

Enquanto se virava para sair, Nickolai, de súbito, lembrou-se do maior problema de todos – o sábado. Exigiriam que ele trabalhasse durante as horas do sábado. É isso que acontece quando você é prisioneiro.

Nickolai pensou. Devia dizer algo a esse respeito agora ou esperar até o sábado, quando a questão do repouso viesse à tona?

Instintivamente, Nickolai sabia que seria melhor cuidar disso de imediato, enquanto ainda tinha coragem e contava com a atenção do diretor.

– Senhor – Nickolai parou e se virou –, há algo que pode ser um problema.

Mas o diretor já se ocupava com outras coisas. – Lembre-se, Panchuk. Nada de problemas. Simplesmente obedeça às ordens, e você e eu nos daremos bem.

Com isso, o diretor lhe apontou a porta.

Nickolai passou mais alguns momentos se indagando o que fazer, mas percebeu que seria inútil insistir sobre o assunto agora. O diretor não estava disposto a ouvir, e talvez não fosse o momento certo para essa discussão. Deus tinha Sua própria cronologia a respeito do momento de cuidar dessas coisas, Nickolai refletiu. Seria melhor deixar que Deus resolvesse tudo como julgasse melhor. “Ajuda-me a saber quando será esse momento”, orou ele, silenciosamente.

Nickolai saiu à procura de Vadeem e o encontrou na carpintaria. O carpinteiro ainda tinha o odor pungente de alho no seu hálito, e esse cheiro deixou Nickolai faminto. Alho era um dos seus alimentos favoritos, e saber que havia sido privado do desjejum fez com que fosse duplamente difícil trabalhar e esperar pelo almoço.

Mas Vadeem tinha muita coisa para Nickolai realizar, e isso fez com que ele quase se esquecesse dos roncos do seu estômago. O refeitório precisava de mais bancos de madeira. Depois, havia algumas tábuas do piso da sede administrativa que precisavam ser trocadas, e uma porta do refeitório necessitava de reparos.

Finalmente chegou a hora do almoço. A refeição era simples, mas Nikcolai não se importou. Estava contente por poder colocar algo quente no estômago. O cozinheiro havia preparado *borsch* [tipo de sopa] com beterraba, cebola e repolho. Foi o alimento mais celestial que Nickolai se lembrava de ter provado. E o pão preto russo parecia um bolo para Nickolai, depois de dias no trem com tão pouco para comer.

Naquela tarde, Vadeem disse a Nickolai que eles precisariam consertar alguns dos grandes barris de madeira perto da cozinha. Cada barril continha quase 200 litros de água e era feito com madeira de carvalho. Nickolai precisou deitá-los de lado para rolá-los até a carpintaria, onde Vadeem faria os reparos.

No percurso de volta com o segundo barril, Nickolai notou que um carro de boi estava parado junto à cozinha. A carreta continha dois grandes barris de madeira, cheios com a água de uma fonte localizada a mais de um quilômetro de distância. Oleg, o condutor da carreta, gritava para o boi,

tentando fazer com que ele puxasse o carro um pouco mais para a frente, a fim de que a água pudesse ser levada para dentro da cozinha, mas o boi não se movia um passo à frente.

Talvez o boi estivesse cansado de carregar a água, e talvez fosse apenas teimoso. Ou, quem sabe, estaria cansado do tratamento que vinha recebendo do condutor.

De qualquer modo, era obviamente um desafio, e parecia que tanto o condutor quanto o boi estavam determinados a vencer. Quando o condutor pegou seu chicote e começou a bater no focinho do boi, Nickolai entrou em ação. Ele sabia que, provavelmente, não seria sábio se envolver, já que aquele era seu primeiro dia no campo, mas não suportou ver o animal sendo maltratado.

– Espere aí! – disse ele ao condutor. – É óbvio que o boi é teimoso demais, em favor de seu próprio interesse! Por que não tentamos algo diferente?

Nickolai tentou não olhar para o condutor. Ele estava interferindo onde poderia não ser aceito, mas sentia que precisava tentar.

– Qual é o nome dele? – Nickolai perguntou, como quem não quer nada, enquanto se aproximava do boi e dava um tapinha no pescoço grosso e musculoso.

– Maksim, acho eu – respondeu o prisioneiro. – Nunca uso esse nome, mas acho que é o nome dele.

– Os animais são como as pessoas – disse Nickolai. – Gostam de ser convencidos a fazer alguma coisa e não espancados para se submeter.

Nickolai deu outro tapinha no pescoço do boi e se inclinou para a frente, a fim de cochichar algo no ouvido dele. Depois, segurou um cabresto ao redor do pescoço do boi e o puxou para a frente, enquanto continuava a falar com o animal.

A técnica deu resultado. Em questão de segundos, o boi havia puxado a carreta alguns metros para a frente, de modo que o condutor pôde descarregar os barris e colocá-los sobre um estrado, do lado de fora da cozinha.

Naquela noite, após a refeição, Nickolai foi ao estábulo onde encontrou Maksim ruminando mansamente a grama dos charcos da tundra. Nickolai sentou-se ao lado do grande animal e observou-o, enquanto ele comia. Sentiu pena dele. Em certo sentido, achou que entendia como Maksim devia sentir-se. A função do boi era trabalhar todos os dias, dia sim e outro também, semana após semana, sem descanso. Esse parecia ser o seu único propósito

na vida.

E era um prisioneiro como Nickolai. Não era seu próprio chefe. Não podia ir e vir, como quisesse. Seu trabalho era carregar água da fonte, e provavelmente continuaria sendo, até o dia em que morresse.

Após essa primeira visita noturna a Maksim, Nickolai passava pelo estábulo todas as noites, para levar ao boi alguma coisinha do refeitório. Às vezes, era uma beterraba ou um talo de repolho. Às vezes, era só uma cenourinha, mas as conversas que ele tinha com Maksim eram o que mais ajudava Nickolai.

Nickolai teve certeza de que estava obtendo muito mais benefício das visitas do que Maksim, mas o animal parecia apreciar a companhia. Os monólogos ajudavam Nickolai a lidar com a dor de estar tão longe de casa. Quando ele sentia que poderia entrar em pânico por causa da solidão que ameaçava oprimi-lo, o velho Maksim o olhava com seus grandes olhos castanhos e apenas escutava.

E, assim, um relacionamento começou a se formar entre Nickolai e Maksim. Era um tônico maravilhoso para o espírito de Nickolai, e o ajudou a lidar com o desânimo daqueles primeiros dias no campo.

CAPÍTULO 9

À medida que transcorria a semana, Nickolai sabia que o problema do sábado não iria desaparecer. Ele teria que enfrentá-lo. Por várias vezes, pensou em como levar a notícia ao diretor, mas parecia não haver um jeito bom de fazê-lo, tampouco um momento bom. O diretor era reservado e não convidava muitos visitantes ao seu escritório. Uma coisa era certa: ele tinha o arquivo de Nickolai no escritório e, mais cedo ou mais tarde, provavelmente, essas informações seriam usadas contra ele.

O sábado não havia sido um problema específico nas anotações sobre Nickolai – o que lhe havia causado problema fora sua indisposição de colaborar com a KGB e dar-lhe a lista dos membros da igreja. Mas seria o sábado um problema agora? Nickolai nem imaginava que não fosse, já que o

diretor lhe havia enfatizado que obedecer às regras do campo era extremamente importante. E Nickolai não tinha conhecimento de que houvesse algum dia de descanso ou recreação.

Quando chegaram a quinta-feira e a sexta-feira, Nickolai sabia que a hora de pôr as cartas na mesa era iminente.

Na manhã de sábado, muito antes que os galos cantassem no galinheiro, Nickolai estava em pé, inquieto e aguardando que a vontade de Deus se revelasse. “O que tens reservado para mim?”, suspirou Nickolai, enquanto se ajoelhava em meio às sombras do despontar do dia no alojamento de barro. “Sei que me queres como testemunha Tua, e sei que posso ter que sofrer por Tua causa, mas como saberei dos Teus planos para mim?”

A voz de Deus, porém, estava estranhamente quieta, e Nickolai sabia que aquela era uma das ocasiões em que ele teria simplesmente que esperar a guia de Deus.

Quando ele ouviu que os outros prisioneiros em seu alojamento começavam a se movimentar, soube que o momento se aproximava rapidamente. E como Deus não lhe dissera o que fazer, Nickolai tomou uma decisão – ele iria para a chamada, mas não para o desjejum ou o local de trabalho. Após a chamada, ele retornaria ao alojamento para jejuar e orar. Viesse o que viesse, era essa a sua decisão, e ele seria leal a ela.

E foi assim. Foi como se Deus estivesse esperando que Nickolai tomasse uma decisão acerca do sábado, para então agir com base nela. Foi esse momento de decisão que deu a Nickolai a confiança que lhe faltara durante a semana toda. De repente, ele via as coisas claramente, como se uma janela de oportunidade houvesse sido aberta.

Ele se encontrava no limiar de outro grande momento em sua vida. Sentia que as coisas se tornariam muito difíceis para ele, agora que tomara a decisão, mas queria enfrentá-las de qualquer maneira.

Após a chamada, fez exatamente conforme tinha planejado. Retornou ao alojamento, ajoelhou-se no chão duro de terra batida junto ao seu beliche e começou a orar. Cada momento que passava, levava-o para mais perto da inevitável confrontação que, como ele sabia, estava para chegar.

Mas ela não veio tão rapidamente como ele havia esperado, e ele devia ter imaginado por quê. Ninguém sabia, exceto Vadeem, que ele não aparecera para trabalhar, e o carpinteiro podia simplesmente pensar que Nickolai fora solicitado a trabalhar em alguma outra ocupação naquele dia.

Mas, por fim, o momento da verdade chegou. Por volta da metade da manhã, Nickolai ouviu um dos guardas falando com outro prisioneiro do lado de fora.

– Onde está Panchuk? – indagou a voz ameaçadora.

– Eu não o vi – foi a resposta.

Era quase meio-dia quando Nickolai foi finalmente descoberto no alojamento e, quando isso aconteceu, pareceu que o mundo todo estava desmoronando.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou o guarda. – Está doente?

Nickolai sabia que se dissesse que estava doente, eles até poderiam dar-lhe uma folga para o resto do dia, mas isso não resolveria o problema. Na semana seguinte, ele ficaria no alojamento outra vez, e a possibilidade de que estivesse doente por dois sábados consecutivos certamente daria motivo para suspeitas. Nickolai sabia que necessitava lidar, naquele momento, com a questão do sábado. Precisava enfrentar o problema decididamente, sem se importar com as consequências. Era o único caminho.

– Não estou doente – respondeu Nickolai com simplicidade, pondo-se em pé.

– Então por que você está aqui? – perguntou o guarda, incrédulo, como se esperasse algum tipo de resposta ridícula. E recebeu uma.

– Não posso trabalhar hoje porque é o sábado, o sétimo dia do Senhor, meu Deus.

– Sétimo dia o quê! – gritou o guarda, imóvel como um cepo.

– O sétimo dia é o santo sábado de Deus, e sou proibido de trabalhar nesse dia. A Bíblia é muito...

– A Bíblia! – Nickolai foi interrompido pelo guarda. Era óbvio que ele não esperava essa resposta, e isso deu a Nickolai a oportunidade de levar adiante a explicação.

– A Bíblia é a santa Palavra de Deus, e nela Ele diz que devo adorá-Lo no sábado, como lembrança da criação do mundo. – Nickolai teria gostado de dizer mais, porém sabia que o guarda não permitiria que ele concluísse, e tinha razão.

– Não sei do que você está falando! – interrompeu-o novamente o guarda, recuperando-se, por fim, da surpresa. – Não importa que dia é! Por aqui temos trabalho todos os dias! Vamos andando, Panchuk! Não admitirei nenhum preguiçoso neste alojamento!

Mas Nickolai não fez nenhum movimento para ir, e isso enfureceu o guarda ainda mais.

– Vou ensinar você a não desobedecer às ordens! – gritou ele de novo, com o rosto vermelho de raiva. Puxou um cassetete do cinto e começou a bater na cabeça e nos ombros de Nickolai.

Nickolai não teve tempo de fazer coisa alguma a não ser cobrir a cabeça com os braços e as mãos. Doía, mas ele conseguiu desviar-se dos piores golpes da agressão.

– Agora vá para o trabalho que lhe corresponde! – gritou o guarda. – Vadeem está procurando você! – Tanto Nickolai quanto o guarda respiravam com dificuldade a essa altura, mas Nickolai não fez menção de sair.

– Sinto muito, mas não posso trabalhar – Nickolai repetiu as palavras em voz baixa. – Estou proibido de trabalhar no santo dia de Deus.

Diante disso, o guarda soltou uma enxurrada de grosserias e começou a bater em Nickolai com os punhos, sem misericórdia. Depois, agarrou Nickolai pelo colarinho e o arrastou para fora da porta, para o pátio do alojamento.

A essa altura, o tumulto era tão grande que outros prisioneiros olharam na direção deles para ver qual era a causa daquele barulho.

– Vamos ver o que acontece com o seu santo sábado dos sete dias! – berrou ele, incontrolavelmente. – Vou levá-lo ao diretor e ver o que ele diz de tudo isso. Ele sabe o que fazer com gente como você!

CAPÍTULO 10

Momentos depois, Nickolai estava diante do escritório do diretor. Embora ainda estivesse em pé, sua aparência era lamentável. O rosto começara a inchar devido ao espancamento que recebera na cabeça. Um olho estava ficando preto, sua camisa ficara quase esfarrapada e o cabelo, coberto com terra e palha.

– O que significa isso? – indagou o diretor, saindo do escritório. Quando ele viu Nickolai, começou a andar em volta dele.

– Ele insiste que não pode trabalhar hoje porque é uma espécie de dia santo! – disparou o guarda.

– Dia santo, é? Muito bem, Yuri – o diretor dirigiu-se ao guarda. – Vejo que você procurou esclarecer esse homem quanto ao costume do nosso campo. Você merece elogios.

A essa altura, Nickolai mal podia ver com o olho que se fechava, de tão inchado. Ele, na verdade, estava sofrendo pela decisão que tomara de santificar o sábado de Deus, mas não se importava. Era um preço pequeno a pagar, comparado com o sofrimento que Jesus suportara em seu favor. Que mal haveria em sofrer um pouco por Ele?

O diretor dirigiu-se novamente a Nickolai. – O que você tem a dizer em sua defesa, desordeiro?

– É verdade – admitiu Nickolai. Embora não pudesse ver claramente, seu olhar se dirigia para a frente, sem fixar-se diretamente no diretor.

– Bem, espero que tenha aprendido a lição – a voz dele soou açucarada como um xarope, enquanto se colocava diante de Nickolai. Mas, por trás dela, Nickolai sentiu que o homem podia ser cruel.

– Está pronto a voltar ao trabalho? – Ele se pusera bem na frente do prisioneiro, com o nariz a centímetros do rosto de Nickolai.

– É o dia santo de Deus. Não posso trabalhar no sábado.

Os olhos do diretor se mostraram frios como aço. – Você não pode trabalhar? – perguntou, simplesmente, com a voz estranhamente calma, porém Nickolai identificava o desdém por trás da calma exterior e percebia que o pior ainda estava por vir.

– Não no dia santo de Deus.

– Essa é sua resposta final?

– Sim, senhor.

– As consequências serão severas. – A voz do diretor ainda estava controlada, mas a tensão crescia.

– É minha decisão, senhor. Estou disposto a receber o castigo.

– E vai receber mesmo. – O diretor virou-se para Yuri com gelo na voz e revelou um brilho frio nos olhos. – Vá pegar o chicote no meu escritório. Desnude o pregador até a cintura e amarre-o ao mastro da bandeira. Veremos quão forte é esse rapaz.

Nickolai foi corajoso, mas achou difícil deixar de gritar de dor. O oficial, na verdade, colocou Nickolai no centro das atenções, ao açoitá-lo sem

misericórdia com o chicote. Por fim, Nickolai desabou no chão, inconsciente, e foi só então que o diretor parou, para tomar fôlego.

Enxugou o suor da testa e entregou o chicote a Yuri. – Desamarre-o. Quando ele voltar a si, pode achar o caminho de volta ao alojamento.

E, com isso, o diretor voltou para o escritório. Yuri olhou enquanto ele se afastava, sem surpresa, mas com seriedade diante dessa exibição de fúria do diretor. Fazia um longo tempo desde que ele vira o diretor açoitar um prisioneiro daquele jeito, e foi um tanto perturbador, para ele, ver o prazer com que o fizera.

Ele mesmo havia espancado Nickolai minutos antes, mas agora percebia o que a ira descontrolada pode fazer com alguém. Era uma mistura estranha de sentimentos, e ele se sentiu pressionado a explicar a raiva que ele e o diretor sentiam por esses prisioneiros.

Por quanto tempo Nickolai permaneceu caído ao chão, ele não sabia. O Sol estava baixo no céu quando ele finalmente voltou a si, e mal podia mover-se. O sangue havia secado nas suas costas, mas as moscas faziam a festa. Depois de algum tempo, por fim, ele conseguiu ficar em pé e voltar lentamente ao alojamento. Quando chegou lá, desabou no beliche e caiu num sono exausto.

No dia seguinte, suas costas pareciam carne picadinha, mas ele conseguiu ficar em pé. Lavou o sangue do rosto, mas não conseguia alcançar as costas. Sua camisa cobria as lacerações nas costas, mas o rosto estava preto e azul, para quem quisesse ver.

Não foi surpresa que os outros prisioneiros o evitassem. Era arriscado demais agir de modo diferente. Afinal de contas, quem desejaria ser amigo de um tolo pregador que preferia ser chicoteado a ceder às exigências do diretor? Qualquer um poderia ser considerado simpatizante, se fosse visto conversando com Nickolai.

Durante os dias seguintes, Nickolai se fortaleceu. Os ferimentos sararam lentamente, mas a coragem crescia a cada dia. Ele passara no teste. Havia sido forte por Jesus. Não cedera, mesmo sabendo que sofreria por isso.

À medida que os dias passavam, os outros prisioneiros continuavam a evitá-lo, mas ele julgou ver alguns discretos olhares de admiração voltados para ele. A terça-feira veio e passou, depois a quarta e a quinta-feira. Nickolai começou a pensar no sábado seguinte. Qual seria seu destino? O diretor chegaria a respeitá-lo por sua posição quanto ao sábado? Concederia a ele o

privilégio de repousar, conforme solicitara?

Ou aconteceria justamente o contrário? Receberia outra surra por sua decisão de honrar o sábado?

Infelizmente, Nickolai não via que o pior ainda estava por acontecer, e assim foi. Ele precisava ficar um pouco mais forte antes que a maré maligna de Satanás o sacudisse com toda a sua força.

CAPÍTULO 11

Durante a semana toda, Nickolai preocupou-se com o que aconteceria na manhã de sábado. Ele sabia que não devia se preocupar, mas temia o que viesse a seguir. Achou que estaria disposto a levar mais do mesmo tratamento que já recebera, mas as feridas do açoitamento inicial do diretor ainda não estavam curadas. Se fosse chicoteado outra vez, as feridas simplesmente se abririam de novo, e ele só imaginava como seria a dor nesse caso.

Na sexta-feira à noite, porém, sua fé era forte, e ele estava decidido a ser leal a Deus e enfrentar o que o dia seguinte lhe reservava. Se Deus lhe desse a coragem e a força para ir em frente, Nickolai estava determinado a ser fiel a Deus, sem se importar com o que aconteceria.

O sábado raiou fresco e claro. Nickolai não sabia desde quando estava acordado. Não tinha relógio, mas, pelos roncos no alojamento, sabia que era cedo – bem antes do horário costumeiro de levantar.

Por causa dos cortes e machucados nas costas, Nickolai dormia de bruços, mas agora rolou para fora da cama e se pôs de joelhos.

“Por favor, Senhor!” orou. “Permite-me ser digno da perseguição que me pode sobrevir hoje. Sei que será pouca coisa, em comparação com o que fizeste por mim, mas passarei alegremente por ela.”

Ele não soube dizer por quanto tempo permaneceu ajoelhado, mas, de repente, a voz de Yuri despertou a todos no alojamento, como se fosse o dia do juízo.

– Em pé, homens! Fora da cama!

Yuri deu um chute em algumas das camas, fazendo com que os

prisioneiros voassem para fora delas, num instante.

– Muito bem, Panchuk! É bom ver que você não repetirá suas tolices hoje de manhã. Vejo que criou juízo!

Nickolai deu um leve sorriso, mas não disse nada. Sabia que os problemas já estavam a caminho, mas o que devia dizer? Não importava o que dissesse, tudo rebentaria em cima dele.

Todos os prisioneiros se enfileiraram ao Sol da manhã e aguardaram as ordens após a chamada. O oficial encarregado da manutenção e reparos do campo leu a lista das tarefas do dia. Vários dos prisioneiros do alojamento de Nickolai deviam trabalhar com uma equipe que ajudaria a cortar a carne de renas, trazida no dia anterior. Os animais, por volta de uns doze, haviam de algum modo se separado do rebanho maior e passado para o oeste, na direção do campo, onde foram avistados pelos guardas através dos binóculos.

Outros prisioneiros foram encarregados de cortar blocos de terra para a construção de mais um alojamento, que em breve se ergueria. Ouviam-se rumores de que mais um grupo de prisioneiros chegaria no mês seguinte, e os alojamentos atuais já estavam superlotados.

– E Panchuk? – Yuri olhou diretamente para Nickolai. – Você deve apresentar-se a Vadeem, imediatamente após o desjejum. Ele precisa fazer alguns reparos no teto do refeitório.

Nickolai olhou direto para a frente. O momento que ele mais temia chegara, e, naturalmente, não foi surpresa. A confrontação e os espancamentos começariam de novo?

– Bem! O que você está esperando? – perguntou Yuri, enquanto Nickolai olhava para a frente e não se mexia.

Ele abriu a boca para falar, mas fechou-a em seguida. De que adiantaria? Eles o maltratariam de qualquer maneira, não importando o que dissesse.

Mas, então, lembrou-se da promessa feita a Deus, de que falaria pelo Senhor onde quer que se encontrasse, ou diante de qualquer coisa que fosse solicitado a fazer.

Nickolai respirou profundamente. – Não posso trabalhar hoje porque é o sábado do Senhor meu Deus.

O rosto do guarda assumiu uma expressão chocada e exasperada e, a seguir, contrariada.

– Pregador! Você deve estar brincando! – explodiu ele. Os outros prisioneiros olharam para Nickolai e balançaram a cabeça, quietos.

Yuri, por fim, interrompeu o silêncio e disse: – Então você decidiu ser tolo de novo, não é? Bem, vamos dar um jeito nisso!

Ele agarrou Nickolai pelo braço e o conduziu ao escritório do oficial, deixando-o então parado no corredor, diante da imponente porta.

Nickolai, por fim, reuniu coragem suficiente para bater à porta. Talvez o diretor não estivesse lá dentro, esperava Nickolai. Quem sabe, estaria ocupado fazendo algo mais importante.

Mas em seguida a porta se abriu e, quando o oficial viu Nickolai, uma expressão de descrença se estampou na sua face.

– O que você quer, Panchuk? – e balançou a cabeça, pateticamente. – Não me diga! Você decidiu ser teimoso de novo! – O diretor foi direto ao ponto. Era como se ele, de algum modo, soubesse o tempo todo que Nickolai se recusaria a trabalhar no sábado, mas não chegara a permitir-se imaginar uma coisa assim.

Nickolai abriu a boca para falar de novo, mas o diretor o interrompeu.

– Tudo bem! Se é desse jeito que você quer, venha comigo! – Pôs-se em pé, passou pela porta aberta e desceu o pequeno corredor.

Nickolai ficou imóvel no lugar, enquanto observava o diretor se afastando.

CAPÍTULO 12

O diretor virou-se, impaciente. – Panchuk! Mexa-se! – disparou ele. – Tente me acompanhar!

Nickolai, apressado, seguiu o diretor enquanto saíam do prédio. O que ocorreria a seguir? Receberia folga do trabalho naquele dia? Teria permissão para repousar e adorar segundo suas convicções?

O diretor encaminhou-se a um galpão de barro e abriu a porta. Era o lugar onde o velho Maksim se abrigava, e tinha o cheiro característico. Ali não havia janelas, e o interior era escuro e ameaçador. A impressão não era boa. Sem dúvida, para Nickolai as coisas iam de mal a pior. Seria ele espancado de novo? Seria torturado? Nickolai se encolheu. Seria executado?

De repente, Nickolai começou a sentir pânico. Durante as orações daquela

madrugada, sua imaginação previra todo tipo de violência que, conforme ele sabia, podia sobrevir a ele, mas não chegara a pensar em morte. Na verdade, não. A morte parecia sempre tão remota ali, onde havia tanto trabalho a ser feito. Num campo como aquele, onde os prisioneiros faziam todo o trabalho, executar um prisioneiro não fazia sentido.

Nickolai sabia que esse tipo de lógica beirava a insanidade. Ele precisava controlar-se. Observou enquanto o diretor se dirigiu a um canto do escuro estábulo, onde havia uma grande caixa de madeira. Não parecia ter mais que um metro de comprimento ou altura, e possivelmente meio metro de largura.

O coração de Nickolai começou a bater violentamente no peito, como um animal enjaulado. Era esse o fim? Ele tentou acalmar seu coração em disparada, mas não havia tempo para pensar. Não havia tempo para recuperar o domínio de si mesmo.

Então se lembrou da sua oração naquela manhã e sua promessa a Deus. Comprometera-se a sofrer qualquer coisa por Deus; então, por que não agora? Por que não isso? Não importava o que o diretor reservara para ele, não seria pior do que aquilo que Jesus havia sofrido em seu favor.

O diretor levantou a tampa da caixa de madeira. Mesmo na penumbra do estábulo de barro, Nickolai viu que a caixa estava vazia.

– Entre! – ordenou o oficial.

– Entrar? – ecoou Nickolai.

O diretor não respondeu, mas fez sinal com a cabeça na direção do engradado.

– A caixa? Devo entrar na caixa?

– Preciso soletrar tudo para você? Sim, você deve entrar na caixa! – As baias ecoaram o silêncio do momento. – E agora, mexa-se! Não tenho o dia todo!

Nickolai dirigiu um último olhar ao diretor e deu um passo na direção da caixa. Ergueu uma perna e entrou – era menor do que parecia.

– Sente-se! – ordenou o diretor.

Quando a tampa se fechou sobre ele, uma chuva de poeira asfixiou Nickolai, fazendo com que respirasse com dificuldade.

– Espero que goste do seu novo lar – disse o diretor, enquanto se virava para sair.

As ripas de madeira da caixa eram espessas, e pareceu que seria quase impossível sair dali. Além disso, de que adiantaria? O diretor, simplesmente,

mandaria construir uma caixa mais forte para prendê-lo.

Ele ouvira acerca de caixas como aquela sendo usadas para trancar prisioneiros, mas esta apresentava tantas teias de aranha, que tudo indicava não ter ela sido usada durante anos. Talvez a caixa fosse usada para os mais empedernidos criminosos. Talvez os outros prisioneiros se houvessem comportado, não se metendo em apuros como Nickolai.

A luz que entrara pela porta aberta mostrou a Nickolai que havia rachaduras nas laterais da caixa. Ele não teria problema para respirar, mas o desafio seria impedir que as pernas tivessem câibras. Ele não podia levantar-se e não podia deitar, de modo que não conseguia esticar as pernas.

Nickolai desejou desistir, em desespero, mas sabia que essa não era uma opção. Não quando ele prometera a si mesmo que seria leal a Deus e uma intrépida testemunha Sua. Sofrer era a menor de suas preocupações. Deixar de confiar em Deus era, naquele momento, uma preocupação maior.

Nickolai fechou os olhos e se apoiou contra a parede interna da caixa. Ele sabia que não seria uma experiência agradável. Na verdade, prometia ser excruciante. Quanto tempo esperariam, antes de deixá-lo sair da caixa? Dias? Semanas? Trariam comida para ele? Trariam água? Deixariam que saísse para ir ao banheiro?

“Por favor, Senhor, não me deixes desanimar”, orou ele. “Não permitas que minha fé em Ti falhe.”

À medida que, lentamente, as horas passavam, a luz na porta do estábulo mudava de direção e depois, por fim, começou a diminuir. A essa altura, Oleg, o condutor do carro de boi, entrou com Maksim. Oleg deu ao animal alimento e água, e depois saiu. Nickolai achou que Oleg poderia, ao menos, ter-lhe oferecido um pouco de água, mas depois percebeu que ele é que devia ter pedido. O que estaria pensando? Oleg, provavelmente, nem sabia que Nickolai estava trancado na caixa, no estábulo.

– Alô, Maksim! – disse Nickolai por fim ao boi, tentando animar-se. – Espero que seu dia tenha sido melhor que o meu.

Sentado na caixa, Nickolai podia ouvir o boi mascando o pasto na manjedoura. Pensou em quão duramente o boi precisava trabalhar como animal de carga todos os dias, e chegou a sentir pena do boi.

Naquele momento, porém, achou que trocaria alegremente de lugar com o animal. Mesmo que tivesse que puxar uma carreta carregada com barris de água, pelo trajeto de um quilômetro desde a fonte, seria melhor do que ficar

sentado na caixa o dia todo.

CAPÍTULO 13

Quando a escuridão desceu, os mosquitos vieram em nuvens. Picavam o pescoço e o rosto de Nickolai até que, finalmente, ele parou de enxotá-los e desistiu da luta. Naquele momento, a pior coisa relacionada com estar dentro da caixa eram os mosquitos, mas ele sentia que a impossibilidade de esticar as pernas seria um pesadelo.

Por fim, acabou cochilando. Não dormiu bem com os mosquitos por toda parte, mas cochilou.

Em algum momento da noite, acordou e não conseguiu dormir de novo. Sua boca estava seca – ele não havia bebido água o dia todo, e se perguntava quando lhe trariam um pouco. Teriam os guardas se esquecido de que ele precisaria de água? Também sentia fome – quem saberia dizer quando ele comeria outra vez?

Mas era a circulação nas pernas que mais o preocupava. A essa altura, os tornozelos e pés estavam amortecidos, pelo fato de as pernas estarem dobradas tão perto do corpo. Ele procurou fazer com que o sangue circulasse pelas pernas, mas era difícil, porque a caixa era muito pequena. Simplesmente não havia espaço dentro da caixa para estirar-se.

Em momentos como esse, ele desejava ser um homem menor. Se não se sentisse tão infeliz, Nickolai teria sorrido diante desse pensamento. Ser um pouco mais baixo teria permitido algum espaço para exercitar-se dentro da pequena caixa.

Mas não havia alívio para o amortecimento que continuava atacando a parte inferior das pernas. Por fim, ele começou a orar, como já havia feito uma dúzia de vezes, desde que fora trancado na caixa. Era a única coisa que lhe dava alívio. Isso e os versos da Escritura que ele recordava para se consolar.

Quando, finalmente, o Sol raiou, ele achou que havia passado a noite mais longa da sua vida. Quando Oleg chegou para buscar Maksim, Nickolai

perguntou se ele podia beber um pouco de água. Oleg se assustou ao ouvir a voz de Nickolai de dentro da caixa.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Oleg, espiando em meio às sombras. – O diretor pôs você dentro desta caixa?

– Pôs, sim. – Nickolai ficou um pouco embaraçado, mas decidiu que não procuraria ocultar a razão. – Recusei-me a trabalhar ontem, no sábado, e por isso ele me pôs aqui, como castigo.

– Fiquei sabendo que você foi castigado, mas não sabia onde você estava. – Oleg balançou a cabeça. – É melhor que eu não lhe dê água. Eles podem não gostar.

– Então você pode pedir que um dos guardas me traga um pouco. Acho que eles podem ter-se esquecido de mim, neste lugar. Ninguém esteve aqui a não ser você, desde que me puseram aqui ontem.

– Vou ver o que posso fazer.

Mas os guardas não levaram água nem alimento para ele. Durante o dia todo, Nickolai se esforçou para manter as pernas em movimento, e o dia todo orou. A essa altura, ele sabia que seu tempo na caixa seria uma longa provação. Não sabia exatamente o que esperar, porque o diretor não dissera por quanto tempo ele devia permanecer na caixa.

Toda vez que ele ouvia passos, pensava que seria alguém chegando para trazer-lhe água ou alimento, ou permitir que saísse da caixa para esticar-se.

Em algum momento, no fim daquela tarde, um guarda entrou no galpão para trazer-lhe uma caneca de água, mas nada de alimento. A água era fresca e molhou seus ressequidos lábios e garganta – mesmo assim, ele sabiamente decidiu deixar um pouco da água para mais tarde.

Oleg entrou com Maksim naquela noite, e mais uma vez Nickolai ficou contente por ter uma companhia a quem falar, mesmo que fosse apenas um boi.

A noite passou com extremo desconforto. Os mosquitos tornaram quase impossível que ele dormisse, e, naturalmente, a dor nas pernas era o pior de tudo.

Nickolai desejava poder sair da caixa para usar um sanitário, mas ninguém permitiu que saísse, de modo que a caixa, em pouco tempo, adquiriu um odor desagradável. Infelizmente, nada havia que Nickolai pudesse fazer a respeito.

As horas passavam devagar. Oleg e Maksim saíram cedo na manhã seguinte e então retornaram pouco depois do escurecer. Um guarda chegou

com água outra vez, mas ainda nada de comida. Mais uma noite desceu, e agora Nickolai precisou de toda a fé e energia, simplesmente para orar. Alguém se importaria com ele? Sua vida não tinha valor?

E o que pensar sobre Deus? Ele Se importava que Nickolai estivesse sofrendo? Nickolai sabia a resposta para a última pergunta, mas agora realmente sentia pena de si mesmo. Deus podia ajudar a aliviar seu sofrimento, mas Ele não estava escolhendo fazer isso por enquanto. Devia haver uma boa razão, naturalmente.

Através de todos aqueles longos dias, cheios de dor, solidão e fé frustrada, Nickolai se apegava às promessas da Escritura nas quais sempre crera. Satanás queria fazê-lo sofrer, mas Deus o amava mais do que ele podia imaginar. Travava-se uma batalha entre o bem e o mal, uma zona de guerra na qual Nickolai sofria toda a dor e perseguição que Satanás conseguia reunir.

Jesus sofreu por mim com dor indescritível. Por que minha experiência por Ele seria diferente? Nickolai tentou escorar sua coragem com esses pensamentos, mas era difícil.

Assim como na história de Jó, Nickolai sabia que certo tipo de dor e sofrimento não podia ser explicado, exceto à luz da guerra invisível em andamento no mundo sobrenatural. Quando ele pensou dessa maneira, pareceu-lhe que isso ajudava mais do que qualquer outra coisa.

Uma coisa era certa. Enquanto Nickolai estava trancado na caixa, podia ter seu repouso sabático. Não era exatamente o lugar que ele teria escolhido para passar o dia do Senhor, mas pelo menos não precisava trabalhar. Sob qualquer ângulo que Nickolai considerasse a questão, precisava admitir que era uma bênção disfarçada.

CAPÍTULO 14

O fim de semana passou e a segunda-feira veio e se foi. A essa altura, a ideia de alimento já quase se fora da mente de Nickolai. Fazia nove dias que não se alimentava. Era como se seu corpo passasse para outro mundo, no qual

não mais lhe era necessário comer. Claro que ele se tornava mais fraco a cada dia, mas estar na caixa não exigia muito movimento, e também exigia muito pouca energia.

Havia, porém, um surdo latejar nas pernas, e isso o assustava mais que tudo. Durante os primeiros dias na caixa, a dor havia sido forte toda vez que ele movia as pernas. Agora ele não conseguia fazer com que se mexessem. Era como se elas fossem toras de madeira, ligadas ao corpo pelos quadris – na realidade, ele não as sentia. Trabalhava com elas o tempo todo, usando os braços para movê-las todos os dias, muitas vezes por dia.

Na terça-feira da segunda semana, a caixa tinha um cheiro além de qualquer descrição, e as moscas estavam por toda parte. Era um pesadelo ao vivo. Nickolai não se preocupava mais com o diretor. Não se preocupava mais com alimento ou água. Simplesmente orava para que Deus lhe desse força para viver mais um dia.

Por volta do meio-dia do décimo dia, Nickolai ouviu passos. Espiou por entre as ripas e viu o diretor parado na porta. Yuri, o guarda do alojamento, estava com ele.

– Abra a caixa – disse o diretor. Isso foi tudo. Era como se aquilo fosse mera formalidade na vida e nos deveres de um diretor do campo de prisioneiros.

Para Nickolai, fora a pior experiência da sua vida.

Yuri abriu a tampa da caixa. – Ai, não! – gaguejou ele, enquanto colocava a mão sobre a boca. – Você tem cheiro de putrefação! Saia da caixa! – ordenou, sacudindo a cabeça com desgosto. – Está livre para sair!

Mas Nickolai não conseguia ficar em pé.

Yuri abaixou-se e tirou Nickolai da caixa. Quando viu que Nickolai não podia andar, seu rosto ficou sério e uma expressão de compaixão lhe encheu os olhos. Ele levou Nickolai a uma cama de palha e deixou que se deitasse.

– Vou ficar bem – garantiu Nickolai com um leve sorriso. Naquele momento, ele só queria ficar sozinho para poder gritar de dor, se precisasse. Por dez dias, fora impossibilitado de movimentar as pernas devidamente, e agora a dor de movê-las era quase tão excruciante como tê-las com câibras na caixa.

Durante o resto daquele dia, Nickolai ficou deitado sobre a palha, tentando recuperar a força e flexionar as pernas, para poder andar com elas. Yuri lhe trouxe um prato de lata com *borsch*, na hora do jantar, e Nickolai conseguiu

comer um pouco – não era louco de comer tudo. Depois de ter sido privado de alimento por tanto tempo, ele sabia que seu estômago não seria capaz de digerir tanta comida.

Antes do crepúsculo, Oleg e Maksim chegaram do seu longo dia transportando água. Uma vez mais, Nickolai teve uma sensação de afinidade com o boi e ficou contente com sua companhia. Quando escureceu, Nickolai nem mesmo tentou ir ao alojamento, mas permaneceu com Maksim no galpão. Na verdade, quando o boi finalmente se deitou sobre a palha, Nickolai se arrastou para aquecer-se junto ao grande corpo do animal.

Nickolai, então, caiu num sono tão profundo, que nem notou os mosquitos enxameando ao seu redor. De modo surpreendente, eles nem o incomodaram tanto naquela noite. Talvez fosse o fato de que cheirava tão mal.

Na manhã seguinte, Nickolai sentia-se muito melhor. Podia ficar um pouco em pé e andar um pouco. O guarda lhe trouxe mais alimento – uma tigela de *borsch* e um pouco de pão preto. Mais uma vez, Nickolai foi cuidadoso com a quantidade que ingeriu, mas conseguiu comer mais do que no dia anterior.

Ele se banhou e depois voltou ao trabalho com Vadeem, embora descobrisse que não podia erguer muita coisa. Não tinha força nos braços ou pernas e se cansava facilmente.

– Não é surpresa! – Vadeem olhou para Nickolai como se o homem das pregações fosse doido. – Você deve estar querendo morrer! – censurou ele. – Ou coisa parecida, para se permitir sofrer dez dias de tortura naquela caixa!

Nickolai tentou explicar seu amor a Deus e o amor de Deus pela raça humana. Tentou explicar sua sagrada devoção ao sábado. Mas Vadeem só balançou a cabeça, incrédulo e resmungou algo entre os dentes.

Na quinta-feira de manhã, Nickolai podia movimentar-se bem, embora mancasse um pouco. A sexta-feira chegou e, pela primeira vez desde que fora tirado da caixa, Nickolai permitiu-se pensar sobre o que a manhã seguinte lhe traria. Para ele, o sábado era um dia muito especial, quer estivesse na igreja, quer num solitário campo de prisioneiros. Todavia, o sábado também significava que ele teria que enfrentar o diretor novamente. O que faria, desta vez, o oficial de alta patente?

Na primeira vez, Nickolai fora severamente espancado, tanto por Yuri quanto pelo diretor. No segundo sábado, haviam-no trancado numa caixa por dez dias. Na terceira vez, finalmente desistiriam ou a perseguição

continuaria?

Nickolai se perguntava quão piores se tornariam as coisas. Ele tinha certeza de que haveria outra confrontação com o diretor e ele a temia, mas também sabia que precisava permanecer fiel a Deus, houvesse o que houvesse. Ele não podia desistir agora. O sábado era sua bênção especial de Deus. Com todo o coração, ele queria honrar o dia sagrado e o Deus Criador que o separara.

CAPÍTULO 15

A noite trazia lentamente as primeiras sombras da alvorada quando Nickolai, subitamente, despertou. O que havia feito com que acordasse, ele não sabia. Não foi o barulho de alguém no alojamento. Todos dormiam ainda, embora Nickolai soubesse que os sonoros roncos podiam tê-lo mantido acordado a noite toda, se ele não estivesse tão cansado.

Não fora o som dos pássaros. Havia muito poucas aves canoras nas estepes da Sibéria.

Nickolai se perguntava se sua mente, trabalhando fora de hora, o havia despertado com um susto. E o que podia ele esperar?

O massacre pelo qual passara nas duas últimas semanas fora horrível! Tremendamente desconfortável.

E quanto ao próximo encontro com o diretor? Nickolai receava que fosse tão ruim como nas vezes anteriores. Quem sabe, pior.

Mas ele estava calmo – surpreendentemente calmo, e isso era estranho. A verdade é que ele não saboreava a ideia de passar mais tempo numa caixa, se fosse isso o que o diretor reservava para ele, mas, por alguma razão, Nickolai não sentia o desejo de escapar da iminente provação que o diretor pudesse trazer. Na verdade, sentia muito pouca ansiedade a respeito.

Então, por que não conseguia dormir? Talvez, simplesmente, precisasse de mais força, o tipo de força que só obteria através da oração.

Nickolai saiu do beliche e se pôs de joelhos para orar ao Pai celeste. Era maravilhoso poder apelar a Alguém que lhe daria auxílio em tempo de

necessidade – maravilhoso sentir a presença do Espírito Santo, ajoelhado com ele no duro chão de terra, ao lado da cama.

Quanto mais orava, mais certeza tinha de que continuaria sofrendo. Ele não seria livrado da prova. Não seria poupado de humilhação e dor. Não era assim que as coisas funcionavam para Nickolai, e ele se sentia em paz com isso no momento. Sua fé podia falhar quando estivesse cansado, sozinho ou fraco, mas naquela manhã, no frescor do alvorecer no verão da Sibéria, tudo estaria bem.

Dentro de pouco tempo, o Sol raiou e o toque de despertar das cinco horas foi dado pelos guardas. Os prisioneiros no alojamento se mexeram lentamente e depois rolaram fora da cama, para evitar que os guardas entrassem e os despachassem.

Para Nickolai, outro sábado havia raiado, e mais uma vez ele se viu em posição de sentido, em pé diante do alojamento. Mais uma vez, Yuri dispensou os homens após a chamada, mas desta vez manteve a atenção sobre Nickolai.

Nickolai sabia que não teria sentido prolongar a agonia do momento. Não se moveu e, logicamente, Yuri notou o fato. Foi até onde se achava Nickolai e plantou seus grandes pés diante do prisioneiro.

– Por favor, não me diga que você se recusa a trabalhar de novo! – disse ele, exasperado. – Porque, se for isso mesmo, provavelmente encontrei o mais tolo homem vivo!

Yuri continuou a olhar fixamente para Nickolai, com uma expressão que tinha algo de reverência. Ele procurou ocultá-la, mas ela permaneceu ali o tempo suficiente para deixar ambos desconfortáveis.

Então, o guarda pareceu recuperar a pose, dando a impressão de que afugentava aquele sentimento. – Esqueça! – disse ele, meio gritando. – Simplesmente vá agora mesmo ao escritório do diretor!

Nickolai sabia que Yuri estava zangado e, na verdade, tinha o direito de estar. Que sabia ele sobre Nickolai ou seu Deus? Que sabia ele do amor de um Criador por Seus filhos e da devoção que Nickolai sentia por esse Deus que viera morrer pelo homem? Tudo o que Yuri sabia era que esse obstinado pastor cristão estava causando problemas e subvertendo a rotina do campo.

Dentro de segundos, Nickolai havia atravessado o terreno e esperava à porta do escritório do diretor.

– O que você está fazendo aqui, Panchuk? – Os olhos do diretor se

estreitaram com surpresa, ceticismo e raiva, tudo ao mesmo tempo.

Mas Nickolai não disse nada. Só permaneceu em posição de sentido, com os olhos focados à sua frente. Que diria ele?

– Eu lhe fiz uma pergunta, pregador!

Nickolai sabia que não devia ter a ousadia de demorar em responder ao irado diretor. Mas como fazer com que o oficial entendesse por que ele queria honrar o sétimo dia da semana? O diretor era produto de uma sociedade que ensinava a inexistência de alguém como um Deus pessoal e amoroso. Havia trabalhado por décadas na área militar, e fora doutrinado no conceito de que a única resposta real na vida era a força militar.

– Não posso trabalhar hoje, senhor – começou Nickolai. – Não posso desonrar o santo dia de sábado de Deus.

A face do diretor se contorceu de raiva. Ele rangeu os dentes e bateu na mesa com o punho.

– Você é impossível, Panchuk! Nunca na vida encontrei um homem com sua estúpida teimosia! – Levantou-se e empurrou Nickolai de volta pela porta aberta.

– Guarda! – berrou ele, olhando para o corredor. – Tire esse homem do meu escritório e leve-o de volta para a caixa! – Ouviu-se o som dos passos apressados e Yuri chegou, com um olhar de incredulidade no rosto.

– Leve Panchuk de volta à caixa, Yuri. – Ele gosta tanto dela que quer passar mais dez dias por lá.

Yuri inclinou a cabeça e, por fim, fez sinal para que Nickolai o seguisse ao galpão. Quando chegaram à caixa, ele ergueu a tampa e indicou com a cabeça que Nickolai entrasse.

Quando a tampa caiu sobre Nickolai e a poeira baixou, o “pregador” teve tempo para pensar em sua decisão.

Não estava triste. Não se arrependia. Sabia que ficar trancado na caixa seria desconfortável e excruciante, mas não se preocupava. Por alguma estranha razão, não sentiu ansiedade, medo ou terror diante dos dez dias seguintes. Era tudo muito bizarro; não sabia explicar.

Tinha consciência de que, em alguns dias, ele se sentiria abandonado e só, não havia dúvida, mas naquele momento estava decidido a não pôr a culpa em Deus. Não era por culpa do Senhor que ele se encontrava naquela pequena caixa-prisão. Era culpa do diabo – e do diretor, claro.

CAPÍTULO 16

Nickolai sabia que Satanás estava bravo com ele, por sua fidelidade sob perseguição e seu desejo de guardar o sábado. Estava zangado com Nickolai por tudo o que fizera como pastor para ajudar a disseminar o evangelho. O maligno estava frustrado com a maneira pela qual a igreja vinha crescendo sob a liderança de Nickolai em Kiev e cidades vizinhas, na Ucrânia. Seria surpresa para alguém que Satanás fizesse tudo em seu poder para suspender o trabalho?

Satanás incitara a KGB a perseguir Nickolai quando ele morava em Kiev. Satanás enviara Nickolai à tundra da Sibéria como prisioneiro para ficar isolado por um tempo muito longo – o resto da vida, talvez. E agora dificultava ainda mais a vida para Nickolai, prendendo-o numa pequena caixa onde não havia espaço nem mesmo para flexionar as pernas.

Mas não importava. Nada disso importava, agora. Nickolai cumpriria seu período na caixa por amor ao evangelho. Quantas vezes mais ele teria que fazer isso, ninguém adivinharia. Ele esperava que fosse a última, porém sabia que estava apenas iludindo a si mesmo se realmente cresse nisso. O diretor ficara zangado e ofendido, porque nada que ele fizesse ou dissesse funcionava para mudar a mente de Nickolai e fazer com que obedecesse às ordens. Ele detestava essa obstinação, e Nickolai teria que pagar o preço por ela.

Contudo, se Nickolai tivesse que ser teimoso por algum motivo, ele queria ser teimoso pelo evangelho de Jesus. Resolveu firmemente que suportaria o melhor e o pior que o diretor pudesse impor-lhe. E o faria alegremente.

Enquanto a manhã se transformava em tarde e a tarde em crepúsculo, Nickolai novamente se consolou, orando e citando as Escrituras. Quando a escuridão da noite desceu sobre o galpão, Nickolai sentiu que a rigidez retornava, lenta mas seguramente, às suas articulações. Tentou manter os joelhos em movimento. Também decidiu cantar para levantar o ânimo. Ele não tinha propriamente uma voz de cantor, mas a letra de um hino conhecido lhe veio à lembrança.

“Sob Suas asas estou descansando, inda que noite, confiante eu estou.” As palavras saíam sem firmeza a princípio, mas depois a voz de Nickolai ficou

mais forte. “Sob Suas asas vou sempre abrigado, fui redimido e Seu filho já sou.” E a voz de Nickolai se tornou ainda mais cheia na frase do coro.

“Descansarei, descansarei sob Suas asas benditas; ao Seu abrigo, pois, gozarei paz e alegria infinitas” (*Hinário Adventista*, nº 357).

As palavras funcionaram como um tônico, e Nickolai percebeu que eram a mágica de que ele precisava para manter-se animado. Na verdade, durante toda aquela primeira noite, quando despertava e tentava flexionar os joelhos que se enrijeciam, cantarolava alguns compassos do hino. “Descansarei, descansarei...” e então mergulhava num sono surpreendentemente reparador.

Quando acordou na manhã seguinte, como seria natural, levou algum tempo até que pudesse fazer com que a circulação voltasse às pernas outra vez.

Durante todo o dia e a noite seguinte, ele se lembrou da promessa feita a si mesmo e a Deus. Repetidamente, lembrou-se de que decidira ser fiel às suas crenças. Suportaria o desconforto da perseguição por amor a Jesus, não se importando com o preço. Administraria a dor, orando e citando promessas bíblicas e cantando hinos, sempre que precisasse de um apoio espiritual.

A dor se tornou insuportável depois de apenas dois dias, mas a coragem de Nickolai permaneceu forte. Passava o tempo contando as bênçãos que Deus lhe dera e as boas lembranças que tinha da família e da igreja, na sua terra.

A rotina era a mesma. Pela manhã, Nickolai observava, pelas fendas da caixa, quando Oleg vinha buscar Maksim para o trabalho do dia. À noite, ele os via retornando, cansados após muitas idas à fonte, a um quilômetro dali. Nickolai acostumou-se ao som do boi mastigando o capim e à sua respiração regular enquanto dormia. Era um conforto ter outra criatura viva por perto – uma que talvez entendesse o que significava ser prisioneiro contra a vontade.

Uma coisa era diferente desta vez; Yuri trazia regularmente a Nickolai uma caneca de água e um pedaço de pão preto, uma vez por dia. Era só isso, mas era melhor do que nada, e Nickolai tinha certeza de que o pão estava sendo trazido secretamente. Ele detectava um tom de simpatia da parte de Yuri, mas tinha certeza de que o guarda jamais o admitiria.

Se o diretor partilhava dos sentimentos de Yuri, ele os ocultava bem. Fossem quais fossem as cicatrizes que haviam feito do diretor quem ele era, elas eram profundas, e Nickolai sentiu pena dele.

Por volta do meio-dia do décimo dia, a tampa da caixa se abriu de novo. Mais uma vez, o ar fresco e a luz foram um choque para ele, e novamente foi

a face do guarda que ele viu primeiro.

Yuri segurou um lenço sobre o nariz e a boca enquanto balançava a cabeça, com desgosto. “Não entendo você, pregador”, disse ele em tom abafado, “e provavelmente nunca entenderei!”

Mais uma vez, Yuri deixou Nickolai deitado no chão do estábulo. Mais uma vez, Nickolai meio se arrastou, meio engatinhou até um monte de palha a um canto. O doloroso alívio de poder estender as pernas era lancinante, mas Nickolai entendia a dor desta vez. Estava se acostumando às sensações da caixa. Agora, sentia-se à frente no jogo.

Perto do escurecer, Oleg retornou ao galpão com Maksim. Quando ele desprendeu o velho Maksim, o boi entrou no estábulo sozinho. Afinal, era sua casa. Parou ao passar por Nickolai e farejou a malcheirosa criatura deitada no leito de palha.

Nickolai observou o boi comer seu jantar e depois deitar-se na palha macia ao seu lado. Várias vezes, Nickolai achou que poderia tentar ir-se arrastando até o alojamento, mas toda vez que
procurava ajoelhar-se, desabava sobre a palha, com dor. Estava simplesmente fraco demais para chegar até a porta do galpão, quanto mais para percorrer todo o caminho até o alojamento.

Mas isso não importava. Nickolai nada tinha a perder, de um jeito ou de outro. Na verdade, dormir perto do corpo quente de Maksim era uma vantagem, durante as noites mais frescas.

Enquanto Nickolai mergulhava num sono de total exaustão, mais uma vez cantarolou debilmente as conhecidas palavras: “Descansarei, descansarei”.

CAPÍTULO 17

No dia seguinte, Nickolai conseguiu pôr-se em pé e voltar mancando para o alojamento. Não podia ir ao refeitório para comer, mas Yuri lhe levou um pouco de *borsch* e pão preto.

Nickolai tentou agradecer ao guarda, mas Yuri fez um gesto como se não quisesse ouvir.

Na tarde de quarta-feira, Nickolai achou que provavelmente conseguisse trabalhar um pouco, se não precisasse erguer algo pesado ou caminhar demais. Ninguém o seguia para ver se estava trabalhando, mas ele achou que faria uma espécie de declaração ao diretor, se fosse trabalhar algumas horas antes do entardecer da quarta-feira.

A metade da semana se fora, e o sábado despontava no horizonte semanal. Ele chegaria e, quando chegasse, Nickolai tinha a sensação de que o diretor o colocaria de novo na caixa. Tratava-se agora de uma batalha de vontades, entre ele e o diretor. Parecia que o oficial desejava desempatar a partida a todo custo e, se não conseguisse, com certeza tornaria dolorosa a experiência para Nickolai.

Mas, com dor ou não, Nickolai também queria vencer a guerra que agora se travava entre a força do governo e a lealdade a Deus.

Nickolai trabalhou um pouco na quarta-feira, e depois o dia inteiro na quinta e na sexta-feira. Agora ele recebia alguns olhares realmente respeitosos de outros prisioneiros. Todos percebiam que ele era completamente devotado ao seu Deus, mas Nickolai sabia que muitos deles não tinham ideia real do que isso teria que ver com o fato de sentar-se numa caixa de madeira por dez dias de cada vez. Seria ele um religioso fanático? Um lunático? Seria um prisioneiro político, tentando apenas fazer uma declaração política?

Mais cedo ou mais tarde, Nickolai sabia que teria a oportunidade de contar sua história. Mais cedo ou mais tarde, alguém chegaria perguntando, e Nickolai teria a oportunidade de dizer por que se dedicava tanto a servir a seu Deus. Mas, por enquanto, os outros simplesmente observavam, com curiosidade, a vigilante fé de Nickolai.

E quando o dia de sábado chegou, as coisas aconteceram exatamente como Nickolai sabia que ocorreriam. Ele foi colocado de novo na caixa.

Impressionava-o o fato de que o diretor se apegasse a essa estratégia de disciplina. Toda vez que colocava Nickolai na caixa, o prisioneiro deixava de trabalhar por dez dias, e depois levava pelo menos um dia para recuperar-se e obter novas forças. Isso lhe deixava apenas dois dias para retomar o trabalho de novo, antes de ser posto de volta na caixa. Se o diretor queria administrar um campo eficiente, trancar Nickolai por esses períodos prolongados de tempo não funcionava. Pelo menos não se ele quisesse contar com o trabalho de Nickolai.

Isso não fazia muito sentido, mas a estratégia toda do governo soviético também não fazia muito sentido para Nickolai. Por que forçar uma pessoa ou um grupo de pessoas a desistir de algo que valorizam? Era como tentar forçar um homem a se voltar contra a própria família, mas, claro, o diretor da prisão não se importava com isso. Ele não tinha religião. Nunca compreenderia a força da lealdade de Nickolai ao seu Deus e à família de sua igreja. Se entendesse, não teria jamais persistido em lutar contra a inamovível devoção de Nickolai ao serviço do seu Deus.

E assim foi, enquanto as breves semanas de verão se transformaram no friozinho do outono. A geada chegou em agosto e depois um pouco de neve em setembro. Enquanto estava na caixa, Nickolai não conseguia dormir por longos períodos. A cada poucos minutos, ele tinha que acordar para movimentar as pernas e os braços, a fim de manter a circulação.

Quando chegaram os dias gélidos de inverno em fins de outubro, Nickolai se preocupou. Como permaneceria vivo? Como permanecer aquecido, todo dobrado numa pequena caixa?

Nickolai não tinha certeza de que isso continuava importando. E, perecendo, pereceria. Se chegara o momento de entregar a vida por Jesus, então ele se sentiria em paz com esse destino.

Mas, assim como estava resignado diante dessa possibilidade, também sabia que Deus tinha um plano para sua vida – algo reservado para ele como testemunha Sua, mesmo que fosse dentro de uma caixa.

Era em momentos como esse que as Escrituras se tornavam o maior conforto para Nickolai. Suas passagens prediletas eram os Salmos 23, 91 e 140. Esses maravilhosos capítulos o ajudavam a se concentrar na verdadeira batalha que se travava – a batalha entre o bem e o mal.

Yuri devia estar com pena de Nickolai novamente, porque certa manhã, quando levou ao pregador o pão e a água, também levou dois pesados cobertores. A noite fora especialmente fria, e o gesto aqueceu o coração de Nickolai com gratidão para com Yuri e Deus. Os cobertores não o conservariam aquecido, mas abrandariam o frio das noites de inverno.

A essa altura, toda a água do campo congelara. Até os barris de água trazidos diariamente da fonte se congelavam pela manhã. Durante os primeiros dias de inverno, Petya, o cozinheiro, quebrava a espessa camada de gelo no topo de cada barril, pela manhã. Mas, quando as verdadeiras temperaturas do inverno começaram e caíam a zero e abaixo de zero, a água

se solidificava numa questão de horas. Petya começou a pedir que Oleg levasse os barris para dentro da cozinha.

Por causa das temperaturas extremas, Nickolai sabia que não podia deixar que a água congelasse. Ao permitir que a água começasse a gelar, ela faria com que caísse ainda mais a temperatura do seu corpo, quando a bebesse. Dali em diante, ele sabia que precisava bebê-la imediatamente, quando Yuri trouxesse a caneca.

As horas de claridade agora eram poucas, e as noites, longas.
A respiração de Nickolai produzia nuvens de vapor quando ele respirava, e quando ele puxava o cobertor ao redor do rosto, uma crosta de gelo se juntava rapidamente. Como ele conseguiu permanecer aquecido em temperaturas de congelar, ele não soube, mas de uma coisa tinha certeza – com Deus, todas as coisas são possíveis. Para Nickolai, Ele era o socorro bem presente na tribulação.

CAPÍTULO 18

No fim de uma tarde, Yuri entrou no galpão inesperadamente. Puxou e empurrou o engradado de madeira de Nickolai para um canto do estábulo, afastado da entrada da porta e dos ventos frios que às vezes sopravam para dentro, quando a porta estava aberta.

Nickolai surpreendeu-se com a facilidade com que Yuri movia a caixa, mas depois entendeu que ele não era mais o homem robusto que já fora. Mesmo por cima do casaco, podia sentir suas costelas. Quando Yuri começou a amontoar feno ao redor da caixa, o coração de Nickolai foi tocado. O feno faria maravilhas para protegê-lo contra o ar frio do inverno. Agora, sem sombra de dúvida, ele sabia que o guarda realmente se importava com o que lhe acontecia.

“Muito obrigado”, foi tudo o que Nickolai disse, mas os dois sabiam o que esse gesto podia realmente significar para Nickolai. Muito provavelmente, salvaria sua vida.

Nickolai tinha certeza de que Yuri agia por conta própria e que o diretor

nada sabia dos atenciosos atos do oficial. O alimento que ele trazia, a água, os cobertores e o feno empilhado ao redor da caixa – eram, todos eles, atos simples de bondade, gestos que não podiam ser mal-interpretados.

Os dias frios do inverno deram lugar a uma úmida primavera. Incapaz de mexer-se dentro da caixa quando estava aprisionado ali, o ar úmido enregelava Nickolai até os ossos. Ele não sabia o que era pior – os dias gélidos de inverno, que entorpeciam a mente, ou os dias úmidos de congelar os ossos, na primavera.

Quando o verão finalmente chegou, e seus confinamentos de dez dias no engradado prosseguiam, os insetos voltaram e assim também as lembranças dos seus primerios dias na caixa. Sua pele inchava de novo com as picadas de mosquitos, borrachudos e maruins. Surprendentemente, a despeito das temperaturas moderadas do lado de fora, muitos dias no galpão, sob a cobertura de zinco, eram opressivamente quentes. Isso trouxe outra vez problemas com a limpeza, já que Nickolai não tinha permissão de sair da caixa para ir ao sanitário. E, claro, isso apenas tornava ainda pior o problema dos insetos.

Durante todo aquele verão, Nickolai suportou as sessões de confinamento na caixa de madeira. Durante todo o verão, ele se aproximava do sábado com obstinada fidelidade e uma tenacidade que impressionava até o diretor. Se Nickolai visse como aquilo realmente afetava o diretor, ele teria obtido grande conforto.

Mesmo assim, o diretor não cedia e lá voltava Nickolai para a caixa, a cada sábado. Ele suportava sua sentença de dez dias, era libertado, e então sofria grande angústia para recuperar o uso das pernas. Depois, passava dois dias trabalhando com Vadeem, fazendo consertos e projetos pelo campo, antes de ser trancado de novo na caixa.

Quando o outono chegou e mais uma vez começou o inverno, Nickolai ficou conhecido como o pregador da caixa. Ele se recusava a pensar que esse tempo dentro da caixa estava sendo desperdiçado, e alguns dias se perguntava qual seria, afinal, o plano de Deus a longo prazo. Ele sabia de santos que haviam sofrido na prisão por 20 e 30 anos, e temia a possibilidade de um destino assim, mas nem isso parecia detê-lo mais. Parecia ser parte da rotina de Nickolai agora, parte de quem ele era e do que se tornara.

Na maioria dos dias, ele não tinha certeza do que seria melhor – viver outro dia e sofrer a lenta e dolorosa deterioração do seu corpo através dessa

tortura, ou passar por uma morte rápida que acabaria com sua vida terrestre.

Mas, de novo, isso não importava. Sua vida já não era uma longa prova de perseguição por amor ao evangelho? Por que questionar o plano de Deus agora? Nickolai, verdadeiramente, confiava em seu Pai celeste. Algum dia, tudo ficaria claro. Nesse meio-tempo, ele procurava não fazer muitas perguntas filosóficas acerca da qualidade de vida ou do plano geral de Deus para ele. Simplesmente continuava recordando textos sagrados que prometiam respostas algum dia, e isso lhe dava a força simples para suportar um dia mais.

“Todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito” (Romanos 8:29), recitava ele para si mesmo, vezes incontáveis dentro da caixa.

Todos os versos que ele havia memorizado na vida lhe voltavam agora e eram uma fonte real de conforto no seu tempo de necessidade.

“Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias” (Apocalipse 2:10).

A última parte do verso fazia com que Nickolai sempre sorrisse, ironicamente. Ele sabia que o verso era mais simbólico do que literal – mas ainda era satisfatório pensar que João, o Revelador, havia usado, na profecia, o número de dias que combinava exatamente com o número de dias que Nickolai precisava sofrer toda vez, na caixa.

“Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” Essa era a parte da passagem que sempre lhe dava a maior esperança. Nada, realmente, importava na vida, a não ser a decisão de permanecer fiel a Jesus.

Assim, testemunhar de Deus numa prisão comunista era verdadeiramente um privilégio. Tanto quanto Nickolai soubesse, não havia cristãos no campo. Mal podia ele crer que, até ali, ninguém havia revelado suas ideias ou ousado apresentar-se, mesmo que fosse apenas para encorajá-lo.

Mas, se o seu testemunho pudesse levar a Cristo uma pessoa que fosse, ele achava que teria valido a pena. Toda a dor e o sofrimento que suportava significariam algo – não seriam em vão. E, quem sabe? Se um homem fosse levado a Jesus, talvez outros o seguissem.

Outro inverno sucedeu o outono, e depois a primavera penetrou no campo. Num dia de primavera, quando Nickolai foi uma vez mais tirado da caixa, ficou ali deitado sobre a palha, olhando pela abertura da porta do estábulo. O

mês de maio chegara, e, embora essa época do ano fosse ainda fria, a luz do Sol, e o claro céu azul lhe aqueceram o coração.

Enquanto Nickolai flexionava lentamente as pernas, tentando tirar a rigidez dos joelhos, deu graças a Deus pela vida. Deu graças a Jesus pela oportunidade de ser uma testemunha viva em favor de Cristo, em vez de ser mártir. Era impressionante que ele pudesse suportar tanto sofrimento sem se ressentir da guia do seu Pai celeste, mas foram versos conhecidos das Escrituras que sempre o mantiveram otimista em sua atitude para com a vida. Um de seus favoritos vinha dos escritos de Paulo.

"Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Filipenses 4:11).

E isso, claro, era o que fazia sempre a diferença. Como não faria? Nickolai havia entregado a vida totalmente a Deus, e o Senhor lhe dava justamente aquilo de que ele precisava dia a dia, até que chegasse o tempo certo de revelar a fase seguinte do Seu plano divino.

CAPÍTULO 19

Poucas semanas mais tarde, apareceram visitas incomuns no campo de prisioneiros. Três oficiais militares chegaram a cavalo e, era óbvio, por sua aparência, que um deles era coronel de alta patente no exército – vindo diretamente de Nizhniy Novgorod.

Logo ficou claro que estavam ali para inspecionar o campo. O diretor envidou todos os esforços para impressionar bem e fez uma exibição e tanto – não que tivesse algo notável do que se gabar no campo de prisioneiros. Era um campo padrão, no meio do nada nas estepes siberianas, acolhendo uns 300 prisioneiros, sem criminosos notórios ou políticos entre eles.

Mas visitas no campo eram raras, e fazer com elas um *tour* era o máximo que acontecera no campo em anos. Mostraram-lhes o escritório dos oficiais, a cozinha, o refeitório e os alojamentos. Nickolai ouviu a conversa, enquanto o *tour* os levava para perto do galpão.

– O que há aqui dentro? – perguntou o coronel, apontando para o galpão de teto baixo onde estava a caixa de Nickolai.

O diretor deu uma olhada pela porta aberta do estábulo. Ele havia posto Nickolai dentro da caixa três dias antes, mas esperava não ter que explicar a situação ao coronel.

– Ah, é onde colocamos os piores prisioneiros – disse ele, aparentando naturalidade. – A punição severa mantém os insubordinados sob controle.

– Que tipo de punição?

– Ah, vários tipos – o diretor se contorceu.

O oficial passou pela porta e olhou para as sombras escuras do estábulo.

– Nós os mantemos trancados em caixas como esta. – O diretor apontou para o engradado de madeira de Nickolai, no canto.

– Quantos prisioneiros estão trancados atualmente? – O oficial era dolorosamente insistente, e Nickolai podia perceber a inquietação na voz do diretor.

– Bem, no momento temos apenas um homem aqui.

– E ele está aqui por que, especificamente?

– Por recusar-se a cumprir seus deveres.

O oficial chegou mais perto do engradado de madeira, mas imediatamente retrocedeu, quando seu nariz sentiu o cheio ruim que vinha da caixa.

– Caramba! – exclamou ele. – E há quanto tempo ele está sendo punido por esse tipo de insubordinação?

– Mmmm – o diretor coçou a cabeça. – Apenas três dias desta vez, por enquanto, mas ele está aí para uma restrição de dez dias.

– Restrição de dez dias? – o coronel pareceu cético. – E você diz que ele se recusa a ir para o trabalho? Quantas vezes ele foi insubordinado?

– Bem, ele está nos dando trabalho desde que chegou ao campo. – Os olhos do diretor se movimentavam entre a caixa e o coronel. – Toda vez que o deixamos sair, ele desobedece de novo, de modo que simplesmente voltamos a colocá-lo na caixa.

O coronel olhou para o engradado outra vez. – E quantas vezes você fez isso?

– Mmmm, acho, ah, já faz quase dois anos agora.

O coronel olhou, incrédulo, para o diretor, deixando a boca abrir-se de espanto.

Através das rachaduras na caixa, Nickolai observava o desenrolar da cena e, prendendo a respiração, esperava que a conversa continuasse. Ficava cada vez mais evidente que o coronel não aprovava tais formas cruéis de

tratamento e também parecia que o diretor estava para ser repreendido por isso.

– Dois anos?

– Sim, senhor.

– Você prendeu esse homem nessa minúscula caixa por períodos de dez dias, repetidamente, durante os últimos dois anos! Isso deve dar umas quarenta ou cinquenta vezes, pelo menos!

O diretor parecia embaraçado. Fez uma pausa e, finalmente, respondeu: – Bem, sim, acho que é isso.

– Você quer me dizer que vem trancando o homem nesse engradado por dois anos e, até agora, sem resultado? Mesmo com esse tipo de castigo, ele ainda continua desobediente, ou insubordinado, ou seja como for que você diga? – o coronel se irritava mais a cada minuto. – Alguma vez lhe ocorreu, oficial, que deve haver uma boa razão pela qual esse homem não está seguindo suas ordens? Quero dizer, dois anos, e ele ainda não se convenceu!

O diretor parecia chocado, desconcertado e consternado, tudo ao mesmo tempo.

– Bem, já lhe ocorreu?

– Não; não, senhor! Não me ocorreu exatamente isso, mas agora que o senhor se expressou dessa maneira, parece mesmo um tanto ridículo!

– Ridículo! – e o coronel quase gritava. – Eu que o diga que parece ridículo! Totalmente idiota, se quiser saber. Na verdade, estou começando a questionar quem é o inteligente por aqui! Certamente não é você! – continuou ele a olhar para o diretor de modo penetrante. – Preciso mandar revogar sua comissão por estar executando uma operação desse tipo! Isto não é disciplina! É tortura, pura e simples! Nós, russos, podemos ser durões e malvados como gatos selvagens, mas não somos animais!

CAPÍTULO 20

O coronel virou-se abruptamente para a caixa. – Abra a caixa! – ordenou ele, com a voz ainda alterada de raiva. – Abra a caixa imediatamente!

Yuri adiantou-se e abriu o trinco. Ergueu a tampa e se abaixou para ajudar Nickolai a ficar em pé.

Fazia apenas três dias que Nickolai fora colocado dentro da caixa, mas suas pernas já pareciam borracha. Ele tentou ficar em pé sem cair, mas não conseguiu. A força, simplesmente, não estava ali. Com tão poucos dias entre os períodos que passava na caixa, ele havia lentamente perdido a capacidade de recuperar-se rapidamente, e cada vez suas pernas se atrofiavam um pouco mais.

– Ali! Deitem-no sobre aquele monte de palha ali! – rosnou o coronel. – E deem-lhe água! Ele acenou com a mão para afugentar as moscas e o mau cheiro que permeavam o galpão.

– E tragam um balde de água para que ele possa limpar-se! – O coronel virou-se para Nickolai e balançou a cabeça de novo. – Qual é o seu nome, rapaz?

– Panchuk, senhor. Nickolai Panchuk.

O oficial continuou olhando bondosamente para Nickolai. – É verdade o que o diretor diz? Que você não quer trabalhar?

– Não. Não é verdade. – Nickolai engoliu um pouco da água do copo que Yuri lhe estendeu. – Eu quero trabalhar. Trabalhar mais arduamente que todos os outros prisioneiros, se necessário for. Levanto cedo e fico até tarde da noite, mas – mas não posso desonrar a Deus e trabalhar no Seu santo dia de sábado.

O coronel ergueu as sobrancelhas.

– O sétimo dia de cada semana é o Subota [sábado em croata] de Deus – continuou Nickolai, vendo a oportunidade de testemunhar uma vez mais acerca do seu amado sábado. – Fui criado para santificá-lo e não posso violar minha consciência, senhor! No sétimo dia de cada semana, não posso trabalhar porque estaria desobedecedo às ordens do meu Deus.

Nickolai queria ser respeitoso diante do oficial, mas naquele momento estava deitado sobre o monte de palha. Era difícil ficar em posição de sentido ou fazer continência ao coronel enquanto jazia prostrado sobre o chão do estábulo. O nervosismo transparecia em seu rosto.

– Descansar, prisioneiro! – foi a ordem reconfortante do coronel, enquanto olhava para baixo, para Nickolai. – Em que você trabalhava antes de vir para este campo?

– Eu era pastor, senhor. Por isso fui enviado para cá, em primeiro lugar

porque eu não quis entregar a lista dos membros da minha igreja à KGB. – A voz de Nickolai tremia e quase se embargou de emoção, enquanto acrescentava: – Eu não podia, senhor! Seria trair a confiança que os membros haviam colocado em mim, como seu líder espiritual.

Nickolai se sentiu estranho. Por que estava desnudando a alma diante desse desconhecido oficial do exército? Sentia-se envergonhado e aliviado ao mesmo tempo. Não sabia explicar, mas, de algum modo, parecia a coisa certa a fazer naquele momento.

– Então você trabalharia, só que não aos sábados? O seu Subota, como você o chama.

– Sim, senhor. Trabalharei duro, antes do nascer do sol e bem depois que escurecer, para compensar o tempo correspondente ao sábado.

O coronel olhou para o diretor. – Você tem um trabalho desse tipo? Um que possa ser feito em alguns dias e não em outros? Um trabalho que possa ser feito em menos dias, se esse homem trabalhar mais horas cada um dos outros dias?

O diretor pensou por um longo momento.

– Bem, existe a água que precisa ser trazida da fonte, a um quilômetro de distância. – Ele olhou para o coronel. – Precisamos de barris de água, e geralmente se exige um homem e um boi, sete dias, carregando e trazendo água suficiente para o campo. Suficiente para beber, cozinhar e toda a limpeza de que os homens precisam.

O diretor olhou para Nickolai, deitado sobre a palha, e depois para o coronel. – Acho que podemos fazer uma tentativa. O homem que faz isso agora trabalha do amanhecer ao anoitecer, e mal tem tempo suficiente para trazer os nove ou dez barris de água de que precisamos, em média, por dia. Se Panchuk quer levantar-se antes do amanhecer cada dia e depois trabalhar quando já estiver escuro, talvez consigamos trazer o suficiente até sexta-feira à noite. Eu duvido, mas podemos fazer a experiência. – O diretor tinha um olhar cínico, mas escolheu as palavras cuidadosamente diante do coronel.

O oficial se entusiasmou. – Tudo bem, então, Panchuk. É um trato. Vamos ver o que você pode fazer. Amanhã é terça-feira. O diretor diz que, se você puder trazer água suficiente até a sexta-feira à noite, terá o seu dia livre. Cinco dias de trabalho em quatro. Se puder fazê-lo, então sábado é dia livre.

A seguir, o coronel ficou sério enquanto olhava diretamente para Nickolai. – Mas se você não cumprir a sua parte no trato, terá que carregar água nos

sábados também. Seu Subota, como você diz. Isso ficou claro?

– Perfeitamente.

– Fiquei curioso, Panchuk. – O coronel examinou o rosto de Nickolai, que, embora revelasse muita dor, estampava a paz do Céu. – Você tem sido tão obstinado em recusar-se a trabalhar no seu Subota – continuou ele. – O que acontecerá se o sábado chegar e você ainda não tiver trazido água suficiente? Fizemos um trato e, de algum modo, tenho a impressão de que você provavelmente ainda escolheria ir para dentro da caixa a trabalhar e violar seu dia santo.

Nickolai pensou na pergunta antes de responder ao mais bondoso oficial militar russo que ele conhecera. Escolheu cuidadosamente as palavras, porque queria honrar a fé que o coronel manifestara nele, e a disposição do diretor de dar-lhe a oportunidade de mostrar quem realmente era.

– Se eu honrar meu Deus, Ele me honrará, senhor. Ele sabe que desejo honrá-Lo em oração e quieta meditação nesse dia, e por isso coloco nEle a minha confiança, no sentido de que Ele me dará forças para enfrentar o desafio. Trabalharei metade da noite, se necessário, para cumprir minha parte no trato e garantir o direito de adorar meu Deus nesse dia.

– Sabe, acredito que você consiga – disse o coronel, confirmando com a cabeça e sorrindo bondosamente. A generosidade do homem aqueceu o íntimo de Nickolai, e lhe deu a esperança de que tudo, afinal, contribuísse para o melhor. Pareceu que era esse o momento pelo qual esperava, a oportunidade que aguardava fazia dois anos – a chance de mostrar a todos a soberania do seu Deus.

Nickolai descansou durante o resto do dia, tentando ficar em pé e fazer com que os joelhos funcionassem de novo. Ao cair da tarde, já se sentia razoavelmente bem; contudo, ao deitar-se no beliche aquela noite no alojamento, pensou na distância até a fonte. Devia ser por volta de um quilômetro. Quem sabe um pouco mais. Isso daria quase três quilômetros, cada ida e volta. Nickolai calculou que gastaria duas e meia a três horas para cada carregamento de água. Pelo que havia visto, o carro carregava dois barris de uma vez, e isso significava que seria necessário transportar cinco cargas para trazer a cota de água de um dia. Mas ele precisava trazer água suficiente para o suprimento de sábado também. Não havia dúvida – Nickolai sabia que teria que fazer pelo menos uma ou duas viagens extras por dia!

Com a mente a rodopiar, ele tomou tempo para orar antes de cair no sono.

Senhor, ajuda-me a não ficar preocupado. Ajuda-me a ter a energia de que preciso para assumir esse impressionante desafio. É verdadeiramente um desafio que vem direto das cortes celestes.

CAPÍTULO 21

Antes que o alvorecer iluminasse o céu oriental na manhã seguinte, Nickolai já estava no galpão, ajudando Oleg, o condutor do carro de boi, a atrelar o velho Maksim. Oleg trabalharia com Nickolai naquele dia, para ensinar-lhe a rotina de transportar água da fonte.

Nickolai sabia que essa era sua oportunidade de obter os privilégios do sábado e de ser uma poderosa testemunha de Deus. Por dois anos, agora, ele estivera confinado repetidamente numa caixa de madeira por dez dias de cada vez, porque não queria trabalhar no sábado. Mas ele permanecera fiel às suas convicções, e suportara tudo o que o diretor pudesse jogar contra ele.

Agora, Deus proporcionava a Nickolai um escape da caixa de tortura, com a fé ainda intacta. Era o momento de Nickolai testemunhar de uma forma diferente.

Havia muita coisa em jogo. Deus ajudaria Nickolai a fazer o que parecia uma impossibilidade? Conseguiriam Nickolai e Maksim transportar o correspondente a sete dias de água em apenas seis dias de trabalho por semana? E, naquela semana, a tarefa seria ainda mais assustadora – cinco dias de água em quatro de trabalho.

Para Nickolai, seria necessário um milagre, mas, obviamente, tratava-se de Deus em ação. Tratava-se daquilo que a ocupada vida de Nickolai havia sido, como pastor. Tratava-se daquilo que haviam sido os episódios de interrogatório na KGB, sua final condenação a um campo de prisioneiros e seu confinamento dentro da caixa por recusar-se a trabalhar no dia de sábado. E era também o caso de sua libertação e do novo trabalho com Maksim. A vida de sacrifício de Nickolai e seu serviço para Deus haviam sido um milagre após outro, e Nickolai duvidava de que os milagres cessassem agora. Havia coisas demais em jogo.

E foi assim que Nickolai e Oleg partiram para a fonte, em meio à estepe desprovida de árvores. Durou mais de uma hora o percurso pela trilha, caminhando laboriosamente atrás do lerdo boi.

– Não podemos fazer com que esse velho boi ande mais depressa? – queixou-se Nickolai, enquanto a carreta passava devagar por pântanos e contornava brejos. Se ele andar assim o dia todo, nunca conseguiremos completar as cinco cargas no fim do dia!

– Ah, vamos transportar a água, sim, mas o Maksim nunca prometeu que o faríamos antes de escurecer. Muitas vezes chegamos de noite. Você bem sabe disso! Você estava lá, no galpão, e testemunhou isso várias vezes!

Nickolai olhou fixamente para Oleg, com uma expressão atônita no rosto. Se não conseguissem o número regular de cargas num dado dia, como seriam capazes de carregar os barris extras?

Oleg simplesmente balançou a cabeça. – Acho que você imaginou que seria um trabalho fácil! – zombou ele.

– Ah, não, realmente não, mas eu esperava poder fazer com que Maksim andasse com um pouco mais de rapidez.

Oleg fez uma careta e balançou a cabeça de novo. – Escute! Sinto muito que você tenha ficado encolhido naquela caixa, e estou contente porque o coronel fez você sair, mas esse negócio de buscar mais barris de água para poder ter um dia livre é doidice. O velho Maksim, aqui, não sabe nada a respeito disso. Tudo o que ele sabe é que quando quer andar, ele anda. E quando quer andar mais devagar, não há nada que você possa fazer para apressá-lo!

Nickolai quis dizer alguma coisa, mas não disse.

– Sei o que você está pensando! – continuou Oleg. – Você está pensando que, por ser pregador, o seu Deus vai fazer algum tipo de milagre! Estou certo, não estou? – Oleg deu um tapa no traseiro do boi. – Você pensou que seu Deus iria inclinar-Se do Céu, lá em cima, e cutucar a orelha do velho Maksim ou algo parecido para fazer com que ele andasse mais rápido, não pensou? Então Maksim ia correr como doido e transportar toda a água para a cozinha em seis dias! Quem sabe em cinco?

Oleg ainda balançava a cabeça. Sua reação parecia bastante lógica. Nickolai devia esperar algo menos que isso? Ele havia achado que os outros prisioneiros pudessem admirá-lo por defender sua fé, mas, talvez, não fosse esse o caso. Talvez não respeitassem um homem que não queria trabalhar,

especialmente se estivesse pleiteando um dia de folga a cada sete. Todos os homens trabalhavam arduamente, e todos estavam sendo mantidos naquele campo de prisioneiros contra a vontade. Outra coisa era que, como o diretor, não sabiam coisa alguma a respeito do Deus de Nickolai ou da devoção que ele tinha por seu Criador.

Nickolai nada mais tinha a dizer, e percorreu o resto da distância em silêncio. Fazer o quê?

Os primeiros raios do Sol começavam a espiar por sobre o horizonte quando chegaram ao manancial. Nickolai ajudou Oleg a mergulhar baldes de madeira na água e despejá-la nos barris que ficavam na carreta.

Não era uma tarefa árdua, mas várias vezes Nickolai derramou água dos baldes em si mesmo. O ar da manhã ainda era frio, e a água fazia Nickolai tremer. Ele percebeu que, se quisesse permanecer seco, teria que aprender a colocar mais água dentro dos barris e menos sobre si. Além disso, se fosse descuidado, levaria muito mais tempo para encher os barris.

Oleg pôs as tampas de madeira nos dois barris e depois cutucou Maksim com seu aguilhão. Nickolai ficou contente por ver que Oleg não usava mais o chicote de couro para bater em Maksim. Usava, sim, o aguilhão para guiar o boi e indicar-lhe o que queria que ele fizesse.

O percurso de volta ao campo levou mais tempo ainda, já que a carreta estava carregada com os barris cheios de água. Várias vezes, Nickolai tentou apressar Maksim, mas o boi sempre resistiu aos seus esforços. Na verdade, quaisquer tentativas de apressá-lo faziam com que ele andasse ainda mais devagar.

Se Nickolai pudesse colocar-se na canga e ajudar Maksim a puxar o carro com mais rapidez, ele o teria feito alegremente. Do jeito como estava, ele e Oleg ficavam à mercê de Maksim e suas venetas para andar no próprio ritmo. No fim, Nickolai percebeu que Oleg estava certo – nada havia que pudessem fazer, a não ser caminhar com paciência ao lado da carreta.

CAPÍTULO 22

Na cozinha, trabalharam para descarregar os barris, evitando derramar algo da preciosa água. Era uma rotina simples, mas Nickolai queria partir logo para a trilha de novo. Infelizmente, ao começarem todo o processo outra vez, nem Maksim nem Oleg pareciam com pressa de movimentar-se numa velocidade que satisfizesse a Nickolai.

A essa altura, Nickolai começava a sentir que preferiria trabalhar sozinho, em vez de ter a companhia de Oleg. Para dizer a verdade, ele tinha certeza disso. Enquanto os dois enchiam os barris pela segunda vez e depois viravam o boi para o percurso de volta à cozinha, Nickolai começou a fazer um plano.

Por que gastar o tempo de dois homens fazendo um trabalho que podia ser feito por um só? A tarefa, em si, acabara sendo muito mais fácil do que Nickolai havia pensado. O velho Maksim, de qualquer maneira, fazia a maior parte do trabalho.

Nickolai esperou para falar depois que tivessem descarregado os dois barris de água na cozinha.

– Estive pensando – arriscou-se Nickolai. – É um longo caminho até a fonte, e me parece um terrível desperdício de trabalho fazer com que nós dois andemos até lá. Você me ensinou o que preciso saber e agora o resto fica por conta de Maksim. Por que você não me deixa tentar sozinho? Se eu tiver algum problema, falo com você quando retornar.

Nickolai enxugou o suor da testa com a manga e passou a mão pelo cabelo. – Você acha que funcionaria?

– Hmmm, você provavelmente tenha razão – admitiu Oleg, enquanto olhava para os barris vazios que haviam acabado de colocar na carreta. Ele olhou rapidamente para Nickolai. – Você, possivelmente, não terá problema.

Assim, Nickolai começou seu novo trabalho sozinho e pôs nele as suas energias. Logo que se encontrou a uma distância em que não podia ser ouvido, começou a fazer o que podia para levar Maksim a aumentar a velocidade. Mas o boi não gostava de ser apressado. Algumas vezes, Nickolai tentou cutucá-lo com o aguilhão, mas, após algumas centenas de metros, Maksim reduziu a marcha até quase parar.

Por fim, Nickolai percebeu uma vez mais a verdade daquilo que Oleg havia dito – o velho Maksim não aceitava andar mais rapidamente. Andava quando queria e parava quando queria. A não ser que espancasse o boi sem piedade, as coisas não mudariam nada.

Fizeram mais algumas viagens à fonte, mas o dia passava e o mesmo

acontecia com a energia de Maksim. Perto do fim, andava cada vez mais devagar. Agora Nickolai estava realmente frustrado e, se a história toda não fosse tão patética, ele teria rido.

Para Nickolai, era óbvio que Maksim não se importava com quantos carregamentos ele podia levar antes de escurecer. Era simplesmente um animal. Mas, animal ou não, em alguns aspectos parecia que Maksim era apenas mais um dos prisioneiros. Estava sendo forçado a trabalhar contra a vontade – atrelado a um carro toda manhã e obrigado a ir à fonte e voltar, o dia todo. Era essa a vida de um prisioneiro num campo de trabalhos forçados, não era? Trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Como máquinas, Nickolai e Maksim passariam cada dia trabalhando como se tivessem sido feitos para aquilo. Podiam não gostar, mas o fariam de qualquer maneira, porque era isso que todos faziam ali, nas estepes siberianas varridas pelo vento.

Mas tudo isso era apenas retórica. No fim de cada dia, Nickolai precisava trazer mais do que sua cota de cinco carregamentos de água – no fim da semana, ele precisava de dez barris a mais de água ou teria que passar pela dor e pelo isolamento na caixa. Essa era sua única oportunidade! Essa era a oportunidade que Nickolai havia esperado durante os dois anos em que estivera preso no engradado de madeira.

Então, com Maksim querendo andar mais rápido ou não, eles precisavam trazer água extra até a sexta-feira à noite. Se tivessem que transportar água até o meio da noite, iriam fazê-lo. Nickolai provaria ao diretor que trabalhar duro e ter o repouso do dia de sábado era possível. Queria que Yuri o soubesse, e Oleg, e qualquer outra pessoa no campo que testemunhasse sua persistente lealdade ao sábado e ao seu Deus.

No momento em que as sombras se alongavam na paisagem siberiana, Nickolai sabia que não era suficiente. Ele teria que trabalhar depois de escurecer. O Sol estava baixo no céu enquanto a quinta carga rumava para o campo, e ele sabia que precisava pelo menos de mais um carregamento naquela noite, se quisesse alcançar os dez barris extras de que precisava até sexta-feira à tardinha.

Quando Nickolai terminou de descarregar os barris, virou a carreta rapidamente e partiu para uma viagem mais à fonte. Maksim, porém, tinha outras ideias. Ele puxou o carro para fora do caminho e na direção do estábulo, a uns quarenta ou cinquenta metros dali. Sem se dar por vencido,

Nickolai puxou com força para a esquerda, a fim de colocar Maksim de volta na trilha.

Foi a batalha de um homem contra um animal, cérebro contra força bruta. Maksim não costumava ir à fonte a essa hora da noite, mas Nickolai sabia que teriam que transportar uma carga extra de água. Nickolai usou o aguilhão para persuadir Maksim.

“Você não consegue botar isto no seu grande crânio, que estou fazendo isto para o seu próprio bem?” Nickolai quase gritou. “Estou tão cansado quanto você”, acrescentou ele com uma resolução obstinada que supreendeu até a si mesmo, “mas não importa. Vamos fazer isso, quer você goste, quer não!”

Nickolai sentiu-se mal por ter gritado com Maksim daquele jeito. Ele havia trabalhado muito o dia todo, puxando o carro, indo à fonte e voltando de lá. Já haviam transportado cinco carregamentos de água e andado o que Nickolai calculara como 14 ou 15 quilômetros. E, agora, andariam talvez mais três quilômetros, acrescentando outras duas a três horas de trabalho.

Ele bem que desejava, de algum modo, transmitir a Maksim a ideia de que um dia de descanso para o homem, no sábado, seria um dia de descanso para o boi. Mas imaginou que deveria deixar essa tarefa para Deus. Somente o Criador do homem e dos animais saberia verdadeiramente como fazer isso.

CAPÍTULO 23

Na manhã seguinte, Nickolai estava em pé antes de todos os demais. Levantou-se antes que qualquer um dos prisioneiros se mexesse, e antes do diretor ou dos guardas. Estava em pé antes mesmo que o cozinheiro começasse a fazer o fogo na cozinha. Mas o Sol já surgia sobre o horizonte, e Nickolai achou que deviam ser umas 4 horas da manhã.

Estava um pouco cansado por causa da noite curta, e as pernas estavam um pouco rígidas, mas ele as flexionou repetidas vezes para torná-las mais ágeis. Ele não podia dar-se ao luxo de dormir ou relaxar agora. Precisava entrar em ação, a caminho da fonte, para poder trazer barris de água

suficientes até sexta-feira.

O Sol ainda não começara sua ascensão a partir do leste quando Nickolai vestiu as roupas, pegou um frasco de água e foi ao galpão para acordar o velho Maksim. Naturalmente, era mais cedo do que a hora com a qual Maksim estava acostumado, mas Nickolai conseguiu colocá-lo em pé e atrelá-lo.

O boi, desconfiado, olhou para Nickolai como se suspeitasse de cada movimento do homem. E por que não? Esse homem era doido! Insistindo o dia todo para que ele se apressasse, empurrando-o no trabalho altas horas da noite e agora fazendo com que se levantasse e saísse do estábulo numa hora absurda.

Nickolai estava com pressa de pôr-se a caminho. Não achou que tivesse tempo de tomar um desjejum regular, mas passou pela cozinha em busca de algo para levar junto. O cozinheiro já estava em pé e lhe deu um pouco de pão e cenouras para levar. Nickolai sabia que podia passar pela cozinha no meio da manhã e se alimentar com um pouco de *borsch* quente e pão russo, mas, por enquanto, o alimento frio teria que bastar.

O homem e o boi encaminharam-se para o oeste, na direção da fonte. Maksim conhecia o caminho até no escuro. Podia percorrer aquela distância sem ninguém para guiá-lo – ele seria capaz de fazer o trajeto enquanto Nickolai dormisse na traseira da carreta. Infelizmente, não havia lugar. Os barris eram grandes demais e ocupavam todo o espaço.

A manhã era serena àquela hora, com o silêncio da natureza ao redor. O único som que quebrava a quietude da manhã era o ranger da canga de Maksim e o guincho das rodas da carreta. Fora isso, havia pouca coisa para marcar a madrugada.

Na pálida luz do pré-alvorecer, Nickolai viu alguns lemingues saindo das tocas que haviam feito em meio ao carriço, à margem do caminho. Um pouco além, viu uma coruja branca empoleirada numa áspera pedra da paisagem siberiana. E, naturalmente, havia os coelhos da neve, agora castanhos, com sua camuflagem de verão.

A certa altura, Nickolai fez uma curva no caminho e, de súbito, prendeu a respiração. Sentado no meio da trilha estava um grande lobo, com seu magro corpo, alto e descarnado. Nickolai calculou que tivesse quase um metro de altura até a paleta. E estava simplesmente sentado ali, olhando para o homem e o boi.

Maksim quis parar, por alguns tensos momentos. Era óbvio que o boi, na verdade, não sabia o que fazer. Nickolai percebeu que ele estava assustado, porque via os músculos se retesarem e enrijecerem no pescoço e paleta do boi.

Precisaria Nickolai preocupar-se? Estaria o lobo em busca de uma refeição? Retornaria ele com outros da alcateia? O lobo, por fim, ergueu-se e partiu na direção norte. Nickolai respirou, um pouco mais livremente, depois que o lobo saiu. Ninguém o havia alertado quanto a possíveis ataques de lobos, e ele e Oleg não haviam encontrado o lobo no dia anterior.

Consolou-se com a ideia de que o lobo, afinal, não era uma ameaça. Havia muitos lemingues e lebres da neve para o lobo caçar e comer. Naturalmente, quando o duro inverno chegasse à Sibéria em outubro, Nickolai não saberia ao certo onde ele e o boi se classificavam na cadeia alimentar de uma faminta alcateia.

O alimento não era exatamente farto para homens ou animais naquela região deserta. A única outra caça considerável nas estepes da Sibéria seriam as renas que perambulavam em manadas esparsas. Isso é o que ouvira quando fizera a pergunta a Petya, o cozinheiro, durante uma conversa na cozinha, certa noite.

CAPÍTULO 24

Essa conversa havia acontecido num daqueles dias, meses antes, quando Nickolai acabara de sair da caixa e tentava recuperar-se. Ele conseguira ir à cozinha no fim do dia, em busca de algo para comer. Após a refeição da noite, ficara até tarde, ajudando Petya a lavar caçarolas e panelas e a preparar a massa para assar na manhã seguinte.

Trabalharam em silêncio, até que Petya começou a falar sobre cozinhar e o limitado abastecimento de ingredientes que ele tinha, no campo. Ele esperava um pouco de carne de renas naquele inverno.

– As manadas de renas vêm nesta direção alguns anos; em outros anos, não as vemos – dissera Petya ao cobrir a massa com uma toalha e colocá-la à

parte. – Quando elas vêm, e podemos abater algumas, reservamos carne suficiente para um bom tempo. Quinze ou vinte renas significam um bocado de carne, mas, lógico, isso não dura com 300 homens no refeitório.

Petya olhou para Nickolai e ergueu as sobrancelhas. – Acho que você está se perguntando onde estão as armas que eles usam para caçar as renas.

– Bem, eu não havia pensado nisso, mas, já que você fez menção, creio não ter visto nenhuma arma aqui no campo.

– Isso é porque eles não expõem as armas, a menos que as manadas de rena venham nesta direção. Acho que deixam os rifles trancados no escritório do diretor, ou coisa assim. Na verdade, ninguém sabe. Nunca me contaram. Naturalmente, eles só entregam os rifles para os guardas, mas ninguém fica pensando muito nisso. Simplesmente, todos ficam contentes por ter um pouco de carne para comer; e a carne de rena até que é gostosa.

Petya começou a pendurar as panelas e caçarolas para secar, e Nickolai fez o que pôde para ajudá-lo. – Se as renas não vêm nesta direção, precisamos nos satisfazer com repolho, nabo, beterraba e cebola, que cultivamos em nossa horta. Eles se conservam bem, e no tempo frio podemos armazená-los embaixo da terra, em camadas de feno.

Nickolai pensou nos vegetais que Petya cozinhava no *borsch* – repolho e beterrabas, essencialmente. *Borsch* é algo que todo russo come, todo dia. Não ter *borsch* numa refeição principal era considerado quase impensável.

Petya tinha braços fortes, devido ao seu trabalho na cozinha. Fazer pão, cortar nabos e beterrabas e esfregar panelas são coisas que podem fazer isso por você. Ele era um homem quieto e parecia não ter muitos amigos. Mas era um ótimo cozinheiro; todos diziam isso.

– Você é um bom cozinheiro, Petya – afirmou Nickolai –, especialmente com os recursos limitados com os quais conta para trabalhar.

– Você diz isso porque ainda não viu nada – retrucou Petya, rindo, e Nickolai riu também. – Você está trancado na caixa há muito tempo. Está sempre com fome, e qualquer coisa que bate na sua língua tem gosto bom para você – acrescentou Petya.

As lembranças de Nickolai terminaram quando ele chegou à fonte. Enquanto enchia os barris com água, o Sol finalmente surgiu com toda a sua glória. Ele trabalhou rapidamente para terminar a tarefa, e depois deu meia-volta em Maksim e na carreta. Parecia que estavam progredindo, e Maksim respondia bem à pressa de Nickolai.

Nesse ritmo, Nickolai tinha certeza de que poderia levar seis carregamentos de água – doze barris. E quem saberia? Talvez conseguisse levar mais do que isso. Na mente de Nickolai, sete idas à fonte não estavam fora de cogitação.

Durante a manhã toda, Nickolai conduziu a carreta, sem permitir que o boi descansasse ou fizesse uma pausa à margem do caminho, para comer um pouco de capim. Era quarta-feira. Se ele conseguisse buscar catorze barris de água até a hora de dormir e outros catorze na quinta-feira, teria que transportar apenas dez na sexta-feira. Isso lhe daria tempo para preparar-se devidamente para o sábado, quando chegasse a hora de o Sol se pôr.

Mas Nickolai estava se precipitando, e julgou mal a natureza de um animal de carga. Quando a tarde chegou e o Sol se encaminhou para o oeste, o velho Maksim começou a retardar o passo. Seus omoplatas baixaram um pouco mais e a língua começou a ficar para fora quando paravam junto à fonte ou junto à cozinha para descarregar os barris cheios. Naturalmente, Nickolai deixava que o boi bebesse bastante enquanto ele enchia os barris na fonte. Isso era eficiência. Por que não dar a Maksim a oportunidade de descansar, e beber até ficar satisfeito enquanto Nickolai se ocupava enchendo os barris?

Mas, quando voltavam à cozinha, Nickolai só parava o tempo suficiente para que Petya lhe desse um pouco de pão e uma tigela de *borsch* vermelho. Nessas ocasiões, Nickolai nunca dera a Maksim a oportunidade de ingerir mais do que um pouco de água.

Assim prosseguiam, enquanto Maksim ficava mais cansado a cada hora e mais lento a cada etapa do percurso. No fim da tarde, era óbvio que exigir tanto de Maksim havia minado a resistência do boi e sua disposição de continuar. Na verdade, a quinta ida à fonte levara mais de três horas. O Sol já baixava no céu e agora Nickolai podia ver que teriam que trabalhar duro para trazer seis cargas de água – teriam que trabalhar muito tempo depois do escurecer para fazê-lo.

Ele estava muito frustrado com Maksim à medida que o tempo passava, mas o que podia fazer? Decidiu que teria simplesmente que pressionar o boi com mais firmeza. Não tinha outra escolha. Eles teriam que andar mais rapidamente para conseguir a água até o sábado. Nickolai havia chegado longe demais no seu plano para desistir dele agora.

Com uma firme decisão, Nickolai prometeu fazer com que Maksim trabalhasse, mesmo sendo a última coisa que fizesse na Terra! Mas Nickolai

sabia que, se fosse para acontecer mesmo, algo teria que mudar! Ele teria que alterar o modo como Maksim fazia as coisas. Para modificar o comportamento de um animal, seria necessário forçá-lo a obedecer – ou castigando-o pelo mau comportamento ou recompensando-o pela obediência.

Encolheu-se ao perceber, de repente, que fora exatamente isso que o diretor tentara fazer com ele. O diretor, de modo obstinado, insistia em colocá-lo na caixa de madeira, na tentativa de dobrá-lo.

– É isso que estou fazendo com você? – Nickolai perguntou, incrédulo, enquanto olhava para Maksim. – É disso que se trata?

Os lemingues, ao longo da trilha, cessaram seus guinchos e sentaram-se para ouvir mais do debate. As lebres da neve, mordiscando em meio ao capinzal, ergueram as orelhas para ouvir o veredito.

Por um longo momento, Nickolai pensou nessa ideia, mas depois, com a mesma rapidez, acordou da sua reflexão.

– Não há tempo para isso agora! – argumentou ele, colocando a mente em outra direção. – Não tenho tempo para sentir pena de um boi que não quer trabalhar duro. Se eu posso fazer isso, então ele pode também!

Nickolai não afrouxou. – Vou empurrar você o dia todo, Maksim, e a noite inteira se for preciso! Fico sem as refeições; fico sem dormir!

Frustrado, cutucou Maksim no traseiro com o aguilhão, e o velho boi deu um pulo para a frente. Maksim teria que trabalhar duro o dia todo, todos os dias – Nickolai daria um jeito nisso!

Naturalmente, no fim da semana, Maksim teria o sábado livre, assim como Nickolai. O pastor sorriu, apesar de sua irritação. Qualquer descanso para Nickolai seria descanso para Maksim. O boi não sabia disso ainda, mas ficaria sabendo logo. No sábado, ele estaria descansando no galpão, saboreando o capim empilhado no seu cocho.

CAPÍTULO 25

Na manhã de quinta-feira, Nickolai estava em pé mais cedo que no dia anterior. Mas seus piores temores do dia anterior se confirmaram – por mais

que tentasse, conseguiu transportar apenas seis carregamentos de água.

Ao pensar em quão arduamente havia trabalhado, até muito tempo depois de escurecer, a história toda era desalentadora. Que mais precisaria fazer, que já não houvesse feito? Quase a ponto de desistir, parecia não ter respostas.

Quando Nickolai foi ao estábulo, Maksim parecia desatento e cansado, como se já houvesse usado a cota diária de energia. Enquanto saíam do campo, o velho boi andava com a cabeça baixa e sem luz nos olhos. Nem mesmo olhou para o lado de Nickolai, quando este procurou dar-lhe sua merenda favorita – uma cenoura.

Nickolai sabia que agora estava pagando o preço por ter levado Maksim ao limite, dois dias consecutivos. E, de algum modo triste, ele parecia ter razão. Nickolai havia ignorado a lógica do bom senso e a bondade do seu coração, que lhe ordenavam ser mais brando com o animal. A justiça na lei da natureza havia prevalecido, e Nickolai não podia negar que devia ser assim.

Hora após hora, o boi se arrastava lentamente, sem o senso de urgência que Nickolai tinha. Ele havia trabalhado horas extras por dois dias, e agora parecia estar pensando que merecia afrouxar um pouco as coisas. Afinal, não era no seu pescoço que estava a corda. Por que trabalhar mais rapidamente, só para trocar um dia por outro? É claro que ele não tinha conhecimento do sábado de Nickolai nem da importância do embate entre o pregador e o diretor.

O Sol passou pelo zênite quando a manhã se tornou tarde. Brancas nuvens de cúmulos eram impelidas pelo vento através da paisagem agora verde, com a grama curta que crescia no verão. Algumas poucas flores de cardamomo contemplavam o homem e o boi, que passavam por ali com a rangente carreta de água.

De súbito, o lobo solitário saiu para observá-los de novo. Desta vez, ele se acomodou num leve aclive ao sul, acompanhando cada movimento, como se o homem e o animal fossem a melhor fonte de entretenimento que tivera nos últimos dias.

Mas Nickolai mal o notou. Estava ficando mais desanimado a cada hora. Todos os seus esforços para trabalhar com afinco e entregar a cota de barris até o pôr do sol da sexta-feira seriam inúteis. Simplesmente não seriam suficientes. Nickolai sentia isso nos ossos. Não haveria tempo suficiente.

Nickolai encheu os barris pela terceira vez naquele dia e depois virou a

carreta de novo. Ao andar pesadamente ao longo do caminho, Nickolai fez as contas uma vez mais. Eram necessários dez barris de água por dia – cinquenta até a noite de sexta-feira, para que ele não precisasse transportá-la no sábado. Dois barris de água por viagem significavam que ele precisaria fazer vinte e cinco viagens em apenas quatro dias.

Com os seis carregamentos que transportara na terça e os seis na quarta, precisaria de um total de mais treze. Isso significava que necessitaria de pelo menos sete na quinta-feira e quem sabe seis na sexta-feira.

Como seria capaz de fazer isso? Não havia podido trazer sete cargas nos outros dois dias, e hoje Maksim trabalhava ainda mais devagar. Sete carregamentos pareciam algo impossível.

Com toda a certeza, nesse ritmo, nunca alcançariam a meta ao pôr do sol de sexta-feira. Se ele houvesse começado a trabalhar no domingo, talvez pudesse fazer uma viagem extra por dia. Quem sabe, então, pudesse ter transportado o número de barris necessários até sexta à tardinha.

A essa altura, Maksim estava até mancando um pouco, e o ritmo dos passos se reduziu até quase arrastar-se. Nickolai finalmente parou o boi e examinou sua pata. Nela se havia cravado uma pedra, e Nickolai a removeu.

Ele se endireitou e suspirou, antes de dar um tapa na anca de Maksim. Não fazia mais sentido usar o aguilhão para apressar Maksim. Ele simplesmente deixou que o boi andasse no seu próprio ritmo.

A noite, por fim, chegou, tirando Nickolai e Maksim da sua desgraça. Haviam trazido apenas cinco carregamentos da fonte. Dez barris de água – isso seria um bom trabalho para o dia, mas nem perto do suficiente para levá-los mais perto da meta de Nickolai.

A confiança de Nickolai se desvanecia. Ele achara que o repouso no dia de sábado seria uma coisa certa. Não desejava Deus que ele tivesse o sábado livre? Então, o que dera errado? Por que as coisas não funcionavam entre ele e Maksim? Por que Deus não o ajudava a trazer o número de barris de que necessitava para completar sua cota até a sexta-feira à tardinha? Teria Deus outros planos? Desejaria Deus que ele passasse outros dez dias dentro da caixa? Teria sido esse o Seu plano original para Nickolai, o tempo todo?

A testa de Nickolai se franziu num rosto sulcado e fechado. Não importava. Ele sabia que não trabalharia no sábado, mesmo com o ultimato do diretor pendendo sobre sua cabeça.

Parecia não haver saída, simplesmente! Nenhuma direção para onde se

virar!

CAPÍTULO 26

A essa altura, Nickolai não tinha ideia daquilo que Deus lhe reservava. Sentia-se totalmente perdido quanto ao que esperar, ou quanto ao que devia fazer a partir dali.

Dezesseis barris de água. Seria impossível transportar tudo isso até o pôr do sol do dia seguinte – dez para a sexta-feira e os outros seis para completar os dez que seriam necessários para o abastecimento de sábado. Simplesmente não haveria tempo.

Nickolai vinha fazendo a sua parte durante toda a semana, mas não lhe parecia que Deus estivesse fazendo a dEle. Não respondera às orações de Nickolai – pelo menos ainda não e certamente não do modo como Nickolai imaginava que as coisas deviam acontecer. E todas as aparências indicavam que a janela da oportunidade se fechava rapidamente.

A questão deixou Nickolai totalmente desanimado. Conseguiria ele o sábado livre? Sua fé desejava dizer “sim”, mas a lógica dizia “não”. Ele havia trabalhado até tarde na quarta-feira, e novamente bem depois do anoitecer na quinta-feira, mas com apenas quatro barris extras de água como prova.

Nickolai passou longo tempo ajoelhado em fervorosa oração naquela noite, perdendo até o precioso sono para falar com seu Pai celestial. Ele precisava encontrar um jeito de resolver o dilema. Precisava obter bom êxito, de alguma forma.

Por fim, caiu num sono agitado. Em algum momento da noite despertou, ainda ajoelhado.

Enquanto Nickolai subia para o beliche, um pensamento repentino lhe produziu um estalo. Teria sido o caso de que todos os seus esforços por levar água à cozinha houvessem sido feitos segundo seu próprio plano? Seria possível que ele estivesse tão ansioso por desfrutar o repouso do dia de sábado que havia começado a confiar em seus próprios esforços para consegui-lo?

Uma história bíblica lhe veio à mente, e Nickolai se perguntou se a sua situação teria alguma semelhança com ela.

Deus havia chamado Gideão para liderar as tribos de Israel contra um inimigo comum, os amalequitas. Os israelitas haviam cerrado fileiras em resposta à convocação de Gideão, aos milhares. Na verdade, 32.000 se apresentaram, ansiosos por pegar em armas e prontos a servir. Seria isso mesmo?

Evidentemente, Deus via as coisas de outro modo.

Foram feitos dois testes diferentes: primeiro, Gideão recebeu ordem de mandar de volta para casa os soldados que tivessem um pouquinho que fosse de medo e, segundo, todos, com exceção de 300 homens, foram solicitados a se retirar, porque não estavam realmente prontos para a batalha.

Gideão espantou-se pelo fato de Deus esperar tanto com tão poucos com quem trabalhar, e era exatamente assim que Nickolai se sentia naquele momento. Como santificar o dia de sábado se nem mesmo tempo tinha, ou o boi, ao seu lado?

Nickolai deu um meio sorriso torto, no escuro. Naquele instante, ele se alegraria se tivesse contado com 300 bois ao seu lado.

Virou-se e tentou dormir. Como Gideão, Nickolai começava a perceber que, mesmo sendo impossível carregar água suficiente até o ocaso da sexta-feira, o triunfo e o crédito não seriam seus. Ele quisera fazer as coisas do seu jeito – não que seu motivo e intenções não fossem puros. A questão era que os planos, todos, haviam sido dele.

Ele sabia que Deus desejava que ele descansasse no sábado. Não havia dúvida quanto a isso. Desde o dia em que Nickolai chegara ao campo de prisioneiros, estivera honrando o sábado. E sofrera por ele. Mas Nickolai dava graças a Deus todos os dias por nunca ter cedido, nem abandonado sua lealdade ao Seu santo dia.

Mas o período de testes não acabara, evidentemente. Desta vez, ele não estava sendo testado por ficar preso dentro de uma caixa. Era um tipo diferente de teste – um que exigia impressionantes quantidades de energia, determinação e paciência.

Mas, no fim, ele sabia que a vitória seria de Deus. Sem dúvida, Deus estava encaminhando as coisas para um propósito ainda maior do que a imaginação de Nickolai pudesse alcançar. Tinha que ser isso! O que mais seria?

Se Nickolai estivesse sendo testado como Gideão, então seria o caso de seus planos terem que dar lugar aos planos de Deus. O modo como Nickolai vinha fazendo as coisas deixava pouca margem para que os homens, no campo de prisioneiros, dessem crédito a Deus por qualquer coisa que se assemelhasse a um milagre. Mas Nickolai estava começando a ver agora que, se Deus fizesse as coisas do jeito dEle, eles não teriam opção.

Fazia bem entregar tudo a Deus uma vez mais. Nickolai sempre havia crido em permitir a Deus o controle completo. Para ele, era como sua segunda natureza, e ele lamentou o fato de que se permitira sair do trilho.

Em algum momento, justamente antes de Nickolai mergulhar no sono, sua mente repassou uma vez mais um dos seus versos bíblicos favoritos: “Todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito” (Romanos 8:28).

CAPÍTULO 27

A manhã chegou muito depressa para Nickolai. Depois de todos os momentos de desânimo nos dois dias anteriores de trabalho, Nickolai havia começado a vacilar na sua fé.

Depois, lembrou-se de que havia despertado, à noite, diante de um momento de inspiração, uma impressionante manifestação divina de que sua experiência era, na realidade, muito bíblica. Assim como Gideão, Nickolai percebeu, uma vez mais, que ele teria que confiar em seu Pai celeste. Precisava colocar a fé nAquele que podia fazer com que todas as coisas cooperassem para o bem.

O dia e o desafio final haviam chegado, e Nickolai saiu para recebê-los. Apressou-se em direção ao celeiro, a fim de despertar o velho Maksim para as tarefas do dia. Mas, para sua surpresa, Maksim já estava em pé, com as pernas inquietas e os olhos plenamente em alerta.

“Bem, bem, aqui houve uma mudança!” concluiu Nickolai. “Você nunca está em pé tão cedo de manhã!” E deu um tapa no traseiro do boi. Todos os dias daquela semana, quando chegava ao estábulo, sempre encontrara

Maksim deitado.

Mas agora Maksim dava puxões na correia, pronto para sair.

Nickolai colocou a canga de Maksim sobre o pescoço dele e o atrelou. “Tudo bem, garotão!” anunciou ele, animado. “Vamos andando!”

Por um momento, o coração de Nickolai vibrou ao pensar no elevado nível de energia de Maksim. Era animador e revigorante ver o animal, por fim, em sintonia com o homem. Naturalmente, agora era um pouco tarde, matutou Nickolai.

Mas, quando Nickolai conduziu Maksim para fora do galpão e o prendeu à carreta, o animal disparou para a frente como se estivesse a caminho de uma corrida. Nickolai queria passar pela cozinha para pegar uns nabos frios e pão russo como fizera nas outras manhãs daquela semana, mas não teve chance. Maksim saiu correndo, e Nickolai precisou fazer o mesmo para acompanhá-lo. Para dizer a verdade, Nickolai acabou correndo o percurso todo até a fonte, atrás de Maksim e da carreta, que dava solavancos.

Quando Maksim, por fim, parou o carro, estava com a língua de fora, e seu pelo marrom claro, molhado de suor. Nickolai tentou tomar fôlego ao se emparelhar com o boi, agora também respirando pesadamente.

“Puxa! Afinal, o que aconteceu?” foi tudo o que Nickolai disse enquanto Maksim permanecia com a cabeça baixa, os olhos se revirando.

Nickolai encheu os barris e depois os prendeu firmemente ao carro com uma corda. Caso Maksim tivesse a ideia de correr de novo, Nickolai queria que os barris ficassem lá dentro.

Ele olhou de novo para o boi. Que estaria acontecendo com o grande animal? No dia anterior, a operação toda havia quase chegado a parar, porque Maksim não tinha energia. Agora, sua energia era suficiente para dez bois, e a impressão foi de que ele estava correndo para bater todos os recordes. Era como se alguém houvesse acendido uma fogueira por baixo dele.

Nickolai sabia que não poderia permanecer matutando sobre esse incrível espetáculo que ocorrera diante dos seus olhos. Precisava capitalizar a oportunidade que Maksim lhe oferecia – uma dádiva de Deus.

Nickolai pôs rapidamente as tampas de madeira sobre os barris. O velho boi havia feito o trajeto num tempo tão curto que Nickolai precisou se perguntar quão rapidamente aquilo acontecera.

Mas não teve tempo para pensar no assunto, porque de repente, como se houvesse hora marcada, o boi partiu de novo. Retesou-se na canga até que a

carreta começasse a correr num bom ritmo. O velho boi andava a uma velocidade inédita.

O mais estranho de tudo, porém, era o modo como Maksim o fazia. Seu grande corpo angular agora deslizava como se fosse num movimento fluido. Sua marcha, firme e suave, puxava o carro sem as guinadas que geralmente aconteciam por causa do atrito entre a canga e os varais da carreta.

Então, de repente, Nickolai se lembrou de um sonho que tivera no início da semana, segundo o qual Maksim e ele corriam para a fonte. Havia sido uma fantasia maravilhosa naquele dia. Agora, era uma excitante realidade.

Nickolai sabia que nunca vira qualquer coisa parecida com aquilo. Era notável como o velho animal havia corrido até a fonte na primeira viagem, mas o percurso de volta fora mais incrível ainda! Ninguém acreditaria, se ele contasse. As pessoas teriam que ver a cena para chegar a compreendê-la. Como explicar-lhes a visão de um boi trotando com pesados barris de água na carreta, ao longo de uma estrada deserta no sertão da Sibéria? O episódio era simplesmente excepcional!

E, agora, ele e Maksim batiam recordes de tempo! O boi corria, corria e corria! Não havia dúvida, na mente de Nickolai, de que Deus era a fonte da ilimitada energia de Maksim. Era extraordinário ver Deus revelar-Se desse modo miraculoso. Era, na verdade, uma inspiração e maravilha para o pregador.

A pergunta, no momento, era: Por que agora? Por que Deus esperara até o último dia para ajudar Nickolai? Naturalmente, Nickolai sabia a resposta para essa pergunta. Deus desejava remover-lhe da mente toda dúvida de que haveria alguma coisa que ele mesmo pudesse fazer para produzir essa história milagrosa.

CAPÍTULO 28

E assim transcorreu a manhã. Por volta do meio-dia, eles já haviam feito cinco viagens. Nickolai ficou sem fala. Que poderia dizer? Deus realizava um milagre espantoso, e o fazia de um modo que Nickolai jamais teria predito.

Durante a tarde toda, os dois trabalharam. Nickolai se cansou de suas corridas constantes atrás do boi e da carreta. Era quase ridículo. A semana toda ele estivera tentando fazer com que o boi corresse, mas havia fracassado miseravelmente.

Agora era ele quem corria para acompanhar o boi, e isso começava a deixá-lo cansado. Após as idas regulares para dentro da caixa, seus músculos se haviam realmente atrofiado, mas essa era outra parte incrível de todo aquele impressionante milagre. Nickolai tinha energia e desfrutava o pleno uso de suas pernas. Verdade, os músculos não eram mais rijos e resistentes como haviam sido, mas ele conseguia acompanhar e as pernas não lhe falhavam. Havia algo a ser dito a esse respeito!

Embora se cansasse, e lhe faltasse um pouco do fôlego, ele não se permitia ir dentro da carreta, mesmo na viagem de ida à fonte com os barris vazios. Sabia que não poderia arriscar-se a cansar o boi. O velho Maksim devia estar chegando ao ponto da exaustão. Como sustentar aquela velocidade e intensidade durante tantas horas?

Nickolai continuava pensando que o boi desabaria a qualquer minuto, mas isso não aconteceu – ele continuava indo, indo, indo. Era um milagre, realmente! Sem sombra de dúvida, ninguém menos que o Espírito de Deus sustinha o boi sobre suas pernas.

Foi emocionante ver como as coisas ocorriam. Nickolai não ousou fazer uma pausa, por medo de que, de alguma forma, perdessem o impulso que Maksim havia adquirido. Na hora em que as sombras da tarde se alongavam, eles haviam completado sete idas à fonte. Precisavam de apenas mais uma última viagem.

Conseguiriam terminar tudo ao pôr do sol? Estaria Nickolai arriscando a sorte se levasse Maksim à fonte uma vez mais?

Felizmente, Maksim tinha ideias próprias. Quando Nickolai virou o carro e fez uma pausa para verificar o ângulo do Sol no céu, o boi partiu sem hesitação.

Nickolai sentia-se faminto, mas não teve escolha. Precisava seguir. Pegara um pão ao passar pela cozinha por volta do meio-dia, mas isso havia sido tudo o que comera.

A última ida à fonte foi a mais difícil de todas. A impressão de Nickolai era de que nunca acabaria. A essa altura, Maksim diminuíra um pouco a marcha, mas a parada na fonte lhe deu o necessário descanso. Bebeu bastante

água, por longo tempo, como já fizera tantas vezes naquele dia.

Mas, quando Nickolai colocou as tampas nos barris e deu a volta no carro, Maksim partiu como das outras vezes. Novamente, Nickolai precisou correr para acompanhá-lo, mas os dois tomaram fôlego e era como se nada pudesse detê-los. Deus os havia verdadeiramente abençoado com a vontade e a energia para alcançar bom êxito. A essa altura, parecia que o repouso do sábado seria realmente bom.

Nunca, na vida, ele aguardara tanto o descanso no santo dia do Senhor! Nunca tivera tanta certeza de que Deus atuava por trás dos bastidores para realizar um milagre! E tudo por amor a um pastor russo que se dedicara a honrar a Deus e ao Seu memorial da Criação.

Enquanto corriam pelas estepes da planície siberiana, as sombras se alongavam ainda mais. Muitas criaturas se movimentavam para a chegada da noite. Os lemingues se reuniam, às dezenas, nos cômoros de carriço, guinchando e tagarelando em sua conversa de roedores. Uma solitária coruja os observou de seu posto no terreno coberto de relva da tundra. E, na direção norte, postava-se meia dúzia de lobos das pradarias russas, esperando que a Lua surgisse. Observaram com interesse o homem e o boi passar correndo, com a carreta aos solavancos atrás.

De modo surpreendente, Nickolai não dedicou um pensamento sequer aos lobos. O normal seria ficar com medo do número deles, mas, honestamente, não tinha tempo a perder. Ele tinha um sábado para o qual se preparar, e o campo estaria à vista ao fazer a curva. Não era o momento de ter medo de um ataque de lobos. Deus realizara um milagre para o pregador e o boi, e neste momento Nickolai tinha certeza de que uma centena de lobos não teria sido capaz de detê-los.

Maksim chegou ao campo, com as pernas ainda trotando. Foi somente quando a carreta encostou junto à cozinha que suas pernas pararam de se agitar. Somente então o homem se permitiu parar e tomar fôlego.

Ali estavam os outros oito barris cheios de água, esperando para serem usados no dia seguinte. O Sol ainda não se havia posto, mas estava muito perto disso. Com o auxílio de Deus, Nickolai havia completado a tarefa impossível que se empenhara em cumprir.

Ao deslizar os barris pela rampa colocada junto ao carro, Nickolai inclinou a cabeça e deu um suspiro de alívio. O milagre fora completo! Não havia outra explicação para o trabalho do qual se haviam desincumbido! Deus,

verdadeiramente, fizera a Sua parte.

Nas longas sombras do dia que terminava, um verso bem conhecido veio à mente de Nickolai. “Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos” (Zacarias 4:6).

Nunca, na vida de Nickolai, um verso das Escrituras fizera tanto sentido. Jamais um texto fora tão rico em seu significado. Nickolai, verdadeiramente, triunfara no teste que havia ameaçado anular sua fé, e a vitória foi mais doce do que qualquer outra coisa que ele já experimentara ou alguma vez imaginara.

CAPÍTULO 29

Os últimos raios do Sol de verão, que se punha tarde, atravessavam a paisagem, enquanto Nickolai levava Maksim ao estábulo. Apressadamente, soltou Maksim da carreta e tirou a canga do seu pescoço e lombo. Depois, deu ao cansado boi um pouco de capim e um tapa no traseiro.

“Quero que desfrute esse descanso, Maksim. Você o merece!” Encaminhou-se para a porta do galpão e depois se virou uma última vez para o boi. “Espero que saiba que não virei buscá-lo amanhã de manhã. Conquistamos um descanso – nós dois – e vamos obtê-lo.”

Nickolai foi a um dos barris, pegou um pouco de água com um balde de madeira e se dirigiu ao alojamento. Era a hora de um bom banho.

Quando se vestiu com a única outra camisa e troca de roupa que tinha, foi pedir algo para comer, antes que Petya fechasse a cozinha para a noite. Como sempre, estava atrasado para o jantar, mas, como sempre, Petya tinha uma tigela de *borsch* esperando por ele. Também tinha uma porção de pão preto russo e uma rara fatia de queijo.

– Oba! Isto é um quitute! – Nickolai sorriu, enquanto degustava uma mordida do queijo amarelo. – Onde você o conseguiu?
É a melhor iguaria que já provei neste campo.

– Um senhor idoso, que mora não longe daqui, tem algumas renas que ele domesticou. Ele ordenha algumas e depois faz queijo. Fiquei surpreso –

acrescentou o cozinheiro, cortando uma fina fatia do queijo para si. – Até que para ser queijo feito com leite de rena está bem gostoso, mas acontece que nunca comi queijo de rena antes, de modo que nem sei qual deve ser o sabor.

Após o jantar, Nickolai andou calmamente até o escritório do diretor para dar-lhe a notícia. Ele havia conseguido transportar os necessários barris de água para as horas do sábado.

O diretor tirou os olhos da sua escrivaninha e olhou para cima, com surpresa. – Você já trouxe dez barris para o campo, cheios de água?

– Sim, senhor. – Nickolai tentou não parecer feliz demais. Não queria que o diretor pensasse em alguma tarefa adicional que precisasse ser feita. Isso seria jogo sujo, até mesmo para o diretor, pensou Nickolai.

– Muito bem, então, Panchuk. Vá em frente e descanse. Você merece. Entendo que você andou fazendo alguns serões. – O diretor voltou para o que estava fazendo.

– Ah, Panchuk – acrescentou ele, enquanto olhava Nickolai fixamente por cima da armação dos óculos –, o que houve com o boi hoje? Contaram que o animal “aprontou” com você. Não parava de correr.

Nickolai sorriu. – Sim, senhor, ele estava um pouco nervoso.

– “Nervoso”! – o diretor quase gargalhou. – De acordo com todos os que o viram, ele mais parecia maluco!

– Sim, senhor, preciso concordar. Um tanto maluco. Não sou responsável por isso, mas ele estava bem. Só diremos que Deus nos ajudou a trazer a água.

Como poderia Nickolai explicar o que realmente pensava? Que Deus havia falado com o boi? Ou colocado um besouro na orelha dele? Ou lhe dado uma injeção de adrenalina cujo efeito durou o dia todo?

Talvez devesse ter falado mais ao diretor acerca do poder do seu Deus. Talvez, mas então não importava, porque o diretor realmente não queria saber e já fazia sinal para que ele saísse.

E assim começou o sábado para Nickolai. Ele não se exibiu durante esse tempo. Em vez disso, permaneceu dentro do alojamento e orou a maior parte do dia. Os outros prisioneiros, todos, foram para seus locais de trabalho, de modo que ele teve tempo a sós. Até os guardas o deixaram em paz.

Repetidas vezes, deu graças a Deus pelo milagre operado em seu favor. Deus havia, realmente, feito algo maravilhoso e Ele o fizera com um mudo boi. O episódio fez com que Nickolai se lembrasse da história bíblica

segundo a qual Deus usou uma jumenta como porta-voz.

A jumenta, na verdade, não queria fazer parte daquela aventura. Mas, assim como Maksim, fora levada involuntariamente para o grande enredo da história, quando Balaão decidiu desobedecer a Deus. Na estrada para Moabe, um anjo de Deus tentou impedir que Balaão e sua jumenta prosseguissem na missão de amaldiçoar Israel. Balaão, naturalmente, não sabia disso e espancou cruelmente a jumenta. O pobre animal fez um estardalhaço e então começou a falar.

Nickolai pensou nas semelhanças entre Maksim e a jumenta de Balaão. Assim como a jumenta, Maksim fora usado por Deus como Sua testemunha. Assim como a jumenta, Maksim foi parte de um maravilhoso milagre que poderia muito bem ser contado dali em diante.

Foi um grande dia de repouso e descontração para Nickolai, e ele apreciou o fruto dos seus labores com deleite. Não se lembrava de quando havia sentido uma paz mais completa. E dormiu um pouco. Ele merecia, concluiu, como compensação por todas as noites insones, e por ter corrido atrás da carreta o dia todo, na sexta-feira. Calculou que correra uns 24 ou 25 quilômetros.

Nickolai foi ao refeitório por volta do pôr do sol. Todos os homens já haviam comido quando ele chegou, e então Petya deixou que ele fosse para a cozinha, atrás, e comesse ali para poderem conversar.

CAPÍTULO 30

– É verdade? – perguntou o cozinheiro, com um brilho de admiração nos olhos.

Nickolai sorriu humildemente. – Você se refere ao Maksim?

– Exatamente. Sei que você trouxe a sua cota de barris, mas também ouvi que você trouxe oito carregamentos de água num dia.

Nickolai encolheu os ombros e continuou sorrindo.

– Isso dá dezesseis barris de água, pregador! – Nickolai sabia que Petya não estava zombando. O nome soava mais como um termo afetuoso, partindo

de Petya.

– Certo. Foi mais do que eu havia conseguido antes.

– Ah! – reagiu Petya. – Ouvi dizer que foi um recorde! Mais do que qualquer outro já transportou num único dia!

– Mesmo? – Nickolai sabia que precisava contar a Petya a história toda. Não podia deixar que Petya achasse que fora trabalho seu, ou do velho Maksim, no caso. Se houvesse alguém que quisesse entender, seria Petya.

– Não posso assumir o crédito por toda a água que transportei ontem.

Petya o olhou com as sobrancelhas erguidas.

– Verdade. Como você sabe, sou um homem de oração, Petya. Depois daqueles dois anos dentro da caixa, aprendi a depender de Deus para tudo. Ele me ajudou a lidar com a dor e a fome. Ele me deu paz mental quando eu mais precisava. E Lhe sou grato especialmente pela vida. Devo a Ele a minha vida, muitas e muitas vezes.

– Então o seu Deus o ajudou a carregar aquela água? Como foi que Ele fez isso?

– Dando ao velho Maksim uma quantidade enorme de resistência, energia e inspiração. Força suficiente para andar o dia todo, correr constantemente, sem parar mesmo para comer. E inspiração para fazer isso, em primeiro lugar. Um pouco de água foi tudo o que bebeu, e algumas cenouras que levei para ele.

Petya balançou a cabeça. – Bem, achei essa parte sobre o boi quase inacreditável. O diretor sabe de tudo isso?

– Acho que não. Não lhe contei. Ele não perguntou.

Petya estava sentado sobre um banco alto, olhando fixamente para Nickolai. – Você pediu que Deus fizesse isso por você?

– Não pedi que Ele fizesse isso especificamente por mim, porque não sabia que seria possível. – Nickolai balançou a cabeça. – Mas pedi, sim, ao meu Deus que fizesse o favor de me ajudar a encontrar um jeito de transportar água suficiente, para que eu não tivesse que trabalhar no sábado.

– Então o seu Deus inventou isso, é? Que legal! – Petya parecia pensativo. – O seu Deus ajuda a todos os que pedem?

– A todos os que vão a Ele com fé. A qualquer um que O busque de todo o coração, mente e alma.

– E é isso que você faz?

– Como pastor cristão, devo dizer que sempre fiz isso. Por Sua graça.

Houve silêncio na cozinha por um bom tempo. O único som que se ouvia era o do fogão a lenha, estalando enquanto esfriava lentamente para a noite.

– Ele faria uma coisa assim por mim? – foi a pergunta sincera de Petya, e Nickolai mal pôde acreditar em seus ouvidos. Ali estava um homem desejando que Deus entrasse em sua vida e o tocasse. Esse homem fizera a pergunta essencial de todo inquiridor que alguma vez já foi a Jesus: “Que devo fazer para ser salvo?”

Nickolai foi para a cama, naquela noite, inspirado e energizado para outra semana. O que a semana lhe traria era uma incógnita, mas uma coisa era certa: ele teria mais tempo durante a semana, de modo que não precisaria matar-se de trabalhar nem o Maksim. Não precisaria apressar o boi todos os dias para carregar a água necessária. Nesta semana, ele necessitaria trazer setenta barris de água em seis dias.

Mais cedo que o costume, na manhã seguinte, Nickolai estava no galpão atrelando Maksim ao carro. Mas, de modo estranho, Maksim não estava com pressa de sair. Era como se toda a energia houvese saído dos seus ossos, como se ele houvesse usado o abastecimento da energia de domingo na sexta-feira. Por mais que tentasse, Nickolai era impotente para fazer com que Maksim andasse.

No fim do dia, eles haviam trazido apenas dez barris de água, e tiveram que trabalhar já no escuro para fazê-lo.

A segunda-feira não foi melhor. Parecia que quanto mais Nickolai empurrava Maksim, mais lentamente ele se movia. Será que o velho boi sabia de algo que Nickolai não sabia? Estaria ele fazendo algum tipo de jogo tolo, só por birra contra o homem? Era um tipo de desafio de novo, em que Maksim fazia o que queria, quando queria?

Ou não era nada disso? A sexta-feira anterior teria sido apenas um acidente singular da natureza? Teria sido um incrível, inexplicável fenômeno de comportamento animal que ninguém tinha visto e não veria nunca mais?

Nickolai havia esperado que, na terça-feira, ele pudesse compensar os carregamentos que deixara de transportar nos primeiros dois dias da semana. Mas a terça também foi um fracasso, e o resultado preocupou Nickolai, deixando-o frustrado e confuso.

Ele agora se levantava tão cedo que chegou a se perguntar se estaria perdendo o contato com a realidade. Que tipo de vida era essa? Ia para a cama, à noite, depois de todos os demais, e então se levantava antes que

alguém no campo se mexesse. Ao raiar do dia, ele e Maksim já estavam costumeiramente a caminho da fonte.

Na quarta-feira, fizeram algum progresso. O velho Maksim parecia ter nova vida nos seus passos outra vez, e se moveu com propósito, toda a manhã.

No meio da tarde, ficou claro para Nickolai que seriam capazes de transportar pelo menos sete carregamentos. Isso daria quatro barris extras, do seu alvo de dez. Nickolai ainda mantinha a esperança de que haveria a chance de completar sua cota até o entardecer de sexta-feira.

Maksim, agora, se movimentava com propósito e não relaxou o dia todo. Nickolai se sentiu tão contente com o ritmo com que trabalhavam agora que se viu cantando um velho hino. “Defesa forte e proteção, refúgio sempre em temporal; não temeremos provação, refúgio sempre em temporal. Rocha eterna, nossa proteção, nosso abrigo, nosso Salvador, sempre certo na tribulação, presente sempre em nossa dor” (*Hinário Adventista*, nº 377).

Nickolai podia sentir o poder do Espírito Santo ao seu lado, naquela trilha solitária rumo à fonte. Ergueu as mãos para o céu, enquanto cantava a estrofe final do velho hino com sua voz de barítono.

“Sê Tu meu guia, força e luz, refúgio sempre em temporal. Rocha eterna, nossa proteção, nosso abrigo, nosso Salvador, sempre certo na tribulação, presente sempre em nossa dor.”

Nickolai foi para a cama naquela noite sentindo que o dia fora um sucesso, mas, secretamente, temia a chegada de outro dia. Que chance teria de completar a cota? Sua única esperança seria, de algum modo, poder transportar sete cargas no dia seguinte. Sete carregamentos na quinta-feira lhes dariam um total de oito barris diante dos dez extras de que necessitavam, mas ele sabia que não poderiam carregar menos. Mesmo assim, isso ainda os deixaria com outras seis viagens necessárias na sexta-feira.

Infelizmente, a quinta-feira foi um fiasco de novo. Maksim voltou à sua velha mania de andar lentamente pelo caminho para a fonte. Se a situação não parecesse tão grave para Nickolai, ele poderia ter tomado tempo para sentir pena do velho boi. Agora, todo o tempo de que dispunha era para exasperar-se.

No fim do longo dia, eles haviam conseguido trazer apenas dez barris. Haviam feito só cinco viagens, duas aquém do alvo. Agora tinham seis barris extras a menos do que o total de que precisariam levar até o pôr do sol da

sexta-feira.

Diante dessa constatação, ainda muito aquém da meta, todas as esperanças de Nickolai se desvaneceram.

CAPÍTULO 31

Na sexta-feira de manhã, Nickolai nem se preocupou em sair cedo da cama. De que adiantaria? De qualquer maneira, não lhes seria possível concluir o trabalho até o pôr do sol. Simplesmente havia barris demais para levar à cozinha até o momento em que o sábado começasse.

Não parecia importar o fato de que Nickolai havia orado e trabalhado arduamente toda a semana de novo, retesando cada fibra do seu ser para alcançar o número de barris necessário. Fora tudo em vão.

Por fim, logo após o despontar do dia, Nickolai levantou-se e foi para a cozinha. Agora não havia senso de urgência. Ele podia tomar o desjejum naquela manhã.

A caminho da cozinha, outro prisioneiro o chamou. – É melhor você ir ao galpão e dar uma olhada naquele velho boi. Acho que ele ficou doido! Está fazendo um estardalhaço por lá!

Nickolai parou. Desejou ignorar o anúncio do homem, mas um fio de esperança de algo parecido com a semana anterior cintilou em seu coração. Não era possível, era? Poderia Maksim querer tentar uma repetição do seu desempenho?

Nickolai virou-se e foi para o estábulo. Quanto mais se aproximava, mais otimista ficava. O velho Maksim estava mesmo furioso, se era realmente ele que fazia todo aquele barulho! Pelo som, era como se estivesse tentando demolir o galpão!

“Não acredito!” gritou Nickolai, correndo pela porta aberta do estábulo. Ali estava Maksim, puxando a correia e pisoteando o chão com impaciência.

Nickolai inspecionou a cena por um momento apenas e depois partiu para a ação. Se Maksim queria transportar barris de água, então seria isso que eles fariam. Era mais tarde do que Nickolai queria que fosse e agora ele desejava

de todo o coração ter se levantado pela fé e feito sua parte. Mas ele não fizera e teria que compensar a hora e pouco desperdiçada na cama – se Deus lhe fosse tão misericordioso.

A sensação que Nickolai teve foi estranha e quase cômica, ao soltar Maksim apressadamente da correia, colocar a canga sobre seu pescoço e atrelá-lo à carreta. Durante a semana toda ele havia trabalhado desde cedo até tarde para cumprir seu propósito. Era exclusivamente nisso que pensava, dia e noite.

Mas depois, quando as coisas não aconteceram como ele planejara, sua fé vacilou e ele perdeu de vista a meta. “Que vergonha!”, Nickolai se censurava o tempo todo. Desta vez, quando precisava desesperadamente estar em pé e a caminho, havia “dormido no ponto”.

“Perdoa-me, Senhor!” orou ele, fervorosamente. “Não sou digno de Tua bondade. Ajuda-me a compensar o tempo perdido. Ajuda Maksim a fazer sua parte – ele é mais digno da Tua graça do que eu.”

Nickolai deu um suspiro ao verificar a corda que segurava firmemente os barris no lugar. Às vezes, os mudos animais não são tão patetas. Pelo menos, sabem ouvir a voz de Deus. Ele pensou novamente na história de Balaão e sua jumenta, e em como Deus operara por meio dos atos de um animal. Quando Balaão não conseguiu ver a vontade de Deus, uma jumenta submissa viu.

E, agora, parecia que Deus estava pronto para usar Maksim de novo. O boi estava disposto – era o homem que carecia de fé.

Em pouco tempo, partiram para a fonte. Se alguém os houvesse observado, teria visto o boi correndo a toda velocidade para fora do campo, a cauda abanando, o carro balançando atrás dele, e o homem correndo tudo o que podia para acompanhá-lo. Era como se o boi estivesse empenhado em alguma missão e na verdade estava. Não mais parecia que o homem dava as cartas. Claramente, o boi estava no controle e determinava o ritmo em que trabalhariam.

Continuou correndo freneticamente, como se, por algum motivo, tivesse perdido a razão. Mais uma vez, Nickolai achou que aquilo era a coisa mais estranha que já presenciara. Era como se os anjos houvessem acendido uma fogueira por baixo de Maksim e inflamado seu espírito para cumprir a vontade e o maior desejo de Deus – que Nickolai fosse recompensado por seu desejo de honrar o santo sábado. Durante a semana toda, Nickolai havia

trabalhado arduamente para transportar barris extras de água para a cozinha, sempre consciente de que precisavam de um total de 70 a fim de alcançar a meta. E, durante a semana toda, Maksim havia feito sua parte, porém, com mais frequência, menos energicamente do que Nickolai esperava.

Agora era sexta-feira de novo, o dia da preparação, e Maksim cumpria uma ordem. A ida à fonte para aquele primeiro carregamento de água foi feita em tempo recorde. Nem foi uma surpresa completa o fato de que Maksim estivesse naquele corre-corre, na ida e na volta. Nickolai o havia visto atuar desse modo na sexta-feira anterior, mas ficou impressionado ao vê-lo fazendo o mesmo pela segunda semana consecutiva. Isso ajudou a remover qualquer dúvida na mente de Nickolai de que uma coisa assim poderia ter sido um acidente da semana anterior. Enquanto Nickolai corria, ofegante, atrás do carro na volta para o campo, precisou admitir que Deus opera de maneiras misteriosas.

Enquanto todos, no campo, observavam Nickolai e Maksim, a cena confirmava na mente deles, ainda mais que na semana anteior, que o Deus do Céu estava novamente agindo em favor de Nickolai. De que outro modo podia aquilo ser interpretado?

Desde que chegara ao campo de prisioneiros, Nickolai havia sido uma testemunha viva de determinação e lealdade. Aspectos do seu caráter começavam a tornar-se óbvios a todos, prisioneiros e guardas igualmente. Até o diretor foi forçado a admitir que ali estava um homem do mais alto calibre, alguém que preferia sofrer perseguição e dor a desonrar o Deus a quem servia.

E agora, novamente, testemunhavam um milagre em andamento, evidência do poder que Deus Se dispunha a demonstrar em favor de Nickolai. Era uma cena estranha e incomum, homem e boi correndo a toda velocidade para o campo, e a carreta rodando com dois barris cheios de água a bordo. E era igualmente intrigante ver Maksim virar o carro e voltar à fonte, tão logo os barris cheios eram removidos e substituídos pelos vazios.

Depois, todo o desempenho se repetia, enquanto homem e animal eram vistos a sair do campo apressadamente, para cortar os amplos espaços abertos das estepes siberianas.

CAPÍTULO 32

Durante toda aquela manhã, Nickolai e Maksim trabalharam, com suor escorrendo dos seus corpos. Era uma cena impressionante e quase cômica! Quando os dois eram vistos aproximando-se do campo, alguém sempre assinalava sua chegada com um brado: “Aqui vêm eles de novo!”

Então, todos por perto cessavam o que estavam fazendo – tanto os prisioneiros quanto os guardas. Petya sempre saía da cozinha para dar uma olhada. Era um ótimo jeito de fazer um recreio. Quando Nickolai e Maksim retornaram ao campo pela terceira vez, todos aplaudiram e jogaram os bonés para o ar.

Nickolai mal teve tempo para notar os gritos de incentivo. Ele fez, sim, uma cansada continência em sua entrada ao campo, e depois outro aceno de braço quando o carro virou para fazer a viagem seguinte à fonte.

Se Nickolai estivesse atento por ocasião do quarto retorno ao campo, teria notado que até o diretor chegou a parar o que estava fazendo para sair e ver o incrível espetáculo.

Por volta do meio-dia, já estavam saindo para a quinta ida à fonte. Enquanto Nickolai corria para acompanhar o boi, Petya correu ao seu lado e lhe deu uma pequena sacola contendo nabos frios e pão preto. Nickolai conseguia tomar um pouco de água toda vez que paravam junto à fonte, mas não pensara em comer. Agora, percebeu que estava faminto, e se sentiu muito grato pela amizade daquele homem que se preocupava com ele.

Ele comeu os nabos enquanto corria, orando para que Deus ajudasse o alimento a ser digerido, apesar das condições nas quais ele comia a refeição.

No percurso de retorno, Nickolai viu quatro ou cinco dos lobos da campina saindo e se postando em fila para assistir à corrida do homem e do boi. Ele jogou um pedaço do pão preto aos lobos e os viu brigando por ele, enquanto o carro disparava na direção leste.

Os quilômetros se tornaram mais fáceis de percorrer, e a respiração menos trabalhosa. Era como se Deus estivesse dando a Nickolai um segundo e um terceiro fôlegos, para que se tornasse parte de um milagre em ação.

O dia passava, enquanto se fazia viagem após viagem, até que houvesse apenas uma última por completar. A essa altura, o homem e o animal corriam

em dupla, como se essa aventura os houvesse transformado numa bem lubrificada máquina.

E concluíram a tarefa com tempo de sobra. Quando o Sol mergulhou no horizonte ocidental, Nickolai havia descarregado o último barril de água, ido ao alojamento para lavar-se, e estava a caminho da cozinha para comer a refeição da noite que, ele sabia, Petya deixara esperando por ele.

Que dia fora aquele, e que lição de fé para Nickolai! No fundo do coração, ele sabia que nunca mais duvidaria do impressionante e vigilante cuidado de Deus e de Sua capacidade de vir em auxílio de uma pessoa necessitada. Naturalmente, Nickolai cria no poder de Deus para proteger e preservar e conhecia a disposição divina de agir em favor de seus filhos em tempo de necessidade. Mas ele nunca havia experimentado uma exibição tão dramática do poder de Deus para vindicar um de Seus filhos. E, para todos naquele campo, essa havia sido uma clara demonstração de como o Deus de Nickolai fizera questão de honrar o pastor por sua fidelidade.

Enquanto Nickolai, sentado na cozinha, comia *borsch* quente e bebia uma xícara de chá, o cozinheiro falou sobre a vibração que tomara conta do campo.

– Você conseguiu de novo! – exclamou Petya. – Foi incrível!

– Nós conseguimos! – corrigiu Nickolai. – Maksim e eu, e devemos isso a Deus, de quem fluem todas as bênçãos.

Petya balançou a cabeça, estupefato. – Como eu gostaria que você tivesse visto vocês dois! – comentou ele. – Que cena! – Ele estendeu a Nickolai outra fatia de pão preto. – Vocês dois, agora, são as celebridades aqui do campo. Creio que o diretor nunca mais lhe causará problemas. Ele não pode fazer isso. Os guardas não deixariam!

No caminho de volta ao alojamento, Nickolai parou para observar a Lua surgindo no leste. O alaranjado oval de luz parecia cálido e convidativo, assim como a sensação que ele abrigava no peito. Pela primeira vez, desde que chegara ao campo, fazia mais de dois anos, ele se sentia estimulantemente livre.

E Deus era o responsável por isso. Levara algum tempo para que Nickolai visse suas orações plenamente atendidas, mas, no fim, as coisas haviam cooperado para o bem, tendo Deus sido justificado, e Nickolai sentindo-se defendido. Nickolai concluiu que era sempre melhor confiar plenamente no controle que Deus tem sobre o tempo, já que só Ele pode ver o fim desde o

princípio.

Quando Nickolai se virou para entrar no alojamento, ouviu os lobos da campina uivando em algum lugar, na distante escuridão, mas o som não mais o fazia sentir-se solitário. Ele se lembrava de ter-se sentido perdido e abandonado quando chegou ao campo de prisioneiros. O som dos lobos fizera com que se sentisse vazio, e ele havia passado pela tentação de sentir-se abandonado por Deus. Agora, não mais.

Sua fé em Jesus era mais clara que nunca antes. Foi o momento da verdade para ele, e emocionou-se profundamente por saber que Deus estava com ele, mesmo na desértica região da tundra siberiana. Valia realmente a pena morrer para sentir uma paz como aquela, mas, naturalmente, parecia não ser isso o que Deus requeria naquele momento. Ele suportara o teste e saíra resplandecente.

CAPÍTULO 33

Nickolai colheu os benefícios da segunda sexta-feira milagrosa, ainda mais do que da primeira. Mais uma vez, passou tempo em oração, dando graças a Deus por Sua maravilhosa dádiva de repouso no santo dia de sábado. Uma vez mais, teve a oportunidade de escapar dos labores da semana.

Durante toda a semana seguinte, Nickolai e Maksim trabalharam juntos para trazer a água necessária ao campo. E, durante toda a semana, estranhamente, Maksim trabalhou em ritmo normal.

Era de impressionar! O passo lento no qual Maksim persistia em trabalhar de domingo a quinta-feira era quase tão fenomenal quanto seu empenho em trabalhar na sexta-feira. Mas, ao pôr do sol de sexta-feira, os dez barris de água para o sábado estavam novamente prontos e à disposição, na cozinha. Tudo isso era um milagre espetacular para Nickolai.

À medida que as semanas passavam, Nickolai e Maksim acostumavam-se à rotina. O período entre domingo e quinta-feira sempre trazia um pouquinho de consternação a Nickolai. Por que Maksim precisava andar em ritmo lento a semana toda, e depois simplesmente disparar na sexta-feira? O que ele

estava tentando provar? Não aprenderia nunca? Ou era para ser assim mesmo? Estaria Maksim atuando, na verdade, com base nas impressões instintivas que o Espírito Santo lhe dava?

Mas havia outra coisa. Nickolai sempre achava engraçado saber que, na sexta-feira, o boi realizaria sua corrida de maratona. Esse fato fazia com que ele se sentisse convencido e um pouquinho culpado por saber que podia relaxar e simplesmente deixar que Deus fizesse acontecer o milagre da sexta-feira.

Mas isso estava fora do controle de Nickolai, e, aparentemente, era o modo como Deus o queria. No contexto geral, as preocupações de Nickolai acabavam por ser redundantes, de alguma forma. O mais importante agora era o fato de que o homem e o boi se revelavam como verdadeiras testemunhas no campo de prisioneiros.

O clima ficou mais fresco em agosto, com mais chuva do que Nickolai se lembrava de ter visto em anos anteriores. Muitos dias ele teve que trabalhar sob a chuva, e sofria com toda aquela umidade. Em alguns dias, a chuva se tornava gelo, e nos dias em que não chovia, a geada era espessa e dura. Petya emprestou-lhe uma capa de chuva, pela qual Nickolai se sentiu agradecido. Que teria ele feito sem aquele amigo?

Depois do trabalho, muitas noites, Nickolai passava tempo conversando com Petya. Às vezes, conversavam na cozinha; às vezes, no alojamento. Por vezes conversavam até tarde da noite. Mas conversavam cada vez menos sobre a vida na prisão, e cada vez mais sobre coisas eternas.

Certa noite, na cozinha, Petya foi direto ao ponto. – Você tem sido uma grande inspiração para mim, desde que chegou a este campo. Você tem sofrido tanto por Deus, mas ainda é fiel a Ele. A esperança que você trouxe a todos nós me inspira. – Petya olhava para o chão, solenemente. – Você pode me ajudar a encontrar essa paz que você carrega consigo aonde quer que vá? Eu também quero o poder dessa paz na minha vida.

Nickolai pôs a mão no ombro de Petya. – Creia no Senhor Jesus Cristo – disse ele. – Se você fizer isso, terá a paz de Deus quando mais precisar dela.

– Você já disse isso antes – Petya ergueu os olhos para Nickolai, sem acreditar. – É verdade mesmo que pode ser tão simples?

– Deus a tornou simples, Petya. Ele não deseja que alguém pereça. Confie em mim. É a única coisa que sempre me deu coragem para viver por Ele cada dia. – Nickolai esfregou os olhos cansados.

Petya apagou a lamparina de querosene e depois fechou a porta da cozinha. Quando os dois homens saíram para dentro da noite, a Lua estava cheia, subindo rapidamente do horizonte. Nenhum som se ouvia, exceto o melancólico pio de uma coruja branca em algum lugar.

– Eu quero ser batizado – anunciou Petya, de repente. Sua voz era suave, mas havia nela um tom decidido. – Creio em tudo o que você tem dito, porque vejo o poder de Deus em sua vida.

Nickolai olhou para Petya, surpreso. Aquele homem assimilara mais das conversas do que seria possível imaginar!

Houve silêncio por alguns instantes, enquanto Nickolai recuperava o fôlego. – Louvado seja Deus! – disse ele, por fim, e então inclinou a cabeça, com reverência. Petya estava entregando o coração a Jesus! O simples pensamento fez com que o coração de Nickolai disparasse. Seria esse o seu primeiro converso na Sibéria? Após três longos anos naquele campo de prisioneiros, seu labor estaria, finalmente, produzindo frutos?

– Haveria algum jeito de você me batizar? – continuou Petya.

– Sim, é claro! – respondeu Nickolai, rapidamente, porém aquilo era mais uma tentativa de tranquilizar a si mesmo do que a Petya.

– Onde acharemos água suficiente?

– Bem, temos a água que trazemos ao campo – pensou Nickolai por um momento –, mas os barris não são grandes o suficiente para submergir você dentro deles.

– E a fonte? Lá existe água suficiente?

– Sim, é claro, mas não é profunda. Vou ter que cavar para aprofundá-la.

– Você pode fazer isso, pastor?

Nickolai pôs a mão no ombro de Petya e sorriu. Era a primeira vez que Petya se referia a ele, pessoalmente, como pastor.

– Vamos dar um jeito, Petya. Vou cavar para aprofundar a fonte. Talvez um pouquinho, toda vez que for à fonte para encher os barris. Vamos descobrir um jeito.

CAPÍTULO 34

Exigiu algum trabalho, mas Nickolai conseguiu fazer como haviam planejado. Cavar um buraco para a água na fonte foi até fácil. Planejar o momento em que realizariam o batismo foi um pouco mais complicado.

Numa noite de sexta-feira, depois que os homens todos tinham ido dormir, Nickolai e Petya se esgueiraram por trás do alojamento e deram a volta para o lado oposto do campo. Uma vez na estradinha, começaram a longa caminhada até a fonte. Era arriscado – sem dúvida, os lobos estariam observando cada movimento deles. Mas o batismo transcorreu sem empecilhos. Felizmente, para eles, a noite era mais cálida do que a maioria, naquela época do ano. Os dois homens entraram na escavação para a água da fonte, saboreando o gozo da sagrada experiência. A seguir, percorreram o trajeto até o alojamento, cantando um hino que Nickolai havia ensinado a Petya e tremendo devido à umidade e ao frescor da noite.

Então, o verão se foi e o outono pareceu passar por eles num instante. Antes que percebessem, flocos de neve começavam a cair, as renas começaram a migrar e os gansos voavam pelo céu em direção ao sul.

Em outubro, o inverno já se instalara. Nickolai ficou contente com as ceroulas que o diretor lhe fornecera. Apesar do passado, começava a sentir no coração certa simpatia para com o diretor. Parecia-lhe que o oficial tentava dizer, de modo singelo, que lamentava todas as dificuldades que lhe havia causado.

Os dias eram curtos, mas isso não mudava o número de barris necessários a cada semana. A fim de transportar a cota requerida, Nickolai e Maksim trabalhavam no escuro, várias horas antes do alvorecer, e então três ou quatro horas após o ocaso.

O gelo formava uma camada espessa na fonte, e Nickolai precisava usar uma machadinha para cortá-lo. Isso, naturalmente, levava tempo e tornava mais longas as viagens, mas Nickolai tinha outras coisas com as quais se preocupar.

Nas horas frias e escuras do inverno, Nickolai sabia que precisava estar atento quanto aos lobos. Agora o alimento era escasso na tundra, de modo que um homem e um boi podiam apresentar-se tentadores aos estômagos famintos.

Mas Deus foi misericordioso e, embora Nickolai e Maksim tivessem alguns medos, conseguiram permanecer vivos e ilesos.

O duro e frio inverno acabou por passar, e a primavera deu lugar ao verão.

A essa altura, Nickolai havia aceitado o fato de que poderia ficar naquele campo de prisioneiros por um tempo muito longo. Quando era tentado a se perguntar por que Deus precisaria dele naquele remoto posto na tundra, lembrava-se da decisão de Petya ao lado de Jesus.

E pensava na salvação dos outros 300 homens que estavam aprisionados no campo. Mais do que qualquer outra coisa, ele desejava que conhecessem a Deus assim como ele conhecia. Por fim, começou estudos bíblicos com os interessados, e, sem muita demora, havia um pequeno grupo que se reunia regularmente.

Por mais sete anos, Nickolai passou seus dias naquele remoto campo de prisioneiros nas estepes da Sibéria. Por sete anos, trabalhou com Maksim para transportar água da fonte. Por todos aqueles anos, continuou como testemunha constante do poder de Deus na vida de um cristão dedicado.

Para os homens do campo, a vida e o trabalho de Nickolai e Maksim tornaram-se um testemunho vivo. Visitantes que chegavam ao campo testemunhavam o fenômeno pessoalmente. Aqueles que saíam da prisão, contavam acerca de um homem e um boi que corriam o dia todo, cada sexta-feira, para poderem repousar o dia todo, no sábado.

Então, certo dia, o oficial do exército que havia libertado Nickolai do engradado voltou ao campo de prisioneiros. Quando ele viu Nickolai e Maksim transportando água, lembrou-se do incidente de oito anos antes.

Mas, agora, contaram-lhe uma história bem diferente. Quando ele soube do estranho hábito de Maksim, de correr o dia todo na sexta-feira para levar o abastecimento de água para dois dias em um só, ficou espantado.

Com grande interesse, perguntou a Nickolai acerca da operação, e Nickolai contou toda a incrível história. Contou do seu desespero, naquelas primeiras semanas, para fazer com que Maksim transportasse água de modo suficientemente rápido para poder obter o repouso do dia de sábado. E, naturalmente, contou quão bom havia Deus sido para com ele. Explicou como a provação lhe testara a fé em Deus, e como ele quase desistira.

O milagre da maratona de Maksim naquela primeira sexta-feira mexeu com o coração do coronel, e a repetição do desempenho na sexta-feira seguinte lhe foi uma surpresa ainda maior. O coronel teve a oportunidade de ver que Nickolai era um homem bom. Viu claramente, agora, que o pregador não era culpado de insubordinação. Na verdade, o testemunho de sua vida diária era a prova de que ele estivera disposto, o tempo todo, a fazer o que lhe

fosse solicitado. Mais importante ainda, o coronel viu
que Nickolai fora fiel ao seu Deus. Sem dúvida, estivera disposto a fazer qualquer coisa que seu Deus lhe pedisse.

O coronel, então, chocou Nickolai ao levá-lo até o escritório do diretor para anunciar que assinaria seu alvará de soltura. Ele ficaria livre para ir para casa no trem, a fim de estar novamente com a família.

– Você mostrou a todos nós o que um homem de caráter pode fazer, se estiver motivado – disse o coronel, orgulhosamente. – E mostrou o que a devoção pode fazer por um homem que ama seu Deus.

O coronel deu uma risadinha e depois acrescentou: – Acho que nenhum de nós já viu um animal tão doido quanto o seu boi. Se você e seu Deus podem fazer com que um boi teimoso corra daquele jeito, vocês, provavelmente, podem fazer qualquer outra coisa!

Com lágrimas nos olhos, Nickolai agradeceu ao coronel sua bondade. Depois, juntou seus poucos pertences, seguiu o coronel e seu cavalo de volta ao trem, e começou a longa viagem de volta a Kiev.

Nickolai retornou à vida de pastor e continuou como testemunha de Deus durante os bons tempos, assim como o fora durante os maus. Os membros de sua igreja se regozijaram com ele, pelo fato de que Deus o levara para casa após seu longo tormento, e deram graças a Jesus pela fidelidade que ele demonstrara sob a prova ardente.

Hoje, como todos os outros cristãos adventistas do sétimo dia na antiga União Soviética, Nickolai Panchuk espera a segunda vinda de Jesus. Um dia, em breve, ele verá Jesus vindo nas nuvens dos Céus e ouvirá as palavras: “Bem está, servo bom e fiel. Foste fiel a Mim nas pequenas coisas e nas grandes também. Sofreste por Minha causa. Vem, e entra no gozo do teu Senhor.”

CAPÍTULO 35

Mas esse não é o fim da história. Depois que Nickolai voltou para casa, chegou ao campo um novo prisioneiro que nada sabia do homem e do boi que

corriam todas as sextas-feiras, para poderem descansar no sábado.

O novo homem, Gennadi, também foi encarregado do trabalho de transportar água da fonte todos os dias, e aprendeu rapidamente a mourejar atrás do carro de boi. Assim como Nickolai, ele sabia que esse trabalho era o mais detestado por todos os prisioneiros. Ninguém mais queria caminhar tanto assim.

Contudo, ele também descobriu que Maksim era teimoso e se recusava a fazer qualquer coisa que não fizesse parte dos regulamentos dele. O velho boi se recusava a ser apressado. Recusava-se a ser intimidado. Recusava-se a continuar trabalhando depois que escurecia.

Para Gennadi, não foi surpresa chegar a admitir, em pouco tempo, que não era ele quem comandava as idas à fonte. Obviamente, era Maksim. Estavam em pé ao raiar da manhã, todos os dias, mourejando laboriosamente na ida à fonte e na volta, mas sempre sob as condições de Maksim.

Na primeira manhã de sexta-feira, porém, Gennadi teve a maior das surpresas. O velho boi andou em disparada o dia todo, e Gennadi ficou tão chocado que não sabia o que pensar.

Ninguém se importara de contar-lhe com antecedência sobre os estranhos hábitos de Maksim ou sobre seu famoso recorde de corrida. Talvez porque quisessem ver a expressão no rosto de Gennadi, quando ele, por fim, o testemunhasse pessoalmente. Talvez quisessem ouvir o novo condutor reclamando o tempo todo sobre quão maluco era o velho boi. Talvez fosse apenas porque a história toda ocorrera durante tanto tempo que agora não lhes era mais um evento estranho ou incomum.

Mas, naquela primeira sexta-feira, enquanto Maksim chegava correndo ao campo, Gennadi vinha bufando atrás dele. O prisioneiro, coitado, parecia que correra numa competição. Quando, por fim, parou, curvou-se com as mãos sobre os joelhos, suspirou fundo e tentou desesperadamente tomar fôlego. O suor pingava-lhe do rosto e lhe encharcava completamente as roupas.

Mas, se ele chegara a pensar em descanso, estava diante da segunda surpresa. Maksim não chegou, realmente, a dar a Gennadi tempo de normalizar a respiração. Nem bem haviam os barris de água sido descarregados da carreta, o velho boi partiu de novo, numa nuvem de poeira.

E essa foi a última coisa que viram dos dois, até uma hora mais tarde, quando voltaram correndo de novo pela estrada para o campo. Desta vez, Gennadi se encontrava ainda mais atrás.

Quem pensaria que um boi, puxando uma carreta cheia de barris de água, superaria um homem correndo a pé? Naturalmente, Maksim estava acostumado a isso – vinha fazendo a mesma coisa havia mais de oito anos.

Os dois se empenharam a manhã toda. Na ida à fonte, Gennadi pulava para dentro da carreta para descansar. Mas, quando o carro estava com os dois barris cheios, ele precisava correr a pé todo o caminho de volta. Toda vez que chegavam correndo ao campo, Gennadi tirava uns poucos momentos de descanso, mas sabia que não adiantava querer mais tempo, por temor de que o boi partisse para a fonte outra vez com os barris ainda cheios na carreta.

No fim da tarde, Gennadi parecia ter corrido uma maratona e dava a impressão de que cairia de exaustão a qualquer momento. Ele talvez nunca tivesse aguentado aquela tarde, se Petya não houvesse vindo em seu auxílio nas últimas viagens, ajudando-o a descarregar os barris cheios para fora do carro.

“O que há de errado com esse animal?” gritava Gennadi toda vez que entrava cambaleando no campo. “Ele vai me matar!”

É claro que todos simplesmente riam, porque conheciam a história e estavam se divertindo à custa de Gennadi.

No fim do dia, Gennadi não aguentava mais. Enquanto o Sol se aproximava do seu local de descanso, abaixo do horizonte, e o velho Maksim transportava o sacolejante carro ao campo pela última vez, Gennadi caiu amontoado ao chão, com as costas contra a roda da carreta.

– Desisto! – gemeu ele, fechando os olhos, enquanto Petya e vários outros se reuniam ao seu redor. – O boi está possesso! – disse ele, irritado, pondo as mãos na cabeça. – Não há outra explicação!

–Há, sim – ouviu-se uma voz ali perto, e Gennadi se virou para ver o diretor, parado atrás deles.

O diretor fez uma pausa, para causar mais impacto. – Sabe, aquele pregador de Kiev treinou o velho Maksim durante anos. Nickolai Panchuk recusava-se a trabalhar no sétimo dia de cada semana e estragou o boi com esse negócio. Arruinou-o, e ele nunca mais será o mesmo!

O diretor olhou ao redor, para o círculo de homens, e depois diretamente para Gennadi. – Não tenho dúvida nenhuma. Aquele pregador tornou o boi um guardador do sábado.

E tornou mesmo. Maksim se transformara no boi guardador do sábado. Mas isso, na verdade, não havia sido obra de Nickolai. O pregador correra

lado a lado com Maksim, durante todos aqueles anos, para transportar água que fosse suficiente para o sábado. E sempre fora necessária uma sexta-feira de maratona para completar o serviço a cada semana.

O crédito por um fenômeno como esse era todo de Deus, naturalmente, e Nickolai dizia isso a todos os que quisessem saber a verdade.

Mesmo depois de ter Nickolai saído do campo de prisioneiros e retornado para sua casa e família, a influência de sua vida santa prosseguiu pelo testemunho de um boi. Maksim continuou fiel aos seus deveres, pronto a ser usado pelo Criador como testemunha em favor do sábado.

Nickolai Panchuk se fora, mas, quando não ficou ninguém para partilhar a história do evangelho, lá estava ainda Maksim, o boi que guardava o sábado.

BÍBLIAS NO DESJEJUM

CAPÍTULO 1

A neve rangia e estalava sob os pés de Alexander, enquanto ele andava penosamente da estação ferroviária para casa. Havia sido longo aquele dia e ele se sentia cansado. Ultimamente, todos os dias pareciam longos para Alexander. E parecia que estava sempre cansado.

Ele olhou fixamente para cima, para o céu cinzento como aço que, a cada minuto, ficava mais sombrio com a proximidade do crepúsculo. Nuvens baixas cobriam a cidade de Novosibirsk, Rússia, deixando-o mais deprimido ainda. A primavera não chegaria nunca? Não acabaria nunca a fria umidade do inverno? As árvores que margeavam a calçada ao longo da rua permaneciam mudas e despidas, nos estágios finais do inverno. Privadas de toda dignidade que já lhes pertencera, elas aguardavam, adormecidas em sua longa vigília.

Naquele momento, era assim que Alexander se sentia – dormente e sem esperança de tempos melhores no futuro. A cabeleira farta e os ombros largos faziam com que ele parecesse jovem e forte, mas os olhos fundos e as linhas escuras na face lhe davam uma expressão desalentada.

Alexander trabalhava como segurança num banco local. Em muitas cidades, em muitos países do mundo, o emprego poderia dar-lhe um senso de importância, mas não em Novosibirsk. Nem mesmo o revólver que carregava preso à coxa, num suporte de couro, lhe dava isso. Alexander sabia que não havia obtido o emprego por possuir habilidades especiais e não obtivera o emprego por conhecer alguém importante. Ele teria preferido conseguir o emprego com base em suas qualificações, mas, no seu caso, era apenas um trabalho básico de segurança – ele media 1,80 m e pesava 90 quilos, e isso o qualificava. Era assim que se distribuíam os empregos em Novosibirsk. Ele não era mais especial do que ninguém na URSS.

A Rússia comunista tinha um *slogan* conhecido por todo o mundo e citado pelas massas da classe trabalhadora: “Emprego para todos, e todos com um emprego”. A intenção era que essa frase trouxesse um senso de segurança e igualdade, mas, por algum motivo, aquilo não soava como verdade naquele dia.

Ele sabia que devia estar contente e até grato por seu emprego. Sua esposa,

Natasha, também tinha um emprego bom e estável, como administradora do complexo de apartamentos onde residiam. Duas fontes de renda são melhores do que uma só; todavia, mesmo combinados, os salários nunca eram suficientes.

Independentemente da maneira como administravam o dinheiro, era difícil ir em frente em termos de finanças. Não importava o quanto ele e Natasha economizassem e juntassem com todo sacrifício, simplesmente não conseguiam fazer com que os rublos se esticassem até o fim do mês. Ele gostaria de ter um segundo emprego, mas isso não era permitido. Naturalmente, não possuíam carro. Quase ninguém possuía. Além disso, a mobília em seu singelo apartamento era sem vida e sem graça.

Às vezes, até o alimento era difícil de conseguir também. Coisas simples, como pão, maçãs ou sal, por exemplo. Havia boa quantidade de beterraba, repolho e cebola, mas se as pessoas desejassem alguns outros produtos, precisariam ser pacientes. Alexander se lembrava das vezes sem conta em que precisou ficar em pé numa fila por horas, só para obter alguns rolos de papel higiênico. Isso não parecia certo para uma nação que alegava ser a maior na Terra.

Ele se sentiria satisfeito por viver sem luxos, mas até as pequenas coisas na vida pareciam fora do alcance. Já fazia anos desde que Alexander pudera dar à esposa algo especial para vestir. Quase lhe partia o coração vê-la olhando, anelante, um vestido bonito em uma das raras revistas estrangeiras que conseguiam chegar a Novosibirsk. O governo fazia seu melhor para controlar esse tipo de propaganda, mas, de tempos em tempos, até jornais apresentavam fotos de pessoas de *status*. As mulheres apareciam vestidas de modo esplêndido, com chapéus ou peles elegantes ou lindas botas e eram sempre as esposas de oficiais do governo ou ricos magnatas do petróleo ou talvez de algum oficial da KGB.

Era em momentos como esse que Alexander se sentia pior. Se a igualdade era tão importante na cultura comunista, por que algumas pessoas tinham coisas bonitas, e outras não?

Enquanto Alexander reduzia o passo, um corvo solitário pousou ali perto, no galho de uma árvore. Acomodou a cabeça a um lado e crocitou um som rouco, como se escarnecesse dos infortúnios de Alexander na vida. Felizmente, Alexander havia chegado à sua casa, e rapidamente enveredou pela calçadinha que levava ao complexo de apartamentos.

Alexander entrou no elevador fracamente iluminado e subiu para seu apartamento no quinto andar. Quando virou a chave na fechadura, foi recebido à porta pelos dois cachorros da família, Boris e Lexi, que chegaram correndo, animados, para encontrá-lo.

Como muitos russos, Alexander e Natasha amavam cães, e seus dois huskies siberianos eram o orgulho e a alegria de sua vida. O casal ainda não tinha filhos, e isso tornou muito mais forte o laço de afeto entre eles e os cachorros.

“Boris! Sentiu minha falta?” Alexander pegou o mais novo dos dois e lhe deu um abraço apertado, quando o cãozinho já bem crescido lhe pulou nos braços. Lexi, mais sóbria, aproximou-se do dono com dignidade e porte. Boris era seu filhote, mas ela sabia que ocupava o lugar mais importante no coração do seu dono.

A recepção costumeira dos dois cães animou Alexander, após a caminhada fria pela neve, desde a estação ferroviária. Por um momento, ele se esqueceu das preocupações, enquanto recebia o afeto deles. Um cachorro é verdadeiramente o melhor amigo do homem, pensou, enquanto lhe lambiam as mãos e pediam atenção, subindo em suas pernas. O pelo espesso dos dois era quentinho e macio ao toque, e Alexander sabia que eles eram, mesmo, uma bênção para ele e Natasha.

Alexander pegou uma sacolinha de papel do bolso e tirou um pedaço de pão integral russo. “Bem, Boris, tenho uma fatia de pão do meu almoço de hoje. Você quer um pouquinho?” Ele afagou o pelo do cachorro e depois partiu um pedaço para dar a Boris, cuja cavernosa boca era um abismo sem fundo. Enquanto Boris engolia o pão, Alexander deu o pedaço restante a Lexi.

“Vamos fazer uma caminhada hoje à noite, após o jantar?”, perguntou ele aos cães, todo animado. Alexander, na verdade, não tinha vontade de caminhar naquela noite, mas sabia que os cachorros sempre aguardavam o costumeiro passeio na neve.

E precisavam do exercício, após passarem o dia todo confinados ao pequeno apartamento.

Infelizmente, não podiam correr do lado de fora, livres, enquanto ele e Natasha estivessem trabalhando. Por um lado, era ilegal, e por outro, esses cães eram animais elegantes. Valiam um bom dinheiro e eram a causa da inveja de todos os que os viam com Alexander, ao fazerem a caminhada.

Após a recepção costumeira, Alexander tomou tempo para cumprimentar Natasha, sua graciosa esposa. Ele a beijou, olhando brevemente seus olhos azuis, e depois sentou-se pesadamente à mesa da cozinha. O suave rosto oval, emoldurado por cachos loiros, voltava-se para ele com expressão de apreço, enquanto ela continuava a preparar a sopa *borsch* para o jantar. Quando ela notou a expressão de desalento, veio postar-se ao seu lado.

– Que foi, Alex? – perguntou ela, gentilmente.

– Ah, só estou com pena de mim mesmo – confessou ele. – Tive dor de cabeça a tarde toda. E, como sempre, meu substituto chegou ao banco atrasado, de modo que precisei ficar lá mais tempo, de novo. Esse rapaz acha que pode chegar mais tarde só porque o tio dele é amigo pessoal do gerente do banco.

Alexander franziu as sobrancelhas. – E estava frio, na longa caminhada para casa. O vento que sopra do norte é terrível! Esses invernos parecem não acabar nunca, e este ano está sendo pior que a maioria. Nem imagino como seria viver num lugar onde faz calor o tempo todo. – Alexander suspendeu sua lista de queixas. – Nem sei por que o frio me deixa assim. Talvez seja sinal de envelhecimento.

– Envelhecimento? Que é isso? Você ainda é um homem jovem. Olhe, nem começou a ficar grisalho! – Natasha sorriu para Alexander e passou os dedos pelo seu farto cabelo preto. – Quando você tiver cabelo branco ou nada de cabelo na cabeça, aí então vou sentir pena de você.

Eles riram juntos, enquanto Natasha continuava preparando o jantar, indo do fogão para a mesa, da mesa para o balcão e de volta para o fogão outra vez. No íntimo, Alexander sabia que Natasha era a melhor mulher em toda a Novosibirsk. Tinha que ser. Era bonita, bondosa e carinhosa e, para ele, essas características formavam a melhor combinação para uma esposa.

CAPÍTULO 2

Alexander e Natasha comeram em silêncio, desfrutando a companhia um do outro após o longo dia. Era muito bom o aroma do saboroso *borsch*, com

as beterrabas, batatas, repolho e alho fumegando. Para Alexander, era a melhor coisa para o espírito e o estômago numa noite como aquela. Quando ele acabou de comer sua porção de *borsch* e pão russo, empurrou o prato e encostou-se na cadeira.

– Alguma coisa está incomodando você esta noite – arriscou-se Natasha –, e não acho que seja só o clima.

– Você é esperta, Tash. – Alexander meio que sorriu para ela e olhou de novo para o prato. Quando ela não se levantou para tirar a mesa, ele, por fim, olhou seu rosto e concordou com um movimento da cabeça. – Você tem razão. Alguma coisa me incomoda, mas não creio que tenha conserto. Estou desanimado. – Ele suspirou e balançou a cabeça, devagar. – A economia não anda bem agora, e os preços sobem, por toda parte. Preciso de um aumento de salário e você também. Já faz três anos que você recebeu um aumento de dois rublos por mês. Agora já não é suficiente.

Ela pôs a mão sobre a dele, mas não disse nada.

– Às vezes acho que a vida é tão sem sentido! – desabafou ele. – Quero dizer, qual é o propósito disso tudo? Por que estamos aqui? O que vamos esperar? Certamente deve haver algo mais na vida do que apenas levantar-se pela manhã, comer, ir para o trabalho, voltar para casa, comer de novo e dormir. Tem que haver algo mais! Deve haver uma razão para a vida, um sentido para nossa existência! Pense nisto! – prosseguiu ele. – Os bebês nascem, crescem e depois se casam e têm seus próprios bebês. Se têm sorte, envelhecem e veem os netos. E depois morrem. – Balançou a cabeça de novo. – Mas é só isso, Tasha. Tem que haver algo mais na vida do que apenas a rotina de um dia após outro!

Natasha ficou triste ao ver Alexander desse jeito. Alexander não costumava reclamar. Não era da sua natureza. Ele era um homem bom, trabalhador, e não inclinado a invejar o que os outros possuíam. Geralmente, era um homem alegre, e estável no matrimônio. Dizia sempre a coisa certa na hora certa para confirmar o seu amor por Natasha e fazer com que ela pensasse no futuro que teriam juntos.

Quando o pai de Natasha faleceu inesperadamente, foi Alexander quem tomou todas as providências. As irmãs e a mãe de Natasha ficaram abaladas demais para cuidar dos pormenores, e mesmo seu irmão não ajudou muito em fazer os preparativos necessários para o funeral.

Mas agora as coisas estavam diferentes, e Natasha precisou admitir ter

percebido que algo o incomodava ultimamente. Ele parecia entrar num estado de depressão da qual não conseguia desvencilhar-se. Era como se lutasse com algo invisível, algo que ficava à espreita, sob a superfície de sua existência básica, como ele se expressava.

E era só isso. Como não era algo comum, parecia que Alexander não poderia consertá-lo. Alexander era um homem orgulhoso e forte, mas naquela noite ela soube que precisava apenas escutar e deixá-lo desabafar. Talvez isso ajudasse.

Uma batida repentina à porta interrompeu os pensamentos deles. Os dois se olharam. Quem podia ser? Pelo som da batida, sem dúvida era algum estranho e, àquela hora da noite, poderia significar um problema.

Alexander levantou-se da mesa para atender a porta. Seria um vizinho? A polícia? Algo mais sério, como a KGB? Alexander hesitou junto à porta, ao lembrar-se de histórias que alguns vizinhos tinham contado. Quando a KGB chegava, sempre tinha razão. E, às vezes, mesmo que um homem e sua família fossem inocentes, ainda assim pagavam o preço.

Era esse o clima com a KGB – medo e intimidação. A polícia secreta, às vezes, se desgovernava, mas quem podia controlá-la? A maioria das pessoas era temerosa demais para desafiar o sistema. De vez em quando, a KGB se envolvia em problemas, politicamente, e depois precisava sair dos apuros nos quais se metia. Na maioria das vezes, porém, a KGB vivia acima da lei e fazia o que bem lhe conviesse.

Alexander virou a tranca da porta, puxou o trinco e abriu uma fresta da porta. Para seu alívio, não era a KGB, nem mesmo a polícia. Era um estranho, vestido com camisa branca, gravata e paletó.

– Olá! – o desconhecido jovem cumprimentou Alexander. – Meu nome é Leonid Serkovsky. Sou vendedor de livros e estou trazendo boas notícias para os lares deste bairro.

– Boas notícias?! – Alexander zombou, abrindo um pouco mais a porta. A essa altura, ele havia superado o alívio inicial por não ter tido que lidar com a polícia secreta. – O que poderia ser uma boa notícia? – argumentou ele. – O inverno não acaba, o preço do pão subiu e o síndico me recusou a permissão que solicitei meses atrás para fazer alguns melhoramentos no meu apartamento. – Alexander olhou de canto para o vendedor de livros. – Além disso tudo, estou com uma dor de cabeça desde o meio-dia!

– Posso ver que seu dia não foi bom. – Leonid balançou a cabeça. – O

estresse não é uma coisa boa. Felizmente, os livros que tenho podem ajudar a trazer novo sentido e paz para sua vida.

– Não temos tempo para coisa alguma que custe dinheiro!

– Você lê, camarada? – Leonid era persistente.

– Não estamos interessados. – Alexander fez menção de fechar a porta, mas, de repente, Boris e Lexi passaram por ele e pela porta aberta, e começaram a farejar o estranho por todos os lados.

– Para trás, Boris! Entre, Lexi! – Alexander tentou afastar os cães de Leonid, mas eles se soltaram e continuaram rodeando Leonid para chamar-lhe a atenção.

– Que belos cães você tem! – comentou Leonid. – Eu tinha um husky siberiano quando era jovem. O nome dele era Gosha, o melhor amigo que tive. – E começou a afagar o pelo de Lexi. – Seus cães me fazem lembrar muito dele.

Alexander ficou intrigado diante da naturalidade com que o estranho lidava com os cachorros, e começou a relaxar. Sorriu, apesar da impaciência. – Sim, vejo que eles certamente gostaram de você. Nunca os vi tão amistosos com um estranho.

– Muito obrigado – e os olhos de Leonid se iluminaram. – Preciso de apenas alguns poucos minutos do seu tempo, senhor. Como já mencionei, tenho nesta sacola alguns livros que trarão esperança e um novo sentido à sua vida. Livros bons, que poderão ser lidos vez após vez durante os longos meses de inverno.

– Hmmm. Que livro não pode ser lido vez após vez? É para isso que existem os livros. Não é?

– Verdade. – Leonid riu diante do humor de Alexander. – Mas estes livros podem fazer muito mais. – E tirou uma Bíblia da sacola.

– Este livro, aqui, tem todas as respostas para as perguntas da vida acerca do bem e do mal no mundo. E este outro livro é sobre a história da Igreja Cristã, desde os tempos de Roma até os nossos dias. – Leonid segurou um segundo livro. – É chamado *O Grande Conflito*.

CAPÍTULO 3

Alexander não queria admitir, mas ficou repentinamente muito interessado naquilo que o livro do vendedor dizia. Ele amava história e lia qualquer livro no qual pusesse as mãos. Na escola, essa havia sido sua matéria favorita – especialmente história antiga. Quando se sentava com um livro desses à noite, era difícil pô-lo de lado. Natasha, às vezes, precisava lembrar-lhe que já era tarde, e que ele precisava deixar um pouco do livro para a noite seguinte.

– Você devia ter sido professor de história – dizia ela, rindo.

O vendedor falava, mas Alexander ainda não o havia convidado a entrar.

De repente, Natasha foi até a porta. – Alexander! Como pode ser tão indelicado? Onde estão os seus bons modos? – repreendeu ela. – Não o deixe em pé diante da porta! É um homem bom, e posso ver que você está, sem dúvida, interessado naquilo que ele trouxe!

– Sinto muito – desculpou-se Alexander. – Sim, por favor, entre! Não temos muito dinheiro, mas estou interessado no que os seus livros têm a dizer.

Natasha trouxe um pouco de chá para Leonid, enquanto ele começava a falar sobre os dois livros. – Se alguma vez já se perguntaram sobre o sentido da vida, estes livros ajudarão – começou Leonid.

Alexander olhou para Natasha, surpreso. *Não haviam eles conversado exatamente sobre isso, alguns minutos antes?*

– Nos dias em que você acha que tudo está dando errado, estes livros podem fazer maravilhas. – Leonid entregou a Alexander a Bíblia. – Este livro responderá a muitas das suas perguntas sobre como ter uma vida saudável e como viver mais. Vai ajudá-los a não se preocupar com coisas como se haverá pão sobre a mesa, ou se a Rússia vai entrar em guerra. Vai ajudá-los a ter paz no coração e saber o que o futuro lhes reserva.

A voz de Leonid ficou mais branda. – O melhor de tudo, vai apresentar-lhes o Deus do Céu, que os ama muito mais do que podem imaginar, e Se interessa por tudo o que acontece na vida de vocês.

– Estes livros nos dirão tudo isso?

– Tudo isso e muito mais – garantiu-lhes Leonid.

– Isso é pedir demais de um livro. – Alexander virou as primeiras páginas da Bíblia. “Santa... Bíblia” – ele leu as palavras, devagar. – Já ouvi sobre isso antes. É um livro bom.

– O melhor do mundo. Já vendi mais exemplares desse do que de qualquer

outro livro.

– Fale mais.

Leonid acomodou-se na cadeira e observou o jovem casal olhando ansiosamente a capa do livro. Era óbvio que o Espírito Santo estava naquela casa, já trabalhando nos corações.

– A Santa Bíblia é um livro inspirado pelo próprio Deus. Conta sobre o plano de Deus de fazer um mundo novo, onde não haverá mais dor e sofrimento.

– E nos ajuda a viver uma vida melhor agora?

– Sim, isso está garantido.

– Hmmm. E este outro livro aqui? *O Grande Conflito*. Parece ser um livro sobre combates, ou guerra, talvez?

– Em certo sentido, é. Fala sobre a guerra entre o bem e o mal, entre Deus e Satanás. Mas não precisamos nos preocupar. Deus vencerá a guerra e logo voltará para levar-nos para morar com Ele para sempre, no Céu.

A face de Natasha brilhou e ela inclinou-se para a frente a fim de ver melhor.

– Seu livro fala disso?

– Sim, fala.

Ela balançou a cabeça, impressionada. – Este livro é muito bom, então.

– O melhor.

Alexander examinou os dois livros por longos momentos. – Então vamos ficar com os dois – disse ele, abruptamente.

– A Bíblia e *O Grande Conflito*?

– Sim. Se a mensagem que eles trazem já nos deu esperança, e nem sequer os abrimos, imagine como será mudada a nossa vida quando os lermos.

Leonid ouviu, solenemente, o testemunho que aquelas duas pessoas maravilhosas lhe apresentavam. Já se mostravam receptivos ao Espírito Santo e à poderosa mensagem que Deus reservara para eles.

– Você tem exemplares aqui, que possamos comprar agora mesmo? – Natasha perguntou animadamente.

– Bem , na verdade não– Leonid admitiu. – Mas posso voltar em poucos dias com um exemplar para você. Muitos outros pediram exemplares essa semana também, por isso vou à minha casa para obtê-los. Posso trazê-los para você em poucos dias. Hoje você pode escolhê-los.

– Devemos lhe dar o dinheiro agora?

– Vocês podem fazer isso, ou podem esperar e dar-me o dinheiro quando eu voltar.

Alexander olhou para Natasha. – Acho que devemos dar-lhe o dinheiro agora. Se ele não tem livros suficientes para todos, terá que dar os livros aos que já pagaram por eles, e então precisaremos esperar ainda mais tempo. – E olhou para Leonid, na expectativa. – Estou certo?

– Geralmente, é assim que funciona – respondeu Leonid. Ele ergueu ao Céu uma oração de louvor silenciosa. Aquele era verdadeiramente um casal impressionante. Estavam famintos pela Palavra de Deus, e já tão cheios de fé que se dispunham a pagar antecipadamente, confiando que Leonid lhes traria os livros.

– Bom, então está combinado. Mas você deve ficar um pouco mais e nos contar outras coisas que esses livros contêm.

Alexander foi ao quarto buscar os rublos necessários para pagar os livros, enquanto Natasha reabastecia as xícaras com chá quente. E Boris e Lexi se aproximaram de Leonid para receber mais atenção e um bom afago atrás das orelhas.

O Céu todo se aproximou da cena. Apenas minutos antes, o jovem casal estava abatido pelos problemas e cuidados do mundo. Agora, podiam sentir o poder de Deus atuando em seu lar e possuíam já uma perspectiva nova e revigorante da vida.

CAPÍTULO 4

Alexander e Natasha nunca tinham ouvido essas coisas antes – o que Leonid lhes dizia era verdadeiramente impressionante. Era como se sua mente fosse uma esponja, absorvendo todas as coisas boas que ele lhes contava sobre o plano da salvação de Deus para o mundo. Porém, mais importante, era o coração tocado pessoalmente, fazendo com que vissem tudo na vida sob uma nova perspectiva.

O casal estava sentado lado a lado no sofá, ouvindo o rapaz que lhes falava do fundo do coração. Leonid lhes contou sobre a criação do mundo, a queda

do homem e sobre o povo escolhido de Deus ao longo dos séculos. E todas as coisas que ele dizia pareciam fazer sentido, mesmo sendo algo que nunca antes haviam ouvido.

A criação e a evolução eram exemplos clássicos. Nem Alexander nem Natasha eram cristãos, e por isso, naturalmente, foram-lhes ensinadas apenas as teorias da evolução nas escolas russas. Nunca souberam algo sobre uma explicação alternativa de como o mundo passou a existir. Não sabiam que apenas uma fração de pessoas sobre a Terra cria realmente nas insensatas noções da evolução – que peixes se transformavam em anfíbios, anfíbios em lagartos e, por fim, lagartos em aves.

Mas, agora, a ideia da criação era como uma janela aberta para Alexander. Pareceu libertá-lo para expressar todas as coisas que ele nunca quis dizer sobre quão tola soava a teoria da evolução.

– Sempre me perguntei: se os macacos se transformaram em homens a certa altura da história, será possível que os homens voltem a se transformar em macacos? – exclamou ele.

Todos deram uma boa risada depois disso, e Natasha precisou admitir que, às vezes, Alexander atuava mais como macaco do que como homem.

Depois, Leonid lhes contou a história do Éden, e de como Satanás usou uma serpente a fim de enganar Adão e Eva para comerem um fruto – como caíram nessa ilusão e como se esconderam quando Deus veio à sua procura ao entardecer. Alexander e Natasha sentiram-se tocados ao saber que um cordeiro precisou ser sacrificado para representar o Salvador que, um dia, viria salvar o mundo do pecado. E lágrimas encheram os olhos de Natasha quando ela soube que o primeiro casal na Terra teve que deixar seu lar num jardim. Seu pecado custara à raça humana uma vida no paraíso.

– Por que Adão e Eva desejariam o fruto, se Deus lhes pedira que não o tocassem? – Natasha quis saber. – Não tinham o suficiente para comer?

Alexander sorriu diante da inocência da pergunta, mas então se entristeceu, ao ouvir a continuação da história. – Sim, eles tinham. Deus havia sido bom para com eles, dando-lhes tudo o que poderiam desejar no lar do jardim. Mas, veja, Eva ficou curiosa quando se afastou de Adão e, de repente, se viu diante da árvore da qual Deus dissera que não deviam nem se aproximar. Ela parou para ver e ouvir uma bela serpente falando. Deve ter-se chocado diante de uma coisa assim, mas uma serpente falante era algo que ela jamais vira antes. E, em vez de lembrar-se de que Deus a amava e dera a ela e

a Adão tantas bênçãos, confiou nas palavras da serpente, em vez de confiar em Deus.

Leonid balançou a cabeça.– Receio que, hoje, sejamos muito semelhantes a eles. Quando somos tentados a fazer o que é errado, geralmente sabemos qual é a coisa certa a fazer, mas queremos brincar com o pecado. Infelizmente, assim como Eva, não entendemos o poder de Satanás, e o quanto ele odeia a Deus. Não entendemos que o maior deleite de Satanás é levar-nos a fazer o que é errado, o que, logicamente, causará grande tristeza a Deus, porque Ele é nosso Pai e nos ama muito.

Alexander e Natasha acharam difícil acreditar que o mal pôde tornar-se uma força dominante no mundo após a queda do homem. Impressionaram-se com o fato de que Deus pôde ser tão compassivo e paciente com gerações e gerações que se afastaram dEle para viver vidas cheias de brutalidade e concupiscência. Quando Leonid lhes contou sobre Noé, não foi surpresa acharem que Deus precisou mesmo enviar um dilúvio de águas para destruir um mundo que saíra do controle.

Leonid contou a Natasha e Alexander histórias sobre o povo escolhido de Deus – histórias sobre Moisés, Gideão e Samuel – e como Deus usou esses homens para guiar Seu povo. Contou-lhes histórias sobre líderes como Daniel e Ester, que tiveram a oportunidade de dar esperança ao povo de Deus.

– Apesar do fato de que Adão e Eva pecaram, Deus tinha um plano – disse Leonid. – Seu plano era salvar o mundo e levar as pessoas de volta para Si. Nenhum sacrifício seria grande demais para alcançar esse objetivo!

– Mas como Deus pode salvar as pessoas, se elas continuam querendo ser más? – perguntou Alexander. – Quero dizer, as pessoas são basicamente más. – Ele apontou para a estante numa parede do seu minúsculo apartamento. – Tenho alguns livros sobre história aqui, e, pelo que tenho lido, a história tende a repetir-se. Não importa quão bom seja um governante ou quantas coisas boas tenha feito pelo país, quando ele morre, mais cedo ou mais tarde se levantará um novo rei ou ditador que é mau e só pensa em si mesmo.

Leonid concordou. – Uma observação muito boa, Alexander. Você acertou em cheio. As pessoas tendem a ser más, porém isso não muda o fato de que Deus deseja salvar-nos. Contudo, Ele não nos força a fazer alguma coisa que não queiramos. É nossa escolha; precisamos desejar ser salvos. A escolha é estritamente nossa.

Leonid ergueu a Bíblia. – As pessoas sempre tiveram escolha. O povo,

antes do Dilúvio, teve a escolha de entrar na arca ou não. A escolha era deles. Os israelitas tiveram a escolha de crer que Deus podia levá-los para o outro lado do Mar Vermelho, quando procuravam escapar dos egípcios. Era sua escolha. Tiveram que avançar pela fé ou ficar para trás. O povo de Deus teve escolha quando Samuel disse que Israel não precisava de um rei. Samuel lhes disse que Deus devia ser seu rei, mas, novamente, a escolha era deles. E escolheram ter seu rei, de todo jeito.

Alexander e Natasha se dividiam entre fazer perguntas e apenas escutar o que Leonid lhes dizia. Enquanto ele virava as páginas da Bíblia para mostrar onde estavam essas histórias, eles ficavam embasbacados ao saber que tudo isso se encontrava em um único Livro.

Havia tanta coisa para contar, mas Leonid sabia que Alexander e Natasha não tinham conhecimento da Bíblia. Quanta coisa poderia ele apresentar nessa primeira noite, sem sobrecarregá-los? Ele não queria exagerar, mas os dois simplesmente absorviam tudo – não importava que história ele estivesse contando. Para Leonid, ficou claro que o Espírito Santo estava fazendo o Seu trabalho ao guiar a conversa.

Mas, quando Leonid lhes contou a história de como Jesus veio como bebê para salvar a raça humana, Alexander e Natasha pararam de fazer perguntas. Permaneceram em silêncio enquanto ouviam que Jesus viveu como um homem pobre, a fim de poder dar esperança àqueles que nada possuíam. Ficaram maravilhados diante do fato de que Jesus trouxe cura aos endemoninhados, surdos e mudos.

A história de Jesus no jardim, enfrentando sozinho as tentações de Satanás, era triste, e foi difícil demais acreditar na crucifixão. Não podiam imaginar tanta crueldade contra alguém, quanto mais contra o Criador do Universo.

Alexander e Natasha observavam o semblante de Leonid enquanto ele falava. Sabiam que nunca tinham visto alguém tão sincero e cheio de paz como Leonid. Podiam ver que ele realmente cria no que estava dizendo e que verdadeiramente amava a esse Deus que aparecia no centro de todas as histórias.

O jovem casal ficou tão interessado nas coisas que Leonid contava que se esqueceu do tempo. Quando, por fim, olharam o relógio, viram que já passava da meia-noite.

CAPÍTULO 5

– Olhe a hora! – exclamou Natasha. – Nós o seguramos até tão tarde; lamentamos muito! Você deve estar cansado, Leonid.

– Muito obrigado, mas não devem se preocupar – Leonid sorriu de novo. – Estou acostumado com isso. Vendo livros para me sustentar, e quando as pessoas desejam ouvir acerca da Palavra de Deus, eu também me esqueço das horas.

– Não devemos segurá-lo por mais tempo. Você mora longe daqui?

– Não muito longe. Uns vinte minutos de trem.

Alexander se pôs em pé. – Você pode vir outra vez, logo? Queremos ouvir mais. – Ele segurou a mão de Leonid e a apertou. – Se esta noite foi tão interessante, só imagino como será a próxima vez.

– Sim, e você virá para tomar a refeição da noite conosco desta vez? – Os olhos de Natasha brilhavam enquanto olhava ansiosamente para Leonid. – Se você jantar conosco da próxima vez que nos visitar, podemos até conversar sobre os livros durante a refeição.

– Eu gostaria. – Leonid pôs os dois livros de volta na sacola.
– Muito obrigado por esta noite agradável. Aguardo o momento de vê-los de novo.

Colocou a sacola de livros no chão. – Antes de sair, gostaria de orar ao nosso Pai no Céu. Nós três temos muito sobre o que falar e precisamos que o Espírito Santo nos auxilie e guie quando conversamos assim.

A seguir, Leonid orou, e o jovem casal russo maravilhou-se diante do modo como ele se dirigia a esse Ser espiritual que eles não podiam ver! Leonid falava com Deus como se Ele estivesse exatamente ali com eles, na sala. Foi a experiência mais tocante que Alexander e Natasha haviam tido até então!

Foi uma oração breve, e, quando Leonid a encerrou, estava sorrindo. – Muito obrigado por esta noite maravilhosa. Espero o momento de voltar com seus livros, dentro de alguns dias. Podem ter certeza disso.

Os cães se achegaram a Leonid enquanto ele vestia o sobretudo e se preparava para sair. Ele deu mais um tapinha na cabeça de Boris e Lexi, e então saiu.

Alexander e Natasha se regozijavam com as boas notícias, como Leonid se referia ao evangelho. Tudo era tão novo para eles! O tipo de livros que Leonid vendia era uma raridade na Rússia, na época, porque o governo comunista proibia a impressão e venda de tais livros. Se os livros de Leonid fossem descobertos pelas autoridades, seriam confiscados.

E possuir essa literatura poderia pôr em risco a permanência de uma pessoa no trabalho. As pessoas obtinham e perdiam empregos por causa de quem conheciam e por sua simpatia diante das autoridades locais. Se alguém não colaborasse com os líderes do governo, era muito fácil remanejá-lo para algum emprego de menor prestígio, “em algum outro lugar”. Infelizmente, era simples assim.

O trabalho de Natasha não era tão importante, mas permitia que ela ficasse perto de casa e pudesse preparar as refeições de Alexander, cuidar dos cachorros e conservar o lar em condição impecável, como ela gostava.

O trabalho de Alexander era um pouco mais importante, financeiramente, e perdê-lo seria muito complicado para eles. Pagava um pouquinho mais que empregos como caixa de loja ou varredor de rua. Ele e Natasha precisavam de dinheiro e certamente não precisavam da atenção que a KGB lhes daria se descobrisse, em sua casa, livros como os que Leonid vendia.

Que lhes sucederia se fossem apanhados com os livros? Caso os livros fossem considerados uma ameaça política suficientemente grave, ou se as autoridades locais quisessem tornar o ofensor um exemplo, a pena podia ser muito mais severa. Os proprietários desses livros seriam multados e, às vezes, até encarcerados por algum tempo.

Alexander e Natasha conversaram sobre os perigos associados ao seu recém-obtido conhecimento, e juntos decidiram que não se importariam. Esses dois livros prometiam causar um enorme impacto na vida deles. Já lhes haviam trazido uma renovação da esperança e de energia para a vida.

Preocupavam-se, porém, com os problemas que isso podia causar para Leonid, se o governo descobrisse que ele vendia Bíblias e outros livros religiosos no complexo de apartamentos. Que lhe aconteceria se fosse apanhado? Afinal, na maior parte da União Soviética, era contrário à lei ter um trabalho diferente daquele designado pelas autoridades locais. Pior ainda, já que o governo ensinava a estudantes e cidadãos que não existe Deus, vender livros sobre Ele era ilegal e considerado ofensa criminosa.

Era assustador pensar nessas coisas, mas podia acontecer. Infelizmente,

eles ainda não conheciam suficientemente bem a Deus para confiar nEle, e não sabiam orar, mas estavam aprendendo. Naquele momento, o máximo que podiam esperar era que tudo corresse bem, de modo que conseguissem receber os livros.

Os anjos devem ter sorrido ao ver esse casal tão faminto pela verdade e marcaram o pequeno lar russo como alvo de atenção e cuidado especial. Um novo dia começava para Natasha e Alexander, e os anjos desejavam estar ali quando o casal entregasse o coração a Jesus.

Os dias passavam rapidamente, com as tarefas da vida ocupando o tempo. Alexander usava o trem para ir ao banco e voltar, e Natasha trabalhava no pequeno escritório cheio de janelas, no primeiro andar do prédio. Alexander ficava no seu posto costumeiro, perto do cofre do banco, e Natasha conservava limpos e em ordem os corredores do complexo residencial.

Quando perceberam, Leonid estava batendo à porta, várias noites depois. O casal russo não pôde explicar a expectativa que haviam sentido a semana toda, por receber esse visitante em casa. Até Boris e Lexi sentiam isso. Seriam as boas notícias da salvação que ele lhes trazia, que lhes fazia disparar o coração? Seriam as emocionantes histórias de tempos remotos que lhes apresentavam lampejos da verdade, do perdão e do poder para viver por Jesus? Naturalmente, também sabiam que Leonid lhes traria os dois cobiçados livros que haviam adquirido, e isso tinha muito que ver com a animação pelo ar.

Uma vez mais, Alexander e Natasha deram as boas-vindas a Leonid e o deixaram à vontade. Uma vez mais, esqueceram-se de todas as preocupações e ouviram com entusiasmo enquanto Leonid lhes contava sobre as chaves da felicidade e da satisfação na vida. Contou-lhes impressionantes histórias da Bíblia, mas também contou histórias de milagres contemporâneos entre pessoas que ele conhecera e que haviam estado em busca de Deus.

Contou-lhes acerca de uma vovozinha que estivera pedindo a Deus que lhe enviasse alguém para ajudá-la a aprender a Seu respeito. – Quando bati à porta da casa, a mulherzinha abriu a porta, animada. “Entre! Entre!” Os olhos dela estavam quase dançando. “Estou esperando você há vários dias.” Perguntei a ela por que, e ela respondeu que estivera orando para que Deus a ajudasse. Ela não sabia muito acerca de Deus, mas sabia que Ele devia existir, porque nada mais fazia sentido. Então ela orou e teve um sonho, e um homem resplandecente no sonho lhe disse que alguém iria à casa dela com

dois livros a respeito de Deus. Esses dois livros lhe falariam sobre a breve volta de Jesus nas nuvens do Céu.

CAPÍTULO 6

Alexander fixou os olhos em Leonid, expectante. – E o homem resplandecente do sonho vinha da parte de Deus?

– Penso que vinha – concordou Leonid, com reverência –, porque no sonho a mulher viu os dois livros e seus títulos na mão do homem resplandecente.

– Os títulos, literalmente? – os olhos de Alexander se arregalaram.

– Os títulos, literalmente.

– E quais eram os nomes dos dois livros?

Leonid tirou um exemplar da Bíblia e de *O Grande Conflito* de sua sacola. – Estes dois livros.

Natasha engoliu em seco. – Os mesmos que você nos vendeu? – Um santo silêncio se fez sentir na pequena sala do apartamento, e ela pôs as mãos sobre o coração.

– Os mesmos. – Leonid olhou para Natasha e Alexander, deixando que assimilassem o impacto de suas palavras.

– Isto é extraordinário! – Natasha mal podia acreditar em seus ouvidos. – Verdadeiramente, isto é um milagre direto do Céu. Deus respondeu à oração da vovozinha de modo poderoso, e você é prova disso, Leonid. Que privilégio temos nós de ouvir a história diretamente de um homem que passou por uma experiência como essa!

– Realmente, foi um milagre – concordou Leonid –, e a mulher ficou tão atônita que começou a chorar. Repetia, vez após vez: "*Slava boag! Slava boag*! Louvado seja Deus! Louvado seja Deus!"

– Muito obrigado por essa história. – Alexander segurou a mão de Leonid. – Assim como aconteceu com essa senhora, você nos trouxe esperança e uma nova vida.

– Louvado seja Deus! *Slava boag*! – respondeu Leonid, humildemente.

– *Slava boag*! – Alexander ecou seus pensamentos.

Os três estudaram a Bíblia um pouco mais, e então Leonid disse que precisava visitar sua mãe. – Mais uma vez, muito obrigado, Alexander e Natasha. Deus os abençoe. Lembrem-se, agora: Deus diz em Sua santa Bíblia que não devemos nos preocupar. Ele promete que cuidará de nós.

Leonid ergueu a Bíblia que estava segurando. – Este livro diz: "Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou o teu Deus; Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a Minha destra fiel" (Isaías 41:10).

– Podemos encontrar essas palavras em nossa Bíblia nova? – Os olhos de Alexander brilharam de novo, enquanto ele segurava seu próprio exemplar do livro sagrado.

– Podem, sim. Elas se encontram na seção chamada Isaías. Capítulo 41, creio eu. – Ele sorriu e se pôs de joelhos. – E agora, antes que eu saia, vamos orar a Deus para que Ele os guarde na palma da Sua mão, protegendo-os.

Alexander e Natasha se ajoelharam sobre o grande tapete redondo no centro da sala. Inclinaram a cabeça enquanto Leonid orava ao Deus do Universo que eles estavam aprendendo a amar. "Pai nosso, muito obrigado por guardares nossa vida a cada dia, com Teu amor", orou Leonid. "Sabemos que cuidas de nós porque somos Teus filhos. Por favor, fica com Alexander e Natasha, que iniciam sua jornada rumo ao Teu reino. Que eles sempre se lembrem de que a Tua Palavra pode dar-lhes as respostas de que precisam para viver uma vida feliz. Por favor, vigia e guarda seus passos dia após dia, até que nos vejamos outra vez. E vem logo para levar-nos para o Lar, querido Senhor. Em nome de Jesus oramos. Amém."

– Tenho um favor especial para lhes pedir – disse Leonid, quando se levantou. – Vou tomar o trem para Sokolovo hoje à noite, e não estarei aqui por dois dias. Mas tenho comigo esta caixa de livros que estive entregando hoje a alguns dos meus clientes. – Ele pegou a caixa que estava no chão, ao lado da mesa da cozinha. – Infelizmente, não pude entregar todos porque algumas pessoas não estavam em casa, e agora é tarde. Não tenho tempo de levar os livros de volta ao meu apartamento antes de ir para a estação. – Ele olhou o relógio. – Devo sair imediatamente. Seria possível deixar a caixa de livros aqui com vocês, até voltar da viagem? Virei buscá-los quando retornar.

Alexander deu um tapinha no ombro de Leonid. – É lógico! Ficaremos contentes por ajudá-lo! Faremos qualquer coisa para ajudar um homem de

Deus!

Leonid deu um suspiro de alívio. – Muito obrigado! Vocês são amigos tão bons! Agora não preciso correr até a estação.

Alexander foi até a caixa. – Talvez tenhamos tempo de dar uma olhada em alguns livros antes que você venha buscá-los. – Ele deu um sorrisinho com seu ar de garoto, e Natasha deu risada.

– Acho que não – disse ela, enquanto pegava dele a caixa de livros e a levava para o cômodo usado como despensa. – Estaremos ocupados demais lendo aqueles que já compramos.

E tinha razão. Toda manhã, antes que Alexander saísse, os dois tentavam arranjar alguns minutinhos para ler enquanto tomavam o desjejum de ovos, pão russo integral e *kasha*, uma espécie de mingau feito com trigo sarraceno e servido com coalhada. Depois, assim que Alexander voltava para casa à noite, jantavam rapidamente e lavavam a louça a fim de passar todo o tempo possível com os livros. Mesmo assim, muitas vezes liam até tarde da noite.

– Tudo isto é tão emocionante! – admitiu Natasha, na segunda noite de leitura dos livros em conjunto. – Como usaremos o tempo quando tivermos terminado de ler os livros?

– Isto é fácil – riu Alexander. – Vamos simplesmente lê-los outra vez.

– E outra vez, e outra vez! – concordou Natasha, vibrando.

A paz desceu sobre eles, enquanto liam juntos. Na manhã seguinte, quando saía para o trabalho, Alexander brincou com Natasha. – E hoje faça o favor de não ficar lendo trechinhos dos livros enquanto eu estiver fora.

– Eu sei, eu sei! – replicou Natasha com um doce sorriso. – Vamos lê-los juntos nesta primeira vez. – Ela o abraçou. – Assim, você pode me explicar as coisas sob um ponto de vista histórico. Nunca fui muito boa em história.

CAPÍTULO 7

No domingo à noite, o tempo estava um pouco mais ameno e, para surpresa de Alexander e Natasha, tio Vitelli e tia Marina apareceram. Todos se mostravam animados por estarem juntos de novo, após o confinamento

dentro de casa durante o longo inverno. E, naturalmente, Boris e Lexi estavam ansiosos por participar de todos os abraços e beijos que se espalhavam ao redor. Foi uma grande noite, enquanto os homens discutiam o clima e a política, e as mulheres falavam sobre todas as últimas fofocas.

– Alexander! Natasha! Tenho um anúncio a fazer! – disse o tio Vitelli com a pompa de um rei. – Estou pensando em comprar um velho automóvel!

– Um automóvel! – Natasha ficou surpresa, de boca aberta. – E você tem dinheiro? Os automóveis são tremendamente caros! Acho que não conheço ninguém que tenha um.

– Tenho economizado meu dinheiro durante anos – gabou-se o tio Vitelli –, e vou conseguir um! Marina não gosta tanto da ideia, mas ela vai gostar quando andar nele!

– Que notícia! – Alexander estava claramente entusiasmado. – E onde vai comprá-lo? Alguém tem um à venda? Obviamente, deve estar quebrado, se alguém quer vendê-lo.

– Todos os carros têm problemas – disse tio Vitelli com um gesto de mão, como se fosse para afastar a ideia. – É pequeno e velho, mas vou comprá-lo por um preço muito bom. Um amigo que trabalha no escritório de contabilidade do meu prédio disse que precisa vendê-lo.

Alexander escutou, com as sobrancelhas erguidas. Ele aguardava o inevitável lado negativo de um negócio assim. Poucas pessoas na Rússia podiam dar-se ao luxo de possuir um carro, de modo que devia haver algum segredo.

Tio Vitelli hesitou, e depois acrescentou, gesticulando: – Ele não anda. Está simplesmente guardado no depósito do nosso local de trabalho, mas o administrador do prédio disse que o veículo deve sair de lá. – Tio Vitelli deu um sorriso triunfante. – Já o vi, e tem boa aparência. Levei meu sobrinho comigo para inspecioná-lo, e ele diz que o carro precisa de reparos, mas vai me ajudar a consertá-lo, se eu permitir que ele o use algumas vezes.

– Bem, isso aí é bom – sorriu Alexander. – Quanto custa o carro?

– Seiscentos rublos.

– Seiscentos rublos? Bem que eu queria ter esse dinheiro! – confessou Alexander. – Mas eu não o gastaria com um automóvel, o senhor sabe.

– Não? E em que você o gastaria?

– Não sei. Viajando, talvez. Bons livros. Os livros podem levá-lo a qualquer lugar, e custam menos do que a viagem real, como se sabe.

Tio Vitelli sorriu. – Ah, sim, gosto de ler, mas dirigir um automóvel pela estrada, num belo dia de primavera, é muito melhor do que ler a história de alguém dirigindo um carro.

– O senhor tem um bom argumento – riu Alexander.

A essa altura, Natasha e Marina haviam retomado os assuntos de mais interesse para as mulheres, como o preço da beterraba no mercado, onde conseguiriam um novo par de meia-calça, e onde a tia Viktoriya andaria pintando o cabelo.

Mas os cachorros estavam ficando agitados de novo. Boris trouxe um dos seus brinquedos com a boca e implorou que tio Vitelli brincasse de pegar com ele. Depois, pulou na poltrona de tia Marina e começou a latir tão alto que ninguém mais conseguia ouvir a conversa.

– Ah, Boris! Desça! – Alexander repreendeu-o. – É assim que se trata a visita? Que vergonha! Natasha, vamos levar os cães ao quartinho dos fundos. Lá eles ficarão quietos e nós teremos um pouco de sossego e silêncio.

– Boa ideia! – Natasha virou-se para a tia e o tio. – Lamentamos muito! Devíamos ter feito isso há mais tempo. Boris ainda é apenas um filhotinho, e está sempre se metendo em tudo! Malandrinho! Mastiga tudo o que encontra! Quando Lexi teve sua última ninhada, demos todos, mas, por algum motivo, afeiçoamo-nos a este aqui.

Ela afagou o pelo no pescoço de Boris e lhe coçou a parte inferior do queixo, falando o tempo todo como se ele fosse um bebê. “Venha, seu fofão! Você é um cachorrinho barulhento, atrapalhado! Mas nós o amamos assim mesmo, e como!” Ela o pegou pela coleira e conduziu os dois cães aos fundos do apartamento. “Agora entre aqui um pouco, e seja um cachorro bonzinho, Boris! Venha logo! Seja um cão obediente!” disse ela, empurrando-o para dentro da despensa. “Fique com sua mãe aqui, onde é o seu lugar.”

Pela primeira vez, naquela noite, ficou tudo quieto.

As duas senhoras, então, prepararam um jantar quentinho, e que refeição suntuosa foi aquela! Um *borsch* bem vermelho, feito com beterrabas, repolho e cenoura. Fatias grossas de pão russo, cubos de queijo de leite de cabra importado da região do Báltico, e, naturalmente, o costumeiro chá oferecido em cada refeição russa. Como sobremesa, Natasha trouxe um de seus famosos bolos *prianieki*.

– Por falar em livros – disse Alexander, retomando a conversa que antecedera o jantar –, acabamos de comprar dois novos, outro dia.

– Livros novos? – O tio Vitelli ergueu as sobrancelhas. – De que tipo?

– Livros sobre história. Religião. O futuro.

– Você iria gostar deles de verdade, tio Vitelli – Natasha entrou na conversa, com os olhos iluminados. – Especialmente aquele que fala de história religiosa.

– É tão bom assim?

– Certamente! Não conseguimos largá-lo. O livro começa com a história dos judeus no Império Romano durante o primeiro século d.C. A seguir, passa para a fase histórica seguinte do Império Romano. Neste momento, estamos lendo sobre o Renascimento e a Reforma na Europa nos anos 1500.

– Hmmm, qual é o nome do livro?

– Intitula-se *O Grande Conflito*.

CAPÍTULO 8

Alexander permitiu que Natasha contasse tudo sobre o livro ao tio Vitelli. Ela teria mais êxito em fazer com que ele se interessasse do que Alexander. Tio Vitelli, de vez em quando, era muito "do contra". Parecia que muitas vezes argumentava só por argumentar.

– Vamos dar uma olhada. – tio Vitelli parecia realmente interessado agora. – *O... Grande... Conflito* – leu ele, devagar. Folheou o livro e começou a ler parágrafos de alguns capítulos. – Este livro parece muito interessante – disse ele, após alguns minutos.

– Estamos encantados! – disse Natasha. – Deixe-me ler um trecho que nós achamos realmente interessante. – Natasha pegou o livro. – Está aqui, no capítulo sobre os valdenses. – Ela virou as páginas rapidamente, então parou e correu o dedo até o parágrafo específico.

– Diz aqui: "Por trás dos elevados baluartes das montanhas – em todos os tempos refúgio dos perseguidos e oprimidos – os valdenses encontraram esconderijo. Ali, conservou-se a luz da verdade a arder por entre as trevas da Idade Média. Ali, durante mil anos, testemunhas da verdade mantiveram a antiga fé" (p. 65, 66).

– Valdenses, é? Então, de quem esse povo estava se escondendo? – perguntou tio Vitelli.

– Dos líderes da igreja. Políticos do governo – Alexander ficou sério. – Pessoas que não criam exatamente como eles.

Tio Vitelli olhou por sobre a armação dos óculos. – Isso devia ser sério. Quero dizer, ter que se esconder de todo o mundo para poder viver do jeito que quisesse. Eu odiaria isso.

Alexander franziu as sobrancelhas e baixou o volume da voz. – Acho que todos nós sabemos o que é isso.

– Mas então? Onde você disse que conseguiu o livro?

– Bem, na verdade essa é a parte mais interessante de tudo – disse Natasha, radiante. – Um rapaz, vendedor de publicações, nos trouxe esses livros. Ele sabe tudo sobre história religiosa e cita longas passagens dos livros. – Natasha pegou o outro livro que Leonid lhes vendera. – Este livro aqui é o mais antigo do mundo. É chamado Bíblia. Parte dele foi escrita 1.400 anos antes de Cristo.

– Leonid leu para nós alguns trechos do livro, e ele contém algumas das histórias mais incríveis que já ouvi – acrescentou Alexander. – Histórias que desafiam a imaginação, e todas são verídicas.

– Leonid, é? – Tio Vitelli pegou a Bíblia.

– Certo. Ele disse que a Bíblia tem muitos críticos, mas todos os anos são feitas descobertas arqueológicas que provam, cada vez mais, que os relatos são historicamente exatos.

– Por exemplo? – Tio Vitelli olhou de novo por sobre o aro dos óculos.

– Por exemplo, a história sobre um dilúvio global. O dilúvio de Noé, como chamam. –Alexander olhou para o tio Vitelli. – O senhor vai gostar dessa. Está no início de um livro chamado Gênesis. Tem que ver com o mundo científico e tudo. Aqui; marcamos alguma coisa. Veja por si mesmo. – Ele abriu o santo livro e apontou o capítulo com a história.

– Depois, vem a história de um homem que podia predizer o futuro por meio de sonhos. – Natasha inclinou-se por sobre o ombro do tio Vitelli. – Ele ajudou a salvar da fome o antigo Egito e todas as outras nações do Mediterrâneo.

Tio Viteli folheou as páginas da Bíblia. – Vejo que vocês marcaram todo tipo de histórias aqui. – Fez uma pausa e começou a ler: “Quando os sacerdotes tocavam as trombetas, disse Josué ao povo: Gritai! [...] Gritou,

pois, o povo, e os sacerdotes tocaram as trombetas. Tendo ouvido o povo o sonido da trombeta e levantado grande grito, ruíram as muralhas, e o povo subiu à cidade, cada qual em frente de si, e a tomaram” (Josué 6:16, 20). Tio Vitelli fez uma pausa, como se estivesse mergulhado em profundos pensamentos. – Isso aconteceu mesmo? – perguntou ele, com uma expressão engraçada no rosto.

– De acordo com Leonid, o vendedor de livros, aconteceu.

Tio Vitelli virou mais algumas páginas e começou a ler de novo. “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Portanto, não temeremos ainda que a terra se transtorne e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem e na sua fúria os montes se estremeçam” (Salmo 46:1-3).

Ele fechou o livro e olhou a capa, ainda mantendo o dedo no ponto de onde estivera lendo. – Já ouvi dizer que este livro está em algum tipo de lista de contrabando. – E olhou para Natasha e depois para Alexander.

– Já pensamos nisso – disse Alexander, devagar –, mas ele é tão interessante, e não diz coisa alguma contra a URSS. O livro nem sequer a menciona.

– Hmmm – encolheu-se o tio Vitelli. – Parece-me que é bom. – Ergueu as sobrancelhas. – Gostei dos livros. Quando vocês os tiverem lido, passem-nos adiante.

CAPÍTULO 9

A manhã seguinte despontou luminosa e clara. Nem uma nuvem havia no céu, enquanto Alexander se levantava e se preparava para o novo dia. Enquanto vestia o uniforme de trabalho, Natasha preparava o desjejum. Era bem simples, e eles o comiam quase cada dia da semana – *kasha* com coalhada e algumas batatas. Não era a refeição de um rei, mas era o que podiam comprar. Alexander gostaria de ter salsichas como acompanhamento, mas eram caras e ele nem sempre sabia se seriam confiáveis. Quando chegavam a comprá-las, Natasha costumava cozê-las para ter a certeza de

eliminar algum germe ou bactéria.

– Coma um pouco mais de batata! – Natasha bocejou, sonolenta. – Cuidado! A panela está quente!

– Uhmmm! Que cheiro bom! – Alexander serviu-se pela segunda vez. – Muito obrigada, querida.

Ela contemplou seu marido, elegante com o uniforme cinza. – Deus é bom – sorriu ela, com doçura. – Creio que nossa vida mudou para sempre. Desde a visita de Leonid, é como se nada pudesse dar errado. É como se a paz de Deus estivesse em nosso coração, e nada fosse capaz de tirá-la. – Ela esfregou os olhos, para despertar.

– Era exatamente nisso que eu pensava. – Alexander deu um tapinha na face de Natasha. – Parece bom demais para ser verdade, não é?

Eles leram algumas páginas dos livros, e então Alexander, de súbito, afastou-se da mesa. – Melhor levar os cachorros para uma curta caminhada, antes de ir embora.

O olhar de Natasha demonstrou susto. – É mesmo! Eu me esqueci totalmente de Boris e Lexi! Eles ficaram tão quietos! Não os tiramos do quartinho dos fundos ontem à noite, depois que tio Vitelli e tia Marina saíram! Pegue seu casaco, Alexander. Vou tirá-los agora mesmo.

Ela foi depressa ao quartinho, falando com Alexander enquanto ia. – Achei estranho quando os cachorros não me acordaram esta manhã. Boris não é mais um cachorrinho. Espero que tenha sido um bom garoto. Deve estar pronto para uma boa corrida a esta altura! Venha, Boris! Aqui, Lexi! – chamou ela, enquanto abria a porta da despensa e acendia a luz.

Então Alexander ouviu o gemido dela. – Ai, não! Seus cachorros malandros! – disse ela, meio gritando. – Boris! O que você fez? Ai, Alexander! – chamou ela, alarmada. – Isto é terrível! Não pode ser!

A essa altura, Alexander havia corrido ao quarto dos fundos e encontrado Natasha parada, sem fala, no meio do cômodo. Boris corria todo animado, agitando a cauda, enquanto Lexi olhava para Natasha com olhos suplicantes. Espalhadas por toda parte estavam coisas que haviam sido guardadas nas prateleiras da despensa. Duas ou três tigelas estavam quebradas no chão, e havia buracos de mordidas num quente agasalho de inverno.

Mas a cena que mais horrorizou Alexander e Natasha foi a da caixa de livros que Leonid deixara com eles. A caixa fora derrubada de uma mesinha do cômodo, e estava de lado no chão. Bíblias e livros haviam sido arrastados

pelos cães e espalhados pelo piso. Havia páginas por toda parte, rasgadas daqueles livros maravilhosos. Marcas de dentes esburacavam páginas e encadernações, e algumas capas de livros estavam irreconhecíveis, por causa das mordidas.

– Não pode ser! – gemeu Natasha, caindo de joelhos. – Os cães comeram as Bíblias! Deixaram-nas destruídas! Ai, Alexander! Que vamos fazer?

Boris e Lexi tentaram fazer as pazes com Natasha, mas ela os afastou. – Vocês, seus cachorros travessos! Nem tentem parecer bonzinhos agora! – repreendeu-os, zangada. – Como foram fazer uma coisa assim? Eu deveria dar-lhes uma tremenda surra!

– Nunca deveríamos ter deixado os cães aqui por tanto tempo! – gemeu Alexander, com a mão na cabeça e os ombros curvados. – Conversamos muito ontem à noite e nos esquecemos deles completamente. – Ele fechou os olhos, exasperado. – Que diremos a Leonid?

– Todos os seus maravilhosos livros! – Natasha inclinou a cabeça, envergonhada. – Foram-se! Estão destruídos! Olhe só as páginas, todas rasgadas! Arrancadas dos livros e espalhadas por toda parte!

– E as marcas de dentes! Parece que um animal selvagem as estraçalhou!

Os olhos de Natasha, finalmente, se abrandaram um pouco enquanto ela olhava para Boris, cujo focinho era a representação da inocência. Ah, Alexander! Boris não sabia que estava cometendo um erro! Ainda é filhote!

– Mas ele arruinou os livros e agora teremos que pagar por eles! – Os olhos de Alexander se acenderam de raiva. – Vocês, cachorros malvados! – disse ele, friamente.

Natasha olhou ao redor. – Quantos livros havia na caixa, Alexander?

Ele suspirou, cansado, e ajoelhou-se ao lado dela. – Não sei, Tash. Vamos ver. Parece que isto é parte de um, e este pedaço aqui se encaixa com ele. E este deve ser outro. – Ele curvou-se. – Aqui está outro. Quatro, cinco, seis, sete... não, isso pode ser parte deste aqui.

– Oito, nove – Natasha continuou a contar com ele. – Dez, onze. Ah, Alexander, deve haver mais de uma dúzia de livros danificados aqui. – Ela cobriu o rosto com as mãos.

–E eram os livros de Deus, prontos para fazer tanto bem, para levar o evangelho a muitas pessoas nesta grande cidade. – Alexander pôs-se em pé lentamente, balançando a cabeça, desanimado. Que poderiam eles dizer? Os livros estragados haviam sido prometidos a clientes que já haviam pagado por

eles. Agora as pessoas teriam que esperar ainda mais tempo pelos livros.

Mas o que mais Alexander e Natasha temiam era o olhar que veriam no rosto de Leonid quando lhe dessem a triste notícia. Ele fora tão bom ao lhes trazer a esperança de uma nova vida com Deus e era assim que o recompensavam?

– Vá e leve os cachorros para a corrida matinal – disse Natasha com tristeza, ainda de joelhos entre as páginas e fragmentos de livros espalhados pelo chão. – Vou cuidar desta bagunça.

Os cães correram diante da menção de uma caminhada, ignorando o estrago que deixavam para trás.

Enquanto Alexander percorria as calçadas pelo parque local, vendo Boris e Lexi correndo e brincando, desejou ser tão despreocupado quanto eles. Mas sabia que isso não era possível. Os livros arruinados apareciam diante dele como uma gigantesca montanha inamovível.

Alexander pegou uma vareta e a jogou para que os cães fossem atrás dela. As últimas horas haviam sido um desastre! Uma catástrofe! Exatamente na noite anterior, ele e Natasha haviam mostrado a tio Vitelli e tia Marina os maravilhosos livros novos que haviam chegado para ser uma bênção na vida deles!

E agora, isto. Em todos os seus anos de vida, ele não se lembrava de algo que houvesse sido tão ruim! Parecia uma calamidade de proporções astronômicas. Os livros custariam uma quantia inacreditável de dinheiro para repor, mas era mais do que isso. Havia algo mais que o incomodava, além do óbvio. Talvez fosse por causa daquilo que os livros representavam. Eram livros religiosos – livros que tinham um propósito real e haviam sido preparados especialmente para levar a boa notícia da salvação ao mundo. A tragédia era quase sacrílega, de um modo estranho, uma profanação de algo santo. Ele não sabia muito da história por trás dos livros, como haviam sido escritos, ou o que fora necessário para publicá-los e introduzi-los em Novosibirsk. Mas, uma coisa era certa – o próprio Deus estava envolvido com aquilo.

Alexander lembrou-se da história de Leonid acerca da senhora que havia orado e um anjo lhe aparecera num sonho, dizendo-lhe que esperasse um homem com dois livros. Em sua mente, isso os tornava livros sagrados. E seriam os restantes livros de Leonid menos santos? Alexander achava que não, e isso tornou a situação ainda mais desesperadora. O pensamento de que

Boris e Lexi haviam mastigado os livros de Leonid parecia pior do que irreverência. Era como um tapa na face de Deus.

CAPÍTULO 10

Preciso ser forte, pelo menos para Natasha, raciocinou ele, enquanto voltava ao apartamento, tentando sacudir o emaranhado de pensamentos que ameaçavam inundar-lhe a mente. Ele estava muito quieto quando entrou no aconchego do pequeno apartamento, mas trazia uma expressão decidida no semblante. – Não se preocupe –, ele tranquilizou Natasha. – Vamos pensar num jeito de arranjar o dinheiro para pagar os livros.

Alexander e Natasha sentaram-se à mesa da cozinha para refletir sobre o que fariam a seguir. Olharam a caixa de livros uma vez mais, para inspecionar os danos. Dos vinte e poucos livros da caixa, catorze deles estavam estragados além da possibilidade de reparos.

– O que diremos a Leonid? – Havia lágrimas nos olhos de Natasha. – Deus o enviou a nós com uma mensagem tão maravilhosa, e é assim que lhe retribuímos?

– Teremos, simplesmente, que pagar pelos livros; isso é tudo.

– Sim, naturalmente, mas eles custarão muito. Como arranjar o dinheiro para isso?

Alexander deu um suspiro profundo e cansado. – Não sei,
Natasha, mas precisamos. É o certo a fazer.

O dia mal havia começado, mas Natasha viu em Alexander uma expressão cansada. Ela inclinou a cabeça em submissão, diante do problema que deviam enfrentar. – Talvez você tenha razão.

– Deus nos ajudará – Alexander pôs a cabeça entre as mãos. – Não foi, realmente, culpa nossa. O diabo estava aqui para nos trazer dificuldades.

– Você acha?

– Tenho certeza. O diabo não quer que sejamos felizes. Ele não quer que conheçamos a Deus ou a verdade de Sua santa Bíblia.

Os olhos de Natasha se arregalaram como se ela, de repente, entendesse

pela primeira vez. – Então o diabo está furioso conosco, e levou Boris a fazer isso! – Ela virou-se para Boris, que estava sentado, olhando para ela, atento. – Então é isso, Boris! Você ouviu? Você não devia ter ajudado Satanás a destruir os livros bons, seu cachorrinho travesso! Que vergonha! – Ela sacudiu o dedo para ele, e depois olhou para a mãe. – E Lexi, você devia ter feito seu filhote se comportar!

– O que está feito, feito está. – Alexander balançou a cabeça, muito sério. – Teremos que simplesmente contar a verdade a Leonid quando ele vier. Só espero que ele compreenda. Mas Deus terá que nos auxiliar – acrescentou ele –, se isso for uma coisa possível. Não podemos pagar os livros agora. Deus terá que nos ajudar de algum modo a encontrar dinheiro para esses livros.

Ele ergueu-se da mesa, ainda com o casaco. – Agora preciso ir para o trabalho. Devemos orar a Deus, Natasha, assim como Leonid fez. Talvez Deus nos ajude a encontrar um jeito de pagar por esses livros. Vamos falar sobre isso hoje à noite, quando eu voltar para casa.

Alexander saiu do apartamento e se dirigiu à estação ferroviária, onde embarcou no trem que o levaria ao distrito comercial. Olhou pela janela do trem que se movimentava lentamente. O clique-claque das rodas nos trilhos pontuava seus pensamentos, enquanto ele passava pelos prédios, por túneis escuros e, por fim, acima das ruas movimentadas no setor comercial da cidade, onde ele trabalhava.

Em que dilema estava metido! Alexander fechou os olhos e tentou pensar numa solução. A imagem daqueles livros todos, espalhados em frangalhos, era sinistra. Como iria pagar as publicações que os cães haviam arruinado? Ele era um homem pobre. Calculou, mentalmente, quanto custaria reembolsar o valor dos livros, e essa ideia parecia algo financeiramente impossível. Ele já havia dado a Leonid todo o dinheiro que ambos tinham em casa para pagar os dois livros adquiridos. Aquele fora o dinheiro de que precisavam para comprar alimento e remédios para o resto do mês. Alexander só receberia seu salário mensal dali a duas semanas.

Felizmente, o emprego de Alexander não exigia que se concentrasse muito, porque ele certamente faria um trabalho fraco naquela manhã. A área cercada onde se localizavam os cofres era uma sala quieta, ampla, com pouco movimento na maior parte do dia. Havia bastante tempo para pensar no problema no qual ele e Natasha se haviam metido. Tempo demais, talvez.

Durante a manhã toda, Alexander não conseguiu afugentar a sensação de

pavor com que havia iniciado o dia. No seu posto, junto aos cofres do banco, tentava pensar sobre o que diria ou
faria, se estivesse no lugar de Leonid, ouvindo um cliente dizer-lhe que os livros a ele confiados estavam em pedacinhos. Não imaginava a situação terminando muito bem. Afinal, haveria algum jeito realmente bom de dizer: “Ah, por falar nisso, nossos cachorros comeram seus livros”?

Ele tentou orar, mas suas orações pareciam não passar do teto ornamentado com azulejos que se estendia acima dele, na quietude das antecâmaras do banco. Por fim, inclinou a cabeça e lançou suas ansiedades sobre Deus. “Não tenho respostas”, orou ele. “Senhor, só Tu podes nos ajudar a superar esse desastre horrível! Quem sabe? Talvez haja até uma razão pela qual permitiste que uma coisa assim acontecesse. Não ouvi Leonid dizendo que todas as coisas terminam bem quando trabalhamos para Deus?”

Alexander sorriu por dentro, embora seu semblante o traísse de outro modo. Naturalmente, uma coisa assim não podia ser inteiramente verdade ao pé da letra, mas algo, no fundo do coração, lhe dizia que seria melhor ser um homem pobre e ter paz com Deus, do que possuir coisas de outro jeito.

Enquanto isso, no apartamento, Natasha tentava colocar as páginas rasgadas de volta dentro dos livros, mas foi inútil. A maioria dos livros estava estragada, sem chance de conserto! Centenas de páginas haviam sido arrancadas, estraçalhadas e molhadas com baba de cachorro, e as capas de livros estavam cheias de marcas de dentes. Ela se sentia péssima! Olhando para aquele estrago irremediável, sabia que não havia absolutamente nada que pudesse fazer! Não havia nada que alguém pudesse fazer! E não havia ninguém com quem desabafar, tampouco – não que resolvesse grande coisa. A questão toda era deprimente demais para ser expressa com palavras. Até Boris parecia triste diante dos acontecimentos.

Durante todo aquele dia, Natasha pensou nas Bíblias e nos outros livros. Frequentemente, parava seu trabalho para enxugar lágrimas. *É triste demais que os livros estejam estragados*, pensou Natasha. *Os livros são preciosos para o povo da Rússia – eles são como velhos amigos. Os livros devem ser lidos e relidos, e depois partilhados com outras pessoas. Mas estes são livros de Deus. Foram impressos para levar o evangelho a pessoas que buscam a Deus. Foram confiados a nós, para que os guardássemos com segurança, e eram muito caros! Que vamos fazer a esse respeito?*

A certa altura da manhã, ela literalmente caiu de joelhos e orou com

lágrimas, quase desesperadamente. “Por favor, Deus, não tínhamos a intenção de arruinar os livros. Ficamos tão contentes quando nos enviaste Leonid, mas estamos simplesmente arrasados por causa do estrago que os cachorros fizeram! Por favor, ajuda-nos a encontrar um meio de pagar por eles!” Então, quase como se estivesse falando sozinha, ela gaguejou: “Não Te conheço realmente, Deus. Leonid diz que és o Deus do Universo, e assim mesmo Te importas conosco. Por favor, Deus, se quiseres, sei que podes ajudar a encontrar um jeito!”

De alguma forma, fazer oração parecia ajudar, embora ela nunca houvesse realmente orado a sós, antes. Suas orações lhe davam coragem para enxugar as lágrimas dos olhos e continuar o trabalho. E trabalhar ajudava um pouco, forçando a mente a se concentrar em outras coisas. Todavia, quando Alexander voltou para casa à noite, Natasha estava exausta depois do longo dia de preocupação e orações ansiosas.

CAPÍTULO 11

– Ah, Alexander – ela correu para encontrá-lo à porta –, como fico contente por você estar em casa! Achei que o dia não fosse terminar nunca! – Ela o abraçou com força, como se o fato de tê-lo ali fizesse com que todos os problemas desaparecessem. – Estive preocupada o dia todo e até orei um pouco, como você disse, mas me sinto pesarosa. – Ela o olhou fixamente nos olhos. – Você pensou em uma forma de conseguirmos o dinheiro para pagar os livros?

– Não pensei. – Alexander deixou pender a cabeça, desalentado. – Mas orei também – e seus olhos se iluminaram um pouco – e sei que tudo acabará bem. Tem que ser assim. – Ele suspirou enquanto tirava o sobretudo. – Nós temos os livros e a verdade que eles nos trazem e temos um ao outro. Isso vale mais do que qualquer coisa, não acha?

– Sim – respondeu Natasha, esperançosa pela primeira vez naquele dia. – Creio que você tem razão.

– E vamos encontrar um modo de pagar os livros, se Leonid estiver

disposto a esperar pelo dinheiro. – Ele olhou com ar confiante para sua esposinha. – E pensei em algo mais. Se temos que pagar os livros, vamos ficar com eles. Quem sabe? Talvez Deus faça algo especial com eles, de algum modo.

Natasha olhou para ele, com o rosto estampando uma intrigada perplexidade, mas depois sorriu e abraçou novamente seus largos ombros. – Creio que é possível. Não lemos com Leonid, em algum lugar da santa Bíblia, que com Deus todas as coisas são possíveis?

O Sol se punha naquele momento, e seus últimos raios de luz dourada filtravam-se pela janela da cozinha. Por uns poucos minutos, o calor da cozinha e a quietude do momento representaram algo especial para o jovem casal russo. Eles sabiam que Leonid poderia vir naquela noite para buscar os livros – na verdade, poderia chegar a qualquer momento – mas isso não os assustava mais como o fizera naquela manhã. Ainda não tinham um plano, mas a paz de Deus estava naquele lar, e parecia que nada mais importava.

Então, de súbito, alguém bateu à porta, e eles sabiam que devia ser Leonid. O momento da verdade chegara, e os dois se olharam como para reunir forças.

– Ah, Alexander! Ele já está aqui? – Os olhos de Natasha ficaram frenéticos de novo. – Que vamos dizer a ele?

Alexander encaminhou-se à porta. – Se for ele, precisamos contar a verdade, e devemos fazê-lo agora. Vamos encerrar essa questão.

A porta se abriu, e ali, na soleira, estava outra vez Leonid, o jovem e simpático vendedor.

– Alexander! Natasha! É tão bom ver vocês! – ele sorriu. – Como passaram? Pensei em vocês a semana toda e fiquei na expectativa de nos reunirmos novamente.

Boris e Lexi vibraram ao ver Leonid. Boris pulou nele como se Leonid sempre houvesse sido membro da família. Leonid ria como um menino de escola, e Alexander ficou nervoso por vê-lo tão feliz. Não podia deixar de se perguntar como Leonid se sentiria quando lhe contassem a verdade sobre os livros.

– Nós também aguardávamos o seu retorno! – Alexander tentou encobrir os verdadeiros sentimentos. – Entre! É tão bom vê-lo! Como foi a viagem de trem?

– Deus é bom! A viagem transcorreu bem. Minha mãe não tem se sentido

bem durante os últimos meses, mas agora, louvado seja Deus, está muito melhor. Meu pastor foi visitá-la, oramos e a ungimos para ajudá-la a melhorar. – Via-se uma expressão de santa paz na face de Leonid.

Alexander pensou naquilo que Leonid estava dizendo. Haviam ungido a mãe dele? Fosse o que fosse, era interessante, mas ele lutou contra a curiosidade. Haveria tempo suficiente para isso, mais tarde. Naquele momento, ele só queria expor a questão dos livros estragados. Antes que alguma outra conversa amena ou a costumeira xícara de chá fossem usadas para mascarar a verdade, Alexander queria abrir o jogo. Isso era importante! Já havia tirado deles muitas horas de felicidade e paz!

– Leonid, por favor, sente-se – insistiu Alexander com o visitante, antes de perder a coragem de dizer o que precisava dizer. – Temos uma notícia ruim para você. Nós... – Alexander tentou controlar-se. – É uma coisa muito difícil de lhe dizer, Leonid. Mas é...

Natasha não conseguiu mais suportar a tensão e, para surpresa de Leonid, irrompeu em prantos, de repente.

CAPÍTULO 12

Leonid podia ver que algo estava terrivelmente errado, mas, a despeito da ansiedade de Alexander e Natasha, ele realmente não tinha ideia do que seria. Um deles estaria doente? Teriam cometido um crime ou coisa assim? Natasha soluçava tanto que ele mal conseguia entender as palavras, mas começou a perceber o que ela tentava dizer, à medida que surgiam os horrorosos detalhes, um a um.

– Ah, Leonid! Os cães rasgaram sua linda caixa de livros em pedacinhos. Comeram e destruíram tudo. Lamentamos tanto! Temos pensado em como, em como... – Então, ela caiu no choro de novo.

O vendedor de livros ficou simplesmente ali, sentado, com uma bondosa expressão no rosto. Olhou para eles com tanta compaixão e simpatia que Alexander achou que ele não tivesse entendido o que Natasha dissera.

Alexander olhou para Leonid, com os olhos marcados pela tristeza. –

Ontem à noite, nossos parentes vieram para jantar – disse ele – e levamos os cães para o quartinho dos fundos, porque eles não ficavam quietos. E os deixamos lá a noite inteira, por descuido. – Ele olhou para Natasha e deixou pender a cabeça. – É o mesmo quartinho onde colocamos seus livros quando você saiu, e nos esquecemos deles, e os cachorros abriram a caixa de livros e os destruíram. Ficamos muito bravos com os cachorros – acrescentou ele –, mas não havia nada que pudéssemos fazer a respeito.

Era triste ouvir a história que saía misturada com o choro, mas Leonid não perdeu nenhum detalhe, enquanto escutava. – Você diz que os cachorros comeram os livros?

– Mastigaram tudo! – acrescentou Natasha. – E os rasgaram e destruíram! Que vergonha! – fungou ela. – Eram os maravilhosos livros de Deus! Nem sabemos dizer como nos sentimos e agora devemos pagar por eles! É a única coisa correta a fazer!

O coração de Leonid foi tocado pela confissão do jovem casal. – Natasha, Alexander, vocês têm razão! – ele sorriu. – Essa é uma notícia ruim para nós, mas não é para Deus. Deus é o dono de todos os livros do mundo! Se Ele permitiu que Boris e Lexi estragassem os livros, isso é com Ele! Deus vai cuidar disso.

Mas Natasha não tinha tanta certeza. Fungou de novo em meio às lágrimas e depois olhou para Boris e Lexi, que estavam deitados quietos sob a mesa. – Boris, seu cachorro malcomportado! – repreendeu ela. – Você não devia ter comido os livros! E Lexi, você não colaborou!

Os cães desviaram os olhos e permaneceram com o corpo e o focinho junto ao piso. Era como se entendessem o que ela dizia e tentassem se humilhar por isso.

– OK, OK, eles foram travessos – Leonid sorriu timidamente –, mas, veja só, Natasha, Deus ama Suas criaturas também. Ele criou Boris e Lexi, você sabe. Eles fizeram apenas o que era natural. Você não deve ficar aborrecida com eles, nem com vocês mesmos, por causa disso.

Ele pôs a mão sobre o ombro de Alexander. – Nem sempre podemos culpar a nós mesmos quando as coisas não saem conforme o planejado. Lembre-se de que as pessoas são mais importantes do que as coisas, mesmo que estejamos falando de livros sagrados. – Ele se abaixou e deu um tapinha na cabeça de Boris. – Deus é o Deus dos milagres. Ele não é limitado por nossos problemas terrestres. Só por nossa fé.

Leonid começou a contar ao casal mais histórias da Bíblia, nas quais Deus transformou desastres em milagres. Contou a história de como Deus usou dez pragas para ajudar os israelitas a escapar da escravidão egípcia, e do milagre de terem atravessado o Mar Vermelho pisando em terra seca. Contou-lhes sobre Daniel, que foi jogado numa cova de leões porque se recusou a desonrar a Deus, mas Deus fechou a boca dos leões. Contou histórias sobre os milagres que Jesus operou para libertar pessoas do horrível poder de Satanás.

Natasha e Alexander olhavam fixamente para Leonid, com olhos e ouvidos incrédulos. Quem era esse rapaz? De verdade? Quem era ele? Seu nome era Leonid, um vendedor cristão de livros, mas quem era ele, realmente? Como podia ele simplesmente perdoar-lhes daquele jeito? Como podia esquecer que os cachorros haviam destruído mais de uma dúzia de livros sagrados, escritos para disseminar o evangelho? Eles sabiam, agora, que esse devia mesmo ser um santo homem de Deus, pronto a colocar-se lado a lado com eles em sua hora de necessidade.

Podiam ver que Leonid cria realmente no poder de Deus. Podiam ver a convicção da fé em seus olhos, bem como o fato de que esse acidente com os livros arruinados não lhe causava a mínima frustração. Era verdadeiramente impressionante, e ajudou a convencê-los de que, talvez, Deus tampouco estivesse aborrecido com eles pelo dano aos livros.

Então todos inclinaram a cabeça enquanto Leonid orava para que todas as coisas cooperassem para o bem, para que Deus cuidasse dos livros estragados e os abençoasse a todos, a despeito do que acontecera.

Quando ele terminou de orar, Natasha expressou seus pensamentos de que Satanás poderia ter tido parte no que ocorrera com os livros. – Leonid, estivemos pensando. É possível que o diabo não queira que estes livros sejam vendidos. – Ela ergueu as sobrancelhas, expectante. – E, por causa disso, ele pode ter levado os cães a fazer uma coisa dessas?

Leonid sorriu. – Isso é possível, absolutamente possível. E acho que é, provavelmente, a principal razão pela qual os cachorros estragaram os livros. Satanás não deseja que esses bons livros sejam lidos, porque eles trazem a verdade da salvação àqueles que os possuem e os leem.

Os olhos de Natasha continuavam tristes, mas Leonid percebia que ela começava a relaxar um pouco.

– Tragam os livros – Leonid pediu, por fim. – Talvez não seja algo tão

irremediável como vocês dizem. Talvez se possa fazer algo para consertá-los.

Natasha olhou para Leonid, com os olhos arregalados. – Não, Leonid! Não há nada que se possa fazer pelos livros! – insistiu ela. – Estão completamente destruídos!

– Tudo bem então, Boris e Lexi; vamos ver o que vocês fizeram! – Leonid olhou, sério, para os cães.

Natasha balançou a cabeça, e então foi a um armário no corredor, de onde tirou a caixa dos livros. – Veja, até a caixa foi mordida – disse ela, enquanto a colocava sobre a mesa da cozinha e começava a abrir as abas de papelão. Os olhos dela ainda estavam vermelhos e inchados de chorar. – Colocamos todos os fragmentos dos livros rasgados aí dentro. É uma lástima, porque...

Mas, de repente, ela engoliu em seco. – Alexander! O que aconteceu aqui? Como pode? – exclamou ela, enquanto examinava o interior da caixa. – Não acredito no que estou vendo!

Alexander e Leonid deram um salto e foram olhar dentro da caixa também.

– Isto é impossível! – Natasha continuou exclamando. – É impossível!

E era mesmo!

CAPÍTULO 13

A expressão de choque no rosto de Natasha era verdadeiramente assombrosa. A princípio, ela e Alexander simplesmente olharam para dentro da caixa, mas depois Alexander começou a tirar os livros, um por um. Para seu espanto, nem um livro sequer trazia marcas. Nenhuma página tinha marca de dentes, e as páginas estavam todas nos livros, como se nunca houvessem saído do lugar. Natasha e Alexander ficaram ali, simplesmente perplexos.

– É um milagre! É um milagre! – Alexander repetia vez após vez. – Eles estavam todos rasgados, em frangalhos! Arruinados! – Ele continuou olhando para Leonid. – Havia marcas de dentes aqui, Leonid! Garanto! Havia montes de páginas fora destes livros! Como pode ser isto?

– É verdade! – acrescentou Natasha. – Os livros foram mastigados e

comidos. Para onde foram? Nós os vimos! Foi destruída mais de uma dúzia de livros, e eles estavam nesta mesma caixa!

Leonid sorria, a essa altura. Olhou de Alexander para Natasha e de novo para Alexander.

– Como pode? – Alexander protestou, incrédulo e assombrado, enquanto observava a expressão no rosto de Leonid. – Vimos os livros com nossos olhos! De verdade! Esta manhã, ainda, eles estavam no quarto dos fundos, rasgados e estraçalhados. Havia fragmentos por toda parte e tentamos juntá-los da melhor maneira e colocá-los no lugar!

Natasha concordou com um movimento de cabeça. – E ficamos tão zangados com os cachorros! Boris ainda é novinho, mas nos sentimos muito mal com o que fizeram. Preocupamo-nos tanto com o que dizer a você, e, e...

Leonid, simplesmente, continuou sorrindo. – Deus tomou providências em favor de vocês – disse ele, por fim. – Deus ouviu suas orações, Alexander e Natasha, porque vocês O invocaram. Ele recompensou a fé no Seu poder, porque vocês confiaram nEle.

– Foi sim, foi isso! – Alexander exclamou com jubilosa reverência, enquanto olhava os livros mais uma vez, e depois tomou as mãos de Natasha entre as suas. – Ah, Natasha, como duvidar do poder de Deus outra vez? Isto é um milagre, direto do trono de Deus no Céu! – Ele inclinou a cabeça. – Deus sabia que não conseguiríamos consertar os livros por conta própria, e deve ter enviado Seus anjos para colocar os livros em ordem outra vez!

Natasha olhou para o marido. – É verdade! – Os lábios dela começaram a tremer de novo. – Deus e Seus anjos têm cuidado de nós. Vieram ao nosso lar e nos abençoaram com auxílio celeste. *Slava boag*! – Ela se pôs de joelhos no piso da cozinha outra vez, com uma expressão de doce reverência no rosto. Leonid e Alexander ajoelharam-se ao lado dela e inclinaram a cabeça diante do incrível milagre, demonstrado tão claramente em seu favor.

Boris e Lexi não sabiam o que fazer, mas o profundo significado daquele momento não lhes passou despercebido. Eles se deitaram, puseram a cabeça sobre o chão, entre as patas, e aguardaram em silêncio também.

“Senhor Deus de nossos pais”, orou Leonid, “ajoelhamo-nos, reverentes, diante de Ti nesta noite. Tu és fiel, Senhor, e Tuas misericórdias são novas cada manhã. Agradecemos este milagre que restaurou os maravilhosos livros que o diabo quis destruir. Como podemos agradecer-Te uma dádiva como esta? Oro para que nunca duvidemos de Ti outra vez, diante da bondade que

demonstraste para conosco neste dia.”

Não foi uma oração longa, mas certamente foi uma prece de ação de graças pelo milagre maravilhoso que Deus operara. Que Deus interveio e restaurou os livros estava claro. Que Ele o fez de modo que ninguém pudesse duvidar era inquestionável.

Então Alexander orou também, do seu jeito simples. Deus, em Sua misericórdia, havia mandado anjos do Céu para recompor os livros, e Alexander só podia atribuir o crédito a Quem ele era devido. Pela primeira vez, ele pôde dizer que havia visto um milagre de proporções sobrenaturais, e sua oração foi o seu testemunho.

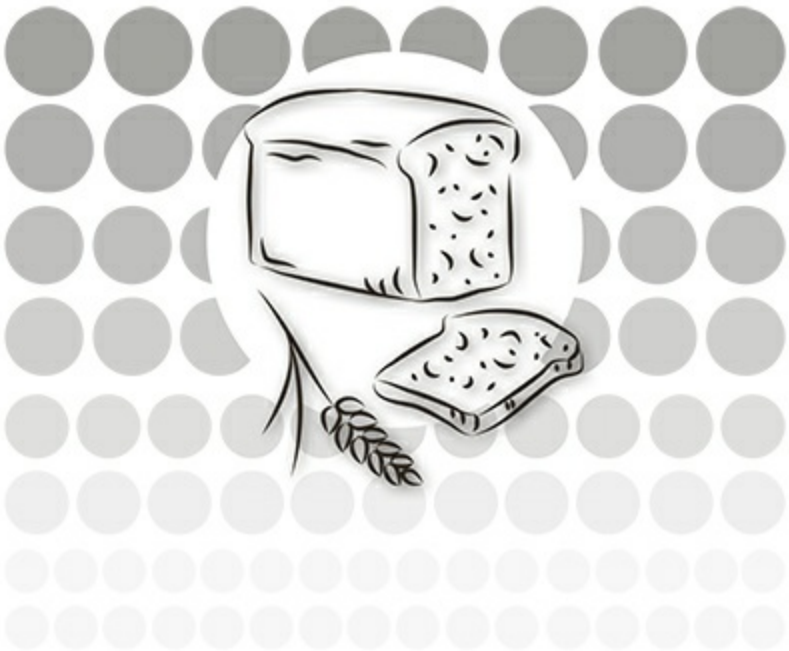
Quando, por fim, se levantaram, Natasha enxugou as lágrimas outra vez.

– Jamais nos esqueceremos deste dia, enquanto vivermos, Leonid! Você nos trouxe a Palavra de Deus. O diabo tentou arrancá-la, mas os anjos de Deus a trouxeram de volta!

Então, ela olhou para baixo, para os dois cães. – Boris e Lexi! – disse ela, enquanto afagava a cabeça deles. – Talvez vocês não sejam tão malcomportados como pensávamos. Vocês acharam que a Palavra de Deus era boa para vocês também, e comeram as Bíblias no desjejum.

– Bíblias no desjejum? – Leonid deu risada. – Essa é nova para mim!

Todos riram, e Boris e Lexi começaram a correr em volta da mesa da cozinha, latindo como se houvessem entendido perfeitamente.



Pão do Céu

CAPÍTULO 1

Era um cálido entardecer. A primavera vinha firme a caminho da cidade de Cahul, e o pastor Sergei Petrovich alegrava-se por vê-la chegando. A primavera era sua estação favorita do ano, com seus famosos pomares em flor e várias filas de parreiras.

Havia caído o crepúsculo, trocando a luz do dia pela escuridão. Os perfumados pés de lilás já floresciam, e sua fragrância penetrava pela janela aberta da pequena casa onde Sergei morava com a esposa, Lena. Perto da janela aberta, os grilos faziam a afinação para acompanhar um passarinho que cantava um soneto noturno.

Sergei lia numa cadeira estofada, relacionando passagens bíblicas como preparativo para a mensagem que devia apresentar na manhã de sábado. Ajustou os óculos de leitura, olhou para o relógio carrilhão na parede e depois para sua graciosa esposa, Lena, que estava sentada de frente para ele, na pequena sala de seu aconchegante lar. Era quase hora de sair para uma de suas reuniões secretas com os líderes da igreja. Naquela noite, escolheriam um novo presidente da associação, no país da Moldávia. Os líderes faziam reuniões secretas para que o governo comunista não tomasse conhecimento dos negócios da igreja.

Até um ou dois dias antes de cada encontro, ninguém sabia, realmente, quando ou onde se realizariam as reuniões. E com bons motivos. Se o anúncio de uma reunião vindoura fosse feito muitos dias antes do evento, com frequência havia um jeito de ele chegar à sede da KGB.

Assim, a mensagem era estrategicamente enviada, geralmente através da rede de informações confidenciais. As esposas de pastor transmitiam discretamente a informação às outras na quitanda, ou ainda quando se reuniam em grupos para fazer acolchoados. Às vezes, os pastores saíam para fazer caminhadas juntos à noite, para poderem conversar. Era assim que funcionava a rede de informações sigilosas, e dava bons resultados para os assuntos da igreja.

Mas nenhum desses truques deteria a KGB indefinidamente. Em muitas ocasiões, Sergei fora parado na rua por oficiais da KGB e interrogado sobre onde e quando se realizaria a reunião secreta seguinte da associação. Sergei

sempre pudera responder que não sabia onde, porque honestamente não sabia. Falando em termos gerais, era consenso que aquilo que uma pessoa desconhecia não podia ser usado contra ela.

O interessante era que, apesar de tudo o que a KGB fazia para ameaçar os cristãos moldávios, de tempos em tempos o governo soviético ainda fazia anúncios públicos chocantes sobre direitos humanos – como aquele que dizia que todos os moldávios tinham garantida a liberdade de religião e culto.

De acordo com a lei, os membros da igreja podiam reunir-se para o culto, contanto que fosse durante as horas do dia. Esses cultos eram considerados reuniões abertas. Significava que, num dado sábado qualquer, os espias da KGB podiam aparecer para observar todos e tudo o que se passava durante o serviço de adoração.

Não era surpresa, portanto, que a KGB não gostasse que fossem realizadas reuniões secretas para eleger novos líderes da igreja. Eles gostavam de estar no controle e, por causa disso, eram uma pedra no sapato para a igreja, sempre esperando uma oportunidade de surpreender a comissão da associação em uma de suas reuniões secretas.

Eles sabiam que a comissão era formada por oficiais da associação, e, mais importante de tudo, por pastores. Sabiam que a comissão se reunia pelo menos três vezes por ano e que sempre trabalhava à noite. Obter informações sobre quando se realizaria uma reunião era sua meta principal, e eles estavam sempre tentando subornar membros para servirem como informantes.

Mas um respeito sagrado pela obra de Deus parecia impregnar a igreja na Moldávia e em sua capital, Kishinev. Parecia que todos, tanto cristãos quanto não cristãos, reverenciavam demais a igreja para servirem como informantes ou traidores. Deus sempre abençoara as igrejas adventistas locais e, felizmente, a KGB nunca fora bem-sucedida em levar a cabo uma de suas operações-surpresa.

E, justamente, naquela manhã, Lena trouxera para casa a notícia de que havia chegado o momento de outra reunião secreta com os líderes da igreja. Desta vez, eles se reuniriam na casa de um crente que era membro de um pequeno grupo local. A casa fora especialmente escolhida porque os líderes consideraram que seria o lugar mais improvável que a KGB procuraria. Era uma casa muito pequena, nos arredores de Cahul, afastada das principais estradas ou ruas.

A agenda para a reunião daquela noite seria discutir o evangelismo no país

da Moldávia e então eleger um novo presidente da organização da igreja ali. Era um assunto de importância para uma igreja que funcionava legalmente à luz do dia, mas trabalhava secretamente porque sabia como o governo comunista se sentia, na verdade, quanto à sua organização.

Não tinham outra escolha. Uma norma dupla era, obviamente, praticada pelo governo, e a KGB jogava sujo. Os oficiais do governo diziam coisas bonitas a respeito dos adventistas do sétimo dia em reuniões públicas ou quando compareciam nas igrejas como visitantes. Sempre falavam sobre como queriam cooperar com os líderes da igreja, mas, nos bastidores, a KGB estava sempre planejando uma estratégia que minasse a eficiência da igreja.

Outras igrejas cristãs locais também haviam sofrido sob a famigerada mão da KGB. Alguns grupos relatavam um tratamento severo, que beirava a opressão literal. Era comum que os oficiais da KGB fossem endurecidos e até cruéis às vezes em sua tática, especialmente se não moravam na região. Um desses oficiais fora apelidado de Ivan, o Terrível. Um ardil comum que ele usava era mandar espias para que se misturassem com os membros e descobrissem onde se realizariam as reuniões secretas programadas. Depois, ele e seus homens apareciam repentinamente, com tacos de beisebol e cães para interromper a reunião.

Mas Deus havia abençoado as congregações adventistas e os pastores que as serviam. Até ali, haviam sempre conseguido reunir-se sem ser detectados. Ninguém se lembrava de alguma ocasião em que a KGB houvesse tido êxito em surpreender uma reunião secreta. Sergei sabia que isso se devia, em parte, ao fato de que os adventistas eram respeitados e tinham poucos inimigos. Faziam sempre muito bem à comunidade.

Por exemplo, quando ocorria uma epidemia em alguma cidade ou vila, eram sempre os adventistas que sabiam o que fazer. Tinham remédios e tratamentos naturais que pareciam funcionar como mágica.

E os adventistas eram um povo calmo. Não interferiam na política dos governos locais; antes, ocupavam-se em ajudar os outros e em espalhar uma mensagem de esperança. Embora fosse proibido realizar reuniões públicas para propósitos evangelísticos, todos sabiam o que os adventistas defendiam e sabiam a quem recorrer se tivessem perguntas a respeito de Deus.

Sergei levantou-se da cadeira e saiu para calçar os sapatos – era a hora do encontro secreto. Sorriu ao observar o ambiente acolhedor de seu lar.

Lena era uma excelente dona de casa e conservava o lugar impecável. Os

cômodos da casinha sempre tinham uma aparência de capricho, com tudo no lugar. A cozinha era sempre imaculada. Bons aromas de pão ou bolo recém-assado o recebiam quando ele voltava para casa à noite, e Lena sempre estendia lindas toalhas sobre a mesa das refeições.

O piso estava sempre muito limpo. Sergei entendia que não usar sapatos pela casa era uma das razões. Era costume, nos lares russos, deixar os sapatos à porta, e Lena cuidava para que todos seguissem a regra. Mas que homem com uma esposa como Lena poderia queixar-se?

Sergei beijou a esposa e saiu. Já anoitecera completamente e a escuridão era total. Isso era bom, já que ele precisaria, certamente, evitar ser detectado pela KGB. Não podia despertar em ninguém alguma suspeita sobre o rumo que tomava.

CAPÍTULO 2

A noite estava fresca, tornando a caminhada revigorante. Sergei se perguntava onde, exatamente, estariam os espias da KGB naquela noite. Saberiam da reunião secreta da associação para eleger um novo presidente? Já o estariam seguindo? Interromperiam subitamente a reunião e prenderiam todos?

Eram muitas perguntas, mas Sergei sabia o que precisava fazer no caso de haver algum transtorno. Se tivesse uma forte suspeita de estar sendo seguido, simplesmente faria de conta que havia saído para uma caminhada noturna e acabaria por voltar para casa.

Enquanto Sergei caminhava rapidamente pela rua, pensou na vida que levava como pastor. Os tempos eram difíceis em Cahul e, como todos os outros, ele e Lena sentiam o aperto da tensão financeira. Os membros das igrejas de Sergei não tinham condições de dar grande coisa a ele. Mal conseguiam sustentar a si próprios, quanto mais contribuir para o salário dele.

Mas Deus é bom, pensava Sergei. Era esse o lema da sua vida, e ele a vivia com um sorriso. Era, verdadeiramente, um homem de Deus, sempre dando, sempre pronto a prestar ajuda e sempre um homem de oração. Os

membros das igrejas o amavam e o procuravam em busca de guia e orientação espiritual.

Ao aproximar-se da casa onde se encontrariam, Sergei reduziu o ritmo dos passos e olhou ao redor no escuro, em busca de indícios reveladores de algum informante da KGB. Ninguém sob a luminária de um poste da rua. Nenhum agente parado na calçada, fumando um cigarro nas sombras. Ele não podia dar-se ao luxo de correr algum risco.

Para sentir-se duplamente seguro, Sergei passou pela casa e seguiu adiante. Continuou descendo a rua, virou à esquerda na esquina e depois, como quem não quer nada, passou para uma travessa. Por fim, deu a volta e retornou por outro caminho.

Não havia ninguém à vista. Sergei sorriu no escuro. Deus havia, novamente, ajudado os líderes a ocultar o local da reunião. Segundo as aparências, parecia que tudo correria bem.

Depois de mais alguns olhares em meio às sombras, Sergei, finalmente, se sentiu seguro o suficiente para relaxar. Era evidente que não havia ninguém ali fora, afinal. A KGB havia falhado, mais uma vez.

Sergei deu a volta até os fundos da casa e bateu suavemente à porta, usando uma batida secreta, combinada anteriormente. A porta se abriu em seguida, e Sergei foi puxado para dentro da casa por um dos pastores. A casa estava completamente às escuras e, embora levasse algum tempo para que seus olhos se ajustassem à escuridão, Sergei pôde distinguir as imprecisas formas de seus colegas. Havia catorze deles. Todos o cumprimentaram calorosamente em tons abafados, e, como Sergei fora o último a chegar, todos inclinaram a cabeça em oração para o início dos trabalhos.

Por algum tempo, eles compartilharam relatórios sobre os mais recentes esforços evangelísticos, e as necessidades para com as quais deviam estar mais atentos. Igrejas e pequenos grupos de crentes brotavam por toda parte. O Senhor operava de modo poderoso para levar o evangelho ao povo da Moldávia. As pessoas tinham fome da Palavra de Deus e, embora o governo proibisse qualquer tipo de evangelismo aberto, não conseguia controlar o anseio por Deus no coração do povo moldávio.

Após essa apresentação, o principal ponto da agenda da noite foi posto sobre a mesa – quem se tornaria o novo presidente da associação de igrejas na Moldávia. Discutiu-se uma lista de candidatos potenciais, e muitas perguntas foram feitas a respeito de cada um. Eram eles homens piedosos?

Possuíam sabedoria para guiar o povo de Deus, os adventistas do sétimo dia, durante tempos de perseguição? A esposa e a família de cada um o apoiavam plena e completamente?

A discussão, por fim, resumiu-se a quatro nomes, e um que recebia mais atenção estava sentado na sala com eles. Seu nome era Victor Petya, e ele tinha excelente reputação nas igrejas locais e entre os líderes da associação. O pastor Petya também tinha anos de experiência como evangelista e editor.

Durante anos, havia trabalhado traduzindo a Bíblia e outros livros devocionais para o idioma do povo moldávio. Havia convocado o auxílio de mulheres nas igrejas locais para o trabalho de datilografia. Em certa ocasião, tivera quatro datilógrafas trabalhando em tempo integral a fim de entregar os livros para a impressão. Para fazer múltiplas cópias, elas inseriam duas ou três folhas de papel carbono entre as folhas de papel na máquina.

Então, através de uma combinação impressionante de acontecimentos, o pastor Petya conseguira adquirir um pequeno prelo manual, com o qual podia imprimir as Bíblias e os livros. Depois de prontos os livros, os líderes adventistas os introduziam às escondidas em várias cidades, onde as pessoas sentiam necessidade deles.

Alguns eram vendidos secretamente de porta em porta por colportores cristãos. Outros eram usados no trabalho missionário em cidades onde pastores realizavam reuniões evangelísticas, na rede de igrejas secretas.

Mas um dos modos mais interessantes de distribuição de livros e Bíblias era através dos próprios membros da igreja. Funcionava assim. Um dos livros do pastor Petya era levado à igreja no sábado por um diácono ou ancião e depois deixado no chão, sob um banco da igreja. Então, a certa altura, talvez naquele sábado ou no seguinte, alguém que precisasse de um livro ou da Bíblia podia olhar sob o banco e levar o livro para casa. Deste modo, o lugar onde o livro fora impresso permanecia em segredo, bem como a identidade da pessoa que deixara o livro no chão. Se alguém fosse apanhado com o livro em casa ou nas mãos, na rua, podia honestamente dizer: Não sei de onde veio originalmente o livro, nem quem o imprimiu.

Assim, o nome do pastor Petya continuou aparecendo como o de alguém com experiência em liderança, amor ao evangelho e uma devoção perene por sua igreja.

Depois de várias horas de deliberação, os homens, finalmente, estavam prontos para votar. Pequenas tiras de papel foram distribuídas entre eles, e

cada um foi orientado a escrever o nome do homem que julgava mais qualificado para a função de presidente. Os papéis foram, então, recolhidos e levados a um quarto no interior da casa, onde os votos foram contados à luz de velas.

E aconteceu que o pastor Victor Petya foi eleito por unanimidade, naquela noite, como o novo presidente da associação. Os homens parabenizaram o pastor Petya por seu novo encargo. Depois, inclinaram a cabeça em oração e pediram que Deus o abençoasse como seu novo líder. Por fim, todos saíram da casa, separados, e seguiram seu caminho.

Sergei voltou para casa fazendo um percurso diferente da ida. Quando chegou à sua casa, Lena já dormia, e ele deitou-se na cama sem despertá-la. Uma brisa suave ondulava as cortinas penduradas na janela aberta do quarto. Sergei ouviu os grilos que, tarde da noite, ainda entoavam alegremente seus cantos estridentes e, em algum lugar daquela rua, um cão solitário latia.

Ele se acomodou no travesseiro macio e meditou sobre as horas anteriores, aliviado por finalmente ter-se encerrado aquela importante reunião e porque, uma vez mais, a polícia secreta ficara sem pistas quanto ao local onde os líderes da associação promoviam um encontro. Havia sido uma noite boa.

Todavia, se Sergei achava que tudo continuava sob controle, estava tristemente enganado, e prestes a levar um choque. Ele havia acabado de cair num sono agradável, quando, de súbito, se ouviu uma batida inesperada e violenta na porta da frente de sua casa.

CAPÍTULO 3

A princípio, sua mente atordoada não captou o que acontecia, mas a batida continuou. Estaria ele sonhando? Seria sua imaginação, trabalhando fora de expediente, até aquela hora quando o mundo todo dormia? Haveria alguém à porta? Ele se esforçou para acordar do sono profundo no qual havia caído, mas, por fim, por entre as teias de aranha do sono, começou a entender que havia, realmente, alguém à porta.

Então, de repente, Lena estava sentada na cama, sacudindo-o para que

acordasse. – A polícia secreta! – cochichou ela, com voz rouca. – Só pode ser a polícia secreta!

No instante seguinte, Sergei saltou da cama para atender às incessantes batidas. Quando abriu a porta, vários corpulentos policiais uniformizados entraram rudemente.

– Senhores! – Sergei tateou à procura do interruptor. – De que se trata? – Embora estivesse bem desperto, tudo parecia um sonho, enquanto ele piscava sob a luz que agora inundava a sala.

Um homem entroncado, de aparência sofisticada, vestindo terno azul-marinho, entrou na casa logo atrás da polícia. Sua mandíbula tinha formato quadrado, o bigode apresentava uma aparência distinta e o homem usava um chapéu que parecia ser caro. Deu uma rápida olhada em volta da sala e depois se virou para Sergei.

– Estamos aqui para levá-lo à sede! – anunciou ele, secamente. – Vamos!

– Por quê? Que fiz eu? – Sergei olhou, confuso, para o oficial. – De que estou sendo acusado?

– De participar de uma reunião ilegal durante as horas da noite, e tentar ocultá-la. – A despeito das maneiras ríspidas do homem, Sergei podia ver que ele se sentia culpado por perturbá-los àquela hora.

– Vocês têm alguma prova dessas acusações?

– A KGB não precisa de provas – e o oficial olhou em torno da sala de novo, sem se incomodar de olhar diretamente para Sergei. – Precisamos apenas da suspeita de tais atos. Vista sua roupa! – ordenou ele, com impaciência. – Precisamos ir.

Sergei sabia que as acusações eram sérias. Realizar reuniões secretas era considerado um ato de traição, punível com espancamento, prisão e, em raras ocasiões, até execução. Sergei elevou uma súplica. *Ajuda-me a ser forte, Senhor. Eu sabia que, um dia, eles poderiam vir à minha procura e agora parece que finalmente chegaram.*

Sua mente trabalhava rapidamente, enquanto ele decidia sobre seu próximo passo. Permitiriam que levasse alguma coisa consigo? Ele não sabia. Deveria levar roupas? Precisaria de alimento? Ou livros? Por quanto tempo duraria aquilo? Ele não sabia.

A verdade era que ele não sabia de nada.

– Devo levar algumas coisas numa sacola? – perguntou Sergei. Agora ele raciocinava de modo claro, mas, se tivesse alguma ilusão sobre generosidade

por parte da KGB, estava prestes a sofrer um rude despertar.

– Não há tempo para isso agora! – O oficial da KGB foi enfático. – Devemos ir imediatamente!

Sergei virou-se e viu Lena em pé atrás dele, no corredor; ela tremia. Ele desejou dizer-lhe que tudo ficaria bem, que não havia nada com que se preocupar, mas sabia que não era verdade. Havia muito com que se preocupar. A KGB não chegava à casa de alguém, fazendo estardalhaço a uma hora daquelas, sem boas razões.

– Tudo ficará bem, querida – disse Sergei. – Tudo está nas mãos de Deus.

E virou-se para o oficial da KGB.

– Eu gostaria de me despedir da minha esposa, senhor. Faria a gentileza de me permitir isso?

O oficial simplesmente fez sinal com a cabeça na direção de Lena.

O que Sergei disse durante os momentos seguintes, ele provavelmente não se recordaria, mas Lena, com certeza. – Deus é bom, Lena. – Sergei abraçou-a. – Jesus tem cuidado de nós e nos segurado na palma de Sua mão desde o dia em que nascemos. Ele não nos abandonará agora.

Ele sorriu bravamente, mas por dentro estava tremendo. Para onde aqueles homens o levariam e o que fariam com ele?

– Se eu não a vir por algum tempo, Lena, por favor, tente ser corajosa. Deus ficará com você; Ele estará com você e comigo. – Sergei engoliu com dificuldade. – Quero que você escreva ao seu irmão e veja se você pode ficar com ele e sua família por um tempo. Vocês dois são achegados, e não quero que tenha que ficar sozinha. – Sergei olhou para o oficial da KGB e depois para Lena outra vez. Ele a conduziu a uma cadeira, na qual ela se sentou, cobriu a face com as mãos e começou a chorar.

– Lena, escute. – A voz de Sergei era gentil, mas séria, e algo nele fez com que Lena erguesse o rosto por um momento e parasse de chorar. – Não sei o que acontecerá comigo. Jesus disse, há muito tempo que, se O servíssemos, poderíamos ter que sofrer por amor ao evangelho. – Ele balançou a cabeça, devagar. – Bem, agora estamos claramente sofrendo por Cristo, mas está bem – garantiu ele. – E se nós... – Sergei parou e tentou dizer de novo o que estava no seu coração. – Se não nos virmos mais aqui na Terra, vou procurar você no Céu.

Os olhos de Lena se arregalaram de medo, e Sergei a puxou para mais perto de si a fim de reprimir uma nova corrente de lágrimas.

– Vamos! – ordenou o oficial da KGB, enquanto ia na direção de Sergei. – Já perdemos muito tempo.

Lena agarrou o braço de Sergei, mas um dos guardas o soltou.

– Por favor, seja corajosa – repetiu Sergei. – Deus cuidará de nós. Ele não pediria que sofrêssemos por Ele, se achasse que não poderíamos suportar.

Sergei olhou ternamente para a esposa. – Eu a amo, querida. Lembre-se, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que são chamados a fazer parte do plano de Deus.

Então, ele se foi.

CAPÍTULO 4

Na sede da KGB, Sergei foi imediatamente levado a uma sala de interrogatório. Ficou sentado, esperando por mais de uma hora, até que o oficial que o havia prendido finalmente entrasse. Com ele, havia um segundo oficial, um homem de olhos azuis e frios num rosto zangado. Este era mais alto que o outro, tinha uma estrutura angulosa e vestia uma espécie de uniforme militar. E era fumante inveterado. Sergei espantou-se diante da maneira como ele acendia um cigarro no outro, como se estivesse em algum tipo de maratona do fumo.

Então vieram as perguntas, em rápida sucessão. – Onde vocês realizaram sua reunião secreta? Sabemos que fizeram uma reunião secreta da igreja durante as últimas 24 horas. Em que horário, exatamente? Quem estava na reunião? Quem é o próximo presidente de sua organização?

Durante três horas, os oficiais da KGB interrogaram Sergei, mas ele sempre lhes dava a mesma resposta: – Não posso revelar essa informação, senhores. Não seria certo. Os membros da minha igreja são como uma família.

O oficial de bigode e terno azul-marinho ficou impaciente e fez sinal para o outro, que continuava fumando cigarros em série.

Ele se inclinou, perto do rosto de Sergei, com o cigarro pendurado nos lábios. – Se não nos der as respostas que queremos – rosnou ele –, usaremos

outras formas de persuasão!

Sergei sabia que o homem falava sério. Os oficiais da KGB eram conhecidos por sua brutalidade. Ele se surpreendeu por haverem demorado tanto para usar a agressão física.

Os dois oficiais saíram e um soldado entrou, para conduzir Sergei. Levou-o a um depósito próximo, amarrou-o a um pilar e começou a bater nele com uma mangueira de borracha.

Sergei fechou os olhos e sussurrou uma prece. “Por favor, fica comigo, Senhor.” Ele ouvia a mangueira assobiando no ar antes de atingi-lo, mas, para sua surpresa, na verdade não lhe doía tanto. Com efeito, mal sentia o impacto. Como podia ser isso, era o que ele se perguntava. Ele fora açoitado antes pela KGB, e sempre havia sido uma experiência assustadora.

Mas então Sergei se recordou de uma história que lera num livro intitulado *O Grande Conflito*. Era a história de John Wesley, que foi um grande reformador da igreja na Inglaterra durante os anos 1700. Uma turba que perambulava pelas ruas não gostou de sua pregação e tentava expulsá-lo da cidade. Começaram a agredi-lo, usando tijolos, paus e os punhos. Wesley sentiu o sangue correndo pela cabeça e face, mas tudo o que a turba fazia parecia não causar efeito sobre ele. Na verdade, ele não sentia dor.

Sergei precisou admitir que sua situação era muito semelhante à de John Wesley. Ele sentia a mangueira de borracha cortando sua camisa e os vergões aparecendo, mas, surpreendentemente, não sentia dor. *Por que, Senhor?* – era a pergunta que ele repetia. *Por que me poupas? Não poupaste Jesus!*

Por fim, o soldado o levou novamente à sala do interrogatório. Amanhecia, e Sergei sabia que devia estar cansado, mas não se sentia assim. Era como se ele tivesse um duplo fôlego, e nada podia abatê-lo.

Sergei sussurrou uma oração pedindo forças, enquanto aguardava o que viria em seguida. Pediu que Deus estivesse com ele durante sua prova e o ajudasse a ser fiel. *Não permitas que eu falhe contigo, Pai. Não me permitas vacilar em minha decisão de honrar-Te. Enviaste Teu Filho para viver e morrer por mim. O mínimo que posso fazer por Ti, Senhor, é sofrer por amor ao evangelho. Eu o farei alegremente, com toda a minha alma, força e mente.*

Depois, orou com fervor para que Deus ajudasse Lena a ser corajosa. *Sei que ela está com medo, Pai, mas ela também pode ser forte.* Ele quase sorriu ao lembrar-se do temperamento obstinado de sua esposa. Ela era persistente e não se deixava persuadir facilmente a fazer algo contra sua vontade, e isso lhe

era natural. Seus pais eram de ascendência judaica e haviam passado por severa perseguição e exílio na virada do século.

Ela conseguirá, pensou Sergei. *É uma mulher forte, e sei que Deus a ajudará a lembrar-se de que tronco familiar ela descende.*

Após mais uma hora, os dois oficiais da KGB voltaram e ofereceram a Sergei café e pão preto. Sergei aceitou o pão, mas agradeceu o café. Enquanto mastigava o pão, pensou em todos os heróis bíblicos que foram peseguidos por se colocarem ao lado do que era certo – José, Jeremias, Daniel, Pedro, Paulo e, naturalmente, Jesus. Sergei emocionou-se ao pensar na coragem e fé que demonstraram sob provas ardentes. E isso fez com que ele desejasse ser ainda mais fiel a Deus, em meio a tribulações e perseguição.

Depois que Sergei terminou de comer o pão, as duas autoridades começaram a fazer perguntas novamente. De modo implacável, interrogaram-no, ameaçaram-no e, pondo-se de pé num salto, gritavam diante do seu rosto, mas ele não se movia. Era óbvio que Sergei não trairia os membros de sua igreja.

Por fim, o oficial de bigode declarou: – Encerramos por aqui. Temos ordens de fazê-lo falar, mas, se você não falar, nada mais há que possamos fazer a não ser aplicar-lhe a pena máxima para criminosos da sua espécie.

Virou-se para seu colega oficial da KGB e fez sinal com a cabeça. O alto oficial aproximou-se da cadeira de Sergei e olhou o rosto do pregador. Seus frios olhos cinzentos pareciam sem vida, enquanto ele soturnamente anunciava: – Você é, agora, candidato à prisão na cidade de Briceni! Lá eles sabem como lidar com gente do seu tipo.

Sergei engoliu em seco. Então ele era criminoso, agora? Criminoso? Por ter participado de uma reunião secreta, tarde da noite? Se isso era a pior coisa com a qual a KGB tinha que lidar diariamente, então eles deviam levar uma vida tranquila, raciocinou ele. Mas, naturalmente, isso não o ajudava em nada agora. Independentemente do crime, parecia que a KGB iria fazer com que Sergei pagasse, e bem caro.

Sergei não sentiu raiva nem ressentimento contra aqueles homens. Era como se o Espírito Santo houvesse descido sobre ele e lhe concedido paz absoluta.

Mas, naquele momento, começava a sentir os efeitos de ter permanecido acordado a noite toda. Outro guarda, por fim, chegou e levou Sergei por um longo corredor até a cela da prisão. O estreito catre era tão convidativo que

ele se deitou, exausto, e caiu imediatamente no sono. Não soube por quanto tempo dormiu, mas, ao acordar, um guarda estava chegando para lhe trazer comida num prato feito de lata.

Sergei ainda tinha seu relógio de bolso e o tirou para descobrir que já era o fim da tarde. Comeu a sopa *borsch* e o pão preto, e depois perguntou ao guarda se lhe era permitido escrever uma carta à esposa. Quando o guarda lhe trouxe papel e lápis, Sergei escreveu várias páginas e depois inclinou a cabeça em oração.

Estava disposto a suportar qualquer dificuldade por Deus, mas se sentia triste porque Lena tinha que sofrer também. Depois, entendeu que ele e sua esposa estavam juntos nessa questão, não porque ele era pastor, mas porque eram uma dupla para a vida. Haviam prometido permanecer juntos nos bons tempos e nos maus, na enfermidade e na saúde, até que a morte os separasse. Sergei não sabia se veria Lena outra vez, ou, quem sabe, se a morte os separaria em breve, mas concluiu que essa não devia ser a questão mais importante. A mais importante seria: permaneceriam fiéis a Deus, acontecesse o que acontecesse?

Sergei sentou-se na beirada do catre e pensou em tudo o que acontecera nas últimas 24 horas. Ele fora aprisionado pela KGB e submetido ao pior dos interrogatórios. Mas agora, depois de tudo o que ocorrera, algo mais lhe veio à mente, de súbito.

Estariam seguros os outros pastores? Sergei não podia perguntar a ninguém – se o fizesse, a KGB iria atrás deles também, e isso seria um desastre. Catorze outros homens poderiam, então, ser encarcerados, e isso seria trágico para a igreja.

CAPÍTULO 5

Sergei deitou-se sobre o catre, pôs as mãos por trás da cabeça e olhou para o teto. A grande pergunta na sua mente, agora, era: como a KGB soube que houve uma reunião? Era óbvio que alguém ouvira o suficiente para chegar a essa conclusão. Tinha que ter sido isso! De que outro modo teria o oficial da

KGB informação suficiente para ir à casa de Sergei a fim de prendê-lo? De novo, quem saberia? Como dissera o oficial da KGB, eles não precisavam de provas – apenas suspeita de tais atos, e uma boa desculpa para prender um pregador adventista.

Sergei estivera detido a noite inteira. Havia passado por todos os procedimentos usuais de interrogatório de que já ouvira falar – perguntas insistentes, gritos e berros diante do rosto da vítima, luzes fortes e ameaças que o intimidavam psicologicamente. E, claro, espancamento.

Sergei tinha que ser honesto consigo mesmo. Ele esperava esse tratamento por parte da KGB. Como testemunha de Jesus, nem poderia realmente dizer que fora tratado de modo injusto. Não, se escolhesse aceitar o desafio de Jesus, segundo o qual os cristãos que pregassem em nome dEle sofreriam por amor ao evangelho.

E ele havia quebrado a lei, afinal de contas. As leis da terra diziam que as pessoas não deviam se encontrar em reuniões secretas, sob a capa da escuridão. Sergei e seus colegas pastores haviam tentado ocultar a reunião, e, sob esse ponto de vista, o haviam feito ilegalmente. Eram culpados, e agora Sergei estava pagando o preço.

Mas as leis da terra não podiam competir com a lei de Deus. Sergei sabia que não podia permitir que as táticas de intimidação da KGB interferissem na divina comissão evangélica ao mundo. Jesus havia pedido que Sergei fizesse a sua parte em disseminar a mensagem de salvação na Moldávia, e Sergei aceitara o desafio, sem se importar com o preço.

Se Jesus sofreu por crimes que jamais cometera, Sergei concluiu que então podia fazer o mesmo. O Filho de Deus foi humilhado e açoitado e depois executado. Por que deveria surpreender-se um simples pastor no coração da Moldávia, se Deus lhe pedisse para fazer a mesma coisa?

Deitado no colchonete de sua cela, Sergei lembrou-se das palavras de um texto que ele havia memorizado, algum tempo antes. “[Cristo] foi tratado como nós merecemos, a fim de podermos ser tratados como Ele merece. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que pudéssemos ser justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, a fim de podermos receber a vida que Lhe pertencia. ‘Pelas Suas pisaduras fomos curados’ (Isaías 53:5).”

Mais do que nunca antes, essas palavras inspiradas ajudaram Sergei a colocar sob perspectiva o grande sacrifício de Jesus. Essas palavras fizeram

com que ele desejasse andar a milha extra e suportar qualquer tribulação possível por Jesus. Sua oração era que fosse digno de sofrer por amor a Jesus.

Mas a segurança de Lena também pesava muito na mente de Sergei. Ele só esperava que ela não tivesse que suportar provas além das suas forças. Era esse o seu clamor a Deus, enquanto permanecia deitado no duro catre da cela da prisão. E sua mente, agora, passou a considerar o destino que lhe fora reservado.

Briceni. A KGB o mandaria para uma infame prisão de segurança máxima em Briceni, que era conhecida por seus prisioneiros – homens com má reputação por sua vida de crimes. Ser encarcerado em Briceni seria uma experiência e tanto! Esse seria o eufemismo do ano! Viveria ele com medo, todos os dias? Sua vida correria perigo? Ele nem imaginava que fosse de outro modo. O tempo diria, mas por enquanto ele sabia que tinha apenas que esperar e confiar, crendo que Deus cuidaria de tudo.

Enquanto Sergei contemplava seu destino, cenas do lar irromperam diante dele. Lembrou-se da pequena cozinha e da sala da frente, com sua cadeira estofada, na qual ele gostava de ler. Com os olhos da mente, pôde ver a mesinha de canto, onde sempre deixava a Bíblia e outros livros usados no preparo dos sermões. Seu esboço do sermão provavelmente ainda estivesse ali, sobre a Bíblia aberta. Lena os guardaria com segurança, antes de partir para ficar com seu irmão. Teria ele a oportunidade de pregar novamente?

“Acho que o sermão terá que esperar”, suspirou Sergei de modo irônico, enquanto se estendia no catre e fechava os olhos. Por enquanto, ele teria sermões maiores e mais importantes para pregar. Seu sermão vivo estava para começar, e ele sabia que seria muito mais dinâmico do que qualquer sermão com palavras que ele pudesse apresentar do púlpito. E muito mais eficiente. Deus cuidaria disso, ele tinha certeza.

Na manhã seguinte, Sergei foi colocado num trem que se movia lentamente, com destino a Briceni. A cidade ao norte ficava a menos de 200 quilômetros de Cahul, mas o trem parava com frequência para receber e desembarcar passageiros ao longo do caminho.

Durante boa parte do dia, Sergei viajou no trem com outro prisioneiro. Os dois estavam algemados e receberam apenas uma escassa refeição de pão e água, ao meio-dia. Sergei sorriu diante da refeição simples. Lembrou-se das promessas da Bíblia, que lhe garantiam que o pão e a água seriam certos. *Estás cumprindo Tua promessa*, disse ele a Deus, com um irônico senso de

humor.

Sergei olhava pela janela de tempos em tempos, contemplando os pomares que iam passando, com pessegueiros e ameixeiras. A região sul da Moldávia era conhecida por seus parreirais, que formavam uma paisagem muito pitoresca pela janela do trem. Mal podia ele crer que tinha diante de si um quadro de tanta serenidade na manhã de sua ida para a prisão. Vez após vez, viu-se curvando a cabeça e orando para que Deus o sustentasse ao longo das provações vindouras.

Outros passageiros viajando para destinos diversos ocupavam o mesmo vagão com Sergei. Embora dois guardas houvessem sido designados para transportar os prisioneiros, eles eram bem condescendentes e permitiam que os prisioneiros se erguessem e esticassem as pernas de vez em quando. Por volta da metade da manhã, Sergei conversava com os passageiros sentados ali perto, no vagão.

Alguns olhavam para ele com suspeita. Por causa das algemas, imaginavam que fosse algum criminoso. Mas Sergei era um homem sociável e não desanimava facilmente sob aquelas condições. E não se entregava à autocomiseração, mesmo diante das circunstâncias. Inclinou-se na direção de um dos passageiros e disse, com um piscar do olho: “Pediram-me que fosse a Briceni para representar o Deus do Céu. O governo me escolheu para a função, porque sabe que sou um homem de princípios.”

As pessoas ouviam, mas também observavam os guardas, cautelosamente. Se Sergei era prisioneiro, por que estava sendo tão simpático? Por que falava de Deus tão alegremente? Por outro lado, se ele realmente era algum tipo de criminoso, não queriam demonstrar muito interesse nele ou ser considerados simpatizantes.

Os guardas pareciam quase indiferentes a Sergei e sua habilidade de entreter os passageiros, e, por fim, saíram pela porta traseira do trem para fumar um pouco. A essa altura, as pessoas começaram realmente a aproximar-se e prestar atenção. – Em que você trabalha? – perguntou um senhor da idade dele.

– Sou pastor – disse Sergei, em voz baixa. – Deus me chamou para pregar o evangelho de Jesus na minha cidade natal. A boa notícia do evangelho é que Jesus, o Filho de Deus, veio para morrer por nós e salvar-nos do pecado, porque somos Seus filhos. – O vagão, a essa altura, estava mortalmente silencioso, e todos os olhos se concentravam nele. Sergei percebeu que estava

tendo a oportunidade de apresentar um pequeno estudo bíblico e não ia perder a chance. Podia estar a caminho da prisão, mas partilharia o evangelho tão certamente como se estivesse diante do púlpito, em sua igreja.

CAPÍTULO 6

O clique-claque das rodas do trem sobre os trilhos pontuava os comentários de Sergei. – Jesus, hoje, está no Céu, preparando um lar para todos os que escolhem crer no Filho de Deus. – Ele olhou na direção do Céu. – Algum dia, Jesus voltará nas nuvens do céu e nos levará para morar com Ele. Isso trará o fim do pecado, da enfermidade e da tristeza que conhecemos hoje.

– Você parece ser um homem tão bom – sussurrou uma vovozinha com voz trêmula. – Então, por que as algemas?

– Sou um servo de Deus – sorriu Sergei. – O governo tentou forçar-me a dar informações sobre meus companheiros, líderes da igreja, mas eles são para mim como família. Recusei-me a trair sua confiança.

A essa altura os guardas estavam de volta, e começaram a observar. Esse homem estava recebendo mais atenção dos passageiros do que se esperaria para um prisioneiro do governo. Sergei falou por mais alguns minutos sobre o amor de Jesus, mas, por fim, um dos guardas apontou para ele.

– Pare! – gritou o guarda, obviamente incomodado com Sergei. – Venha comigo! – ordenou ele, indo à frente pelo corredor do trem e saindo pela porta traseira. Sergei sabia, agora, que se encerrara a oportunidade de testemunhar de sua fé, mas deu graças a Deus por ter podido apresentar Jesus a um vagão cheio de passageiros.

Andaram por vários outros vagões, até que o guarda abriu a porta do vagão das bagagens. – Você pode ficar aqui até o fim da viagem – rosnou. Ele fez sinal por sobre o ombro quando o segundo guarda entrou no vagão atrás deles. – Mikhail, aqui, vai lhe fazer companhia! – zombou ele.

Sergei sentou-se no piso frio de metal, encostou-se contra a parede e fechou os olhos. Esse era um claro caso de confinamento solitário, com a

intenção de isolá-lo dos outros passageiros. O diabo interrompera seu estudo bíblico e sua chance de falar em nome de Deus no trem, e agora a janela da oportunidade se fechara.

Mas Deus ainda não havia terminado de usar a disposição de Sergei.

Mikhail tirou um cigarro do bolso do casaco e o acendeu. Enquanto fumava, observava Sergei. Por fim, sentou-se ao lado dele no chão.

– Então você é pregador, certo? – e continou fumando seu cigarro. – Eu costumava assistir à missa no domingo, quando era garoto.

– Sou, sim. – Sergei estava interessado agora.

– Minha mãe e meu pai costumavam levar-me à igreja ortodoxa grega. Foram bons tempos aqueles – relembrou – Morávamos em Straseni, e meus pais eram muito religiosos. Apesar daquilo que o governo dizia sobre a superioridade do comunismo, meu pai sempre dizia que Deus era a única resposta verdadeira para os problemas de um país.

Mikhail jogou o toco do cigarro no chão e o esmagou com o pé. – Meu pai não teve uma educação formal. Nada além do ensino básico. Parou de estudar depois de nove anos de escola, mas gostava de ler. Ele se tornou autodidata, e aprendeu bastante sobre a história e a política soviéticas. Minha mãe acha que ele falava demais, porque um dia a KGB veio e o levou embora. Nunca mais o vimos. – O rosto de Mikhail demonstrou amargura. – Eu tinha apenas sete anos.

– Sinto muito! – foi tudo o que Sergei pôde dizer. – Que pena!

– Não importa! – Mikhail retrucou, indignado. – Desde então, Deus nunca teve muita utilidade para mim! Meu pai era um homem religioso, e Deus não pôde sequer protegê-lo contra seu próprio governo!

– E unir-se ao Exército Vermelho Comunista? Isso também não tem ajudado muito, certo? – Sergei olhou para o guarda uniformizado.

– Acho que você pode dizer isso. – Mikhail tirou seu quepe militar verde.

– Mas? – Sergei estudava a face grave de Mikhail.

Mikhail olhou para Sergei, curioso. – Você é muito observador – e começou a rir. – Eu sei, eu sei! Você vai dizer que não há “porém” quando se trata de Deus. Ah! Bem como meu pai.

– E você ainda acredita nisso também, não acredita?

– Quem sabe? – Mikhail começou a girar seu quepe com as mãos.

– Seu pai era um homem sábio – disse Sergei. – Ele não morreu em vão, sabia?

– Era isso que minha mãe sempre dizia. Segundo ela, se valia a pena acreditar em algo, valia a pena viver por isso e morrer também.

– Sempre pensei assim – Sergei balançou a cabeça – e, quando se trata de ficar ao lado de Deus, vale a pena duplamente.

Mikhail olhou atravessado na direção de Sergei. – Acredito que você esteja falando sério. Como é que isso funciona para você?

– É simples. Jesus veio a este mundo e enfrentou os líderes religiosos do Seu tempo. Ele nunca retrocedeu, e por fim eles O crucificaram maldosamente. – A voz de Sergei se tornou solene. – Jesus não temeu fazer isso por mim! Como posso fazer menos por Ele? Em breve receberei minha recompensa, quando Ele vier outra vez e me levar para o lar do Céu. Por enquanto, estou contente em representá-Lo aqui e falar ao maior número possível de pessoas a respeito da boa notícia do evangelho.

– Puxa! – Mikhail deixou pender a cabeça, em sinal de respeito. – Você parece tão seguro de si mesmo!

– Sou, e você pode ser também, Mikhail. Creia, simplesmente! Essa é a sua oportunidade de ter certeza da sua salvação. Por que não fazê-lo aqui, hoje? Podemos orar a respeito agora, se você quiser.

Assim, oraram após sua sincera conversa, e Mikhail entregou o coração a Jesus. Fora tudo tão emocionante para Sergei que ele nem soube por quanto tempo viajaram nem a que altura do trajeto estariam. Foi só quando o trem começou a reduzir a velocidade e os freios começaram a guinchar que ele entendeu que a viagem estava quase acabando.

O estágio seguinte de sua provação estava a ponto de começar. Seria como na prisão do governo? O que o obrigariam a enfrentar? Teria ele que sofrer muito? Permaneceria fiel a Deus?

Sergei não tinha dúvida de que, pela força divina, ele superaria tudo, e continuaria a ser uma corajosa testemunha de Deus. Tinha que ser. Como faria algo diferente? Afinal de contas, Jesus havia sofrido tanto por ele!

CAPÍTULO 7

No fim daquela tarde, Sergei chegou à prisão do governo, em Briceni, e foi encaminhado ao diretor. Sentiu-se desanimado ao ver as grossas paredes de pedra da prisão. Também havia altas cercas de arame farpado ao redor, para o caso de alguém tentar escapar.

Quando o diretor soube das acusações contra Sergei, saiu de trás de sua escrivaninha e olhou severamente para ele, quase encostando seu nariz no de Sergei. Sua forma corpulenta destacava-se, e seu cabelo em tom cinza-aço, de corte escovinha, dava-lhe um ar de sargento durão, da marinha. – Então! Trouxeram você para mim! – tripudiou ele. – Tenho certeza de que você já ouviu falar da prisão, aqui, de Briceni. Minha reputação como diretor deve ter-me precedido, creio eu.

Sergei apenas concordou polidamente, com a cabeça. O que poderia dizer?

– Tem algo a dizer em sua defesa? – latiu o diretor, com seus olhos negros abrindo buracos através do corpo de Sergei.

Sergei hesitou apenas um momento. Sem ousar olhar o diretor nos olhos, ele disse: – Estou aqui porque sou pastor cristão. Se isso faz de mim um criminoso, então sou culpado.

– Não banque o espertinho comigo! – disparou o diretor, com o rosto duro como se fosse cinzelado em pedra. – É exatamente isso que você é! Um criminoso, e não se esqueça disso!

– Pretendo fazer de você um exemplo! – continuou ele. – O que você receberá é confinamento solitário por algum tempo! Veremos se isso enfia um pouco de bom senso na sua cabeça! – rosnou ele, deixando os dentes à mostra. – Se tiver que passar fome por algum tempo, quem sabe isso ajude a endireitar seus pensamentos. Talvez lhe ensine a não desobedecer às ordens de uma autoridade do governo!

Dois guardas os acompanharam, enquanto o diretor ia à frente, na direção de uma sequência de pequenas celas de concreto no primeiro andar do complexo penitenciário. – Bem, agora, pregador, aqui estamos! Tenho certeza de que gostará do seu aposento! Bonito e solitário! Rá, rá, rá! – zombou ele, com o semblante cheio de ódio. Sergei não se lembrava de ter visto alguém mais irado e amargo.

O diretor empurrou Sergei para dentro da cela. – Vai ter todo o tempo que quiser para passar com o seu Deus aí dentro! Rá, rá, rá! – riu ele, de novo. – Por outro lado, se estiver disposto a livrar-se dessas tolas noções acerca do seu Deus, podemos arranjar algum bom pão russo. Ei! O que você diz a

respeito disso? – O diretor trovejou risadas enquanto batia a porta de ferro.

Sergei inclinou a cabeça, quieto. Sem alimento! Nada para comer! Por quanto tempo ele viveria sem alimento? Ele havia jejuado por dois ou três dias, certa vez, mas isto não seria nem parecido. Ele não sabia o que, exatamente, estava esperando. Açoites, quem sabe, ou mais alguns interrogatórios, mas a falta de alimento? Sem comida, como permanecer aquecido naquele clima frio?

– Eu perguntei: O que você diz a respeito disso? – quis saber o diretor outra vez, enquanto olhava para Sergei pela janelinha na porta da cela.

Sergei hesitou. O que deveria dizer àquele homem maligno? O diretor tinha o poder de fazer o que bem entendesse com ele. Poderia deixá-lo morrer de fome, chicoteá-lo e até matá-lo, se quisesse, e não havia nada que alguém pudesse fazer a respeito!

– Assustado, é? Voltando ao bom senso, é isso! – O diretor virou-se para sair. – Ora, isso é bom! Esse negócio de Deus tem que acabar. Não existe Deus, e você sabe disso tanto quanto eu!

– Não! – disse Sergei ao diretor, de repente. Ele sabia que precisava dizer algo. – Existe um Deus! – e seus olhos brilharam com justa indignação. – Ele é meu Defensor, e devo ser fiel a Ele. O Filho dEle, Jesus, morreu por meus pecados, para que eu pudesse ter vida eterna. Não posso fazer por Ele menos do que Ele fez por mim. – Sergei, agora, olhava diretamente nos olhos do diretor através da janelinha na porta da cela, e seu ímpeto surpreendeu o diretor.

– Não posso voltar as costas para Jesus! – acrescentou Sergei. – Meu Deus pode suprir todas as minhas necessidades por meio de Jesus! Ele pode, mas mesmo que não o faça, ainda assim permanecerei fiel a Ele; que para isso Deus me ajude!

– Suprir todas as suas necessidades! Ah! – o diretor reconquistou sua pose. – Escute! – rosnou ele, com a face contorcida de raiva. – Estou dizendo que não há Deus! O que há de errado com vocês, cristãos? Vocês são loucos! – Com ira, ele sacudiu para Sergei o punho fechado. – Sabe de uma coisa, pregador? Você é um homem morto! A partir de agora, não lhe darei pão! Só água. Juro que deixarei você à míngua, antes de alimentá-lo de novo! Se o seu Deus é tão forte, deixe que Ele mesmo lhe traga o pão!

O diretor apontou para Sergei, com um olhar perverso. – Voltarei outra vez, quando você estiver disposto a falar com um pouco de bom senso.

Ninguém, no seu juízo perfeito, se comporta dessa maneira! – ele se virou e afastou-se, dizendo sobre o ombro: – Veremos o que o seu Deus faz por você agora!

Sergei observou enquanto o diretor saía, antes de olhar em volta de sua cela. Havia pouca coisa ali dentro. Só uma cama com um colchonete e um cobertor, uma cadeira e um urinol, já que não havia banheiro.

Acima da cama, havia uma pequena janela com barras. Ele podia sentir o vento do entardecer soprando pela janela, mas não via o lado de fora. A janela era grande o suficiente para deixar entrar um pouco de luz, mas pequena demais para se passar por ela, se fosse possível quebrar as barras. Ele sabia que não tinha esperança de escapar. E, se conseguisse escapar da prisão, para onde iria? Os guardas o encontrariam e o apanhariam, com certeza. Ele sabia que não seriam solidários com um homem que era religioso. Os militares ensinavam aos seus homens que a religião era para pessoas de mente fraca.

Sergei espiou pela janelinha da porta da cela. Os guardas podiam olhar para ele ali dentro, e Sergei podia olhar para fora, a fim de ver o que acontecia no pátio da prisão. Parecia que os prisioneiros tinham permissão de sair das celas para exercitar-se um pouco, mas Sergei duvidou de que tivesse essa oportunidade num curto prazo. Tudo indicava que o confinamento solitário era o nome do jogo naquela prisão, quando alguém devia ser castigado.

O Sol se pôs sobre Sergei naquela solitária cela de prisão. Quando o crepúsculo esmaeceu e trouxe o frio da escuridão, as horas passaram lentamente. Era apenas o início da primavera, de modo que os pisos e as paredes de pedra faziam com que a cela ficasse ainda mais fria. Sergei ajoelhou-se e orou. Sabia que precisava ser corajoso e forte para Deus. Essa não era a primeira vez que o aprisionavam por sua fé, mas ele não se lembrava de ter se sentido tão sozinho e abandonado anteriormente.

“Ah, Deus dos meus pais!”, Sergei orou. “Preciso de Ti agora, mais do que nunca. A perseguição pode ser uma coisa dura, Senhor, e não sei o quanto as coisas vão piorar ainda, antes de melhorar! Nunca falhaste comigo no passado, Senhor! Minha fé pode ser fraca, mas Tu és forte. Por favor, ajuda-me agora a ser fiel a Ti nesta prisão.”

Uma vez mais, Sergei pensou em Lena. O que estaria ela fazendo naquele momento? Como estaria reagindo? Será que

continuaria a dirigir os cultos na igreja? Estaria sentindo solidão e temor, como ele? Sergei sabia que ele precisaria simplesmente confiar que Deus cuidaria dela enquanto ele estivesse ali na prisão, por mais longo que fosse o período.

“Por favor, Senhor”, ele orou, “que meu sofrimento valha todo o risco que Lena e eu temos assumido por Ti e por nossa igreja.”

Sergei deitou-se na cama para passar a noite. Tremia dentro do seu fino casaco. O cobertor roído por traças fazia pouca diferença no ar frio da noite que entrava pela janela aberta. E seu estômago roncava como um animal faminto. Sem nada para lhe dar energia, ele sabia que seria uma noite longa e gelada.

“Meu Deus suprirá todas as minhas necessidades, por meio de Cristo Jesus!” Sergei repetia para si mesmo, corajosamente.

CAPÍTULO 8

Bem cedo na manhã seguinte, antes de abrir os olhos, Sergei ouviu um som estranho, como se algo estivesse arranhando a janela acima da sua cama. Ele sentou-se para escutar e virou-se para ver o que causava o ruído, mas a janela ficava muito no alto. Por fim, pôs-se em pé sobre a cama, estendeu a mão até o parapeito e tateou em volta, até que sua mão pousou sobre algo macio. A impressão era de que seria um pedaço de pão, mas ele sabia que não podia ser! O que estaria um pedaço de pão fazendo no parapeito da janela?

Ele o pegou para examiná-lo e, para seu espanto, era mesmo pão. Pão preto russo. “Que é isto?” Sergei não acreditava nos próprios olhos. “É possível, Senhor? Já mandaste alguém para me trazer pão para comer? É pão russo, como o que Lena faz para mim todos os dias em casa!”

Mas Sergei ficou curioso para saber como ele chegara até ali. Teria um guarda solidário ouvido a conversa que ele tivera com o diretor? Teria o guarda ficado com pena dele e trazido pão em segredo? Sergei só podia especular.

Ele desceu da cama e ajoelhou-se para dar graças a Deus. Não havia

comido nada, desde a hora do almoço do dia anterior, mas o Senhor lhe havia providenciado alimento, e agora ele podia comer. “Senhor, és tão bom para mim! Teu poder não conhece limites! Fui muito tolo, Senhor, e tão fraco para duvidar de Ti! Muito obrigado por este presente maravilhoso!”

Depois de dar graças pela escassa refeição, Sergei sentou-se na cama para saborear o pão. Podia ser apenas uma fatia, mas era alimento, e parecia uma refeição digna de um rei. Então, de repente, ocorreu-lhe que, se ele comesse o pão, o diretor nunca veria a prova da boa sorte de Sergei. O diretor nunca saberia que Deus havia, mesmo, providenciado alimento.

Preciso usar exatamente esta oportunidade para contar ao diretor o que meu Deus fez por mim! Sergei refletia sobre o próximo passo. *Se o diretor me perguntar se meu Deus supriu todas as minhas necessidades, quero ser capaz de mostrar-lhe a prova.* Ele pressionou seu estômago vazio, que roncava mais forte do que nunca. *Mas estou com tanta fome! Não comi desde ontem, quando aquele guarda no trem me jogou uma casca de pão!*

Sergei não sabia o que fazer. Lembrou-se da promessa bíblica que ele havia recitado para si mesmo na noite anterior, segundo a qual o pão e a água seriam certos. Bem, o pão e a agua estavam ali agora, mas, sem um pouco de autocontrole por parte de Sergei, o diretor nunca veria a prova. Não se Sergei a comesse.

“Ah, não, não!” Sergei gemeu alto ao pensar nisso. Ele não queria pensar em jejuar por mais tempo. Todavia, quanto mais pensava a respeito, mais certeza tinha do que precisava fazer. Ele devia mostrar ao diretor o cumprimento da promessa de Deus; mostrar que Deus podia suprir todas as suas necessidades. Por Deus, pelo evangelho e pelo diretor, ele não tinha outra escolha. Precisava fazer isso!

Com relutância, pôs o pão de lado. Teria que deixar a fatia de lado e guardá-la, para que o diretor a visse quando chegasse para a vistoria. Mas, onde colocá-la? Se a pusesse fora da vista, não seria tão tentado a comê-la. Aí pensou no colchão e o ergueu. Podia deixar o pão ali, e assim os ratos não o alcançariam facilmente. Sergei ainda não tinha visto ratos, mas sabia que, provavelmente, haveria alguns. Erguendo o colchão de palha, pôs o pão preto sobre a armação de madeira, e deitou o colchão por cima.

Sergei esperou pacientemente a manhã toda para mostrar o pão ao diretor, mas o homem não apareceu. Às vezes, Sergei tirava a fatia de pão para olhá-la. Queria comê-la, mas, quando pensava na expressão que veria no rosto do

diretor diante do pão, sempre a colocava de volta.

CAPÍTULO 9

No fim da tarde, Sergei estava com muita fome. Era quase hora do crepúsculo, e ele começou a pensar que simplesmente comeria a fatia de pão, quando, de súbito, ouviu o som de arranhado outra vez, perto da janela. O som ficou mais alto, mas ele não conseguia ver nada. Sergei subiu na cama de novo e tateou no parapeito da janela. Para seu espanto, ali havia mais uma fatia de pão. Ele desceu com a fatia e a colocou sobre a cadeira. Depois, tirou a primeira fatia de sob o colchão e a pôs sobre a cadeira ao lado da segunda.

Um sentimento de reverência quase indescritível o dominou. “Não acredito!” disse ele em voz alta, com os olhos arregalados de novo. “Bem, na verdade, acredito, sim!” riu ele. “Mas, duas vezes? É bom demais para ser verdade! Estou sonhando, Senhor?” Ele ergueu os olhos ao Céu e riu. “Tu me abençoaste duas vezes, embora eu não tenha provado Tuas bênçãos ainda.”

Duas fatias de pão. Não era por casualidade que o pão aparecera na saliência da janela pela segunda vez. Sergei tinha certeza. Alguém, lá fora, sabia da sua situação e estava trazendo alimento. Não havia outra explicação.

Sergei queria, mais do que qualquer outra coisa, subir e olhar para fora da janela a fim de ver de onde teria vindo o pão, mas a janela era alta demais. Ele continuou olhando para cima, e, por fim, concluiu que se virasse a armação da cama e subisse no topo, teria condições de olhar para fora. Contudo, quando subiu a uma altura suficiente para olhar para fora, não havia ninguém à vista. Tudo o que ele viu foi uma árvore perto da janela e um pátio da prisão, com a cerca mais adiante. Não se via ninguém. Fosse quem fosse que lhe trazia o pão, evidentemente não desejava ser descoberto, e Sergei não podia culpá-lo. Se fosse um guarda – e certamente devia ser –, Sergei sabia que ele seria castigado severamente pelo diretor. Ou pior. Sergei não queria pensar nessa possibilidade.

Sergei desceu, arrumou a armação e colocou o colchão de volta no lugar. Concluiu que, na verdade, não importava como o pão acabara ali na janela.

Deus havia arranjado para que ele estivesse ali, e isso era bom o suficiente para Sergei.

Ele sentou-se e olhou fixamente para o pão sobre a cadeira. Eram duas fatias agora – uma para comer e a outra para guardar, a fim de que o diretor tivesse a prova das refeições milagrosas que Deus lhe trazia.

Ele podia comer a primeira fatia, daquela manhã, antes que ficasse muito velha, e reservar a segunda para que o diretor a visse. Mas, primeiro, ele daria graças a seu Pai no Céu por ter providenciado pão para comer na sua solitária cela.

Ele inclinou a cabeça para orar, mas parou. Se uma fatia de pão surpreenderia o diretor, imagine o que duas fatias fariam como testemunhas do poder de Deus. Esse pensamento, porém, lhe deu uma sensação de desespero. Ele estava tão faminto!

Sergei pôs a cabeça entre as mãos e meditou sobre o que fazer. Decidir não comer o pão exigia muito autocontrole, porém quanto mais ele pensava a respeito, mais certeza tinha do que devia fazer. Ele precisava guardar as duas fatias de pão. Terna e quase reverentemente, devolveu a primeira fatia de pão ao seu lugar sob o colchão, colocou a segunda ao seu lado e deitou o colchão de novo sobre o pão.

Mais uma vez, esperou que não houvesse ratos por ali. Se os ratos comessem o pão, como poderia ele mostrá-lo ao diretor? Mas, novamente, concluiu que se Deus, para começar, podia dar-lhe pão, Ele também podia proteger as duas fatias.

“Por favor, Senhor!”, Sergei orou, “dá-me força para enfrentar isto! Ajuda-me a ser corajoso e paciente.”

Veio novamente a escuridão e, com ela, o ar frio da noite. Sem livros para ler, e sem luz na cela, as noites seriam longas. Depois de mais uma sessão de súplicas, Sergei deitou-se e tentou dormir um pouco. Mas o sono não vinha. O frio da noite fez com que tremesse incontrolavelmente, e ele se enrolou tanto quanto pôde no cobertor, tentando manter-se aquecido.

A ideia de que tinha duas fatias inteiras de pão sob o colchão o deixava quase doido. Prometeu a si mesmo que não comeria o pão, mas, sem ele no estômago, estava tendo dificuldade para manter-se aquecido, e para quê? Para que o diretor tivesse a prova de que Deus podia suprir cada uma das suas necessidades? Quem se importava com o diretor? Ele era tão somente um desnaturado que pouco ligava para o sofrimento pelo qual fazia os

prisioneiros passarem! Esse era um modo de encarar a questão.

Mas depois Sergei pensou um pouco mais. Provar ao diretor que Deus podia cuidar de Seus filhos seria mais como provar-lhe que havia um Deus, em primeiro lugar. O diretor nem sequer cria em Deus! Quando Sergei pensou dessa maneira, tudo ficou muito mais importante. Não comer as duas fatias de pão que havia estocado sob o colchão era realmente uma questão de vida e morte. Não para ele, talvez, mas certamente para o diretor.

"A Deus, supremo Criador, vós, anjos e homens, dai louvor." Sergei começou a cantar para aquecer-se e elevar o ânimo. "A Deus, o Filho, a Deus, o Pai, a Deus, Espírito, glória dai" (*Hinário Adventista*, nº 581).

Sergei esfregou o estômago que roncava e teve uma sensação de paz e calor. Foi impressionante! Como acontecera aquilo? A paz que sentia era suficientemente perceptível. Ele sentira paz muitas vezes, após orar a Deus. Mas o calor que sentia naquele momento era inacreditável! Inesperado! Ele sabia que a temperatura devia ter baixado a quase zero grau centígrado, mas ainda assim ele se sentia aquecido. Era verdadeiramente incrível! Milagroso era a palavra certa! Tudo o que ele vestia era uma camisa e um casaco leve. O cobertor fininho devia fazer pouca diferença, mas ele ainda assim se sentia inexplicavelmente aquecido.

"Muito obrigado, Senhor!" sussurrou ele. "Tu intervieste outra vez! Impressionante! Verdadeiramente impressionante!" E, com isso, caiu no sono.

CAPÍTULO 10

Os olhos de Sergei abriram-se repentinamente. Amanhecera, e algo o havia despertado. Os suaves matizes da alvorada já estendiam seus dedos róseos através das barras de metal de sua janelinha. A despeito do frio, ele se sentiu descansado naquela manhã, como se houvesse dormido a noite toda em sua própria cama.

Ficou ali deitado por mais alguns momentos, lembrando-se do calorzinho que sentira quando foi dormir na noite anterior. Isso lhe dera uma sensação

maravilhosa de paz, e ele continuava sentindo esse calor. Então, lembrou-se das duas fatias de pão sob o colchão. Ele esperava que o diretor viesse à sua cela sem muita demora e visse as fatias de pão, para que a história acabasse e ele pudesse comer. Ou, quem sabe, o diretor visse que não faria sentido privar Sergei de comida por mais tempo e o deixasse fazer as refeições junto com os outros prisioneiros.

Sergei deslizou para fora da cama e se pôs de joelhos. O ar fresco da manhã deixava o piso ainda mais frio, mas ele ignorou a sensação. *Muito obrigado, Senhor, por todas as coisas boas da vida*, orou ele.

Então, quase em sequência, ouviu um som e olhou para cima, para a janela. Teria o guarda retornado e posto outra fatia de pão sobre o parapeito de novo? Uma terceira vez seria algo fenomenal!

Ainda não havia luz suficiente para enxergar com clareza, mas Sergei teve a impressão de ver uma leve sombra, e depois ouviu o som de arranhado outra vez. Tentou espiar em meio ao lusco-fusco do amanhecer, mas foi inútil. Não viu nada.

Quando subiu na cama e estendeu a mão para a janela, ali havia outra fatia de pão. Ele a trouxe para baixo e a acalentou nas mãos com todo o cuidado. Três fatias de pão agora. Que milagre, e mais uma vez parecia o pão de Lena! Macio e novo, provavelmente assado na noite anterior.

“Não acredito, Senhor!” Sergei cheirou profundamente o pão, segurando-o perto do nariz. “Bem, na verdade, acredito, sim! Esta é a terceira vez, agora.” Ele olhou de novo para a janela, em cima. “Parece bom demais para ser verdade, Senhor! Estou sonhando?” Ele riu sozinho. “Já me abençoaste três vezes!”

Sergei inclinou a cabeça com gratidão, e uma sensação de alívio o dominou. Tinha duas fatias sob o colchão e outra nas mãos. Duas fatias para provar ao diretor que Deus estava cuidando dele. Sergei mostraria ao diretor que ele servia a um Deus real, que podia providenciar comida real para Seus filhos.

Ele colocou o pedaço novo de pão sobre a cadeira e tirou as outras duas de sob o colchão. Três fatias! Que imagem maravilhosamente gloriosa!

Mas algo dentro dele não lhe permitiu comer coisa alguma! Algo, naquela situação toda, parecia não resolvido. Ele olhava para as três fatias sobre a cadeira. O diretor não voltaria nunca? Sergei não morreria de fome, pelo menos não enquanto o guarda – ou fosse quem fosse – continuasse trazendo

pão.

Sergei pensou por longo tempo no diretor. Ele era, obviamente, um homem amargo, revoltado. Sergei achava que sabia o que o diretor queria com aquela situação, mas será que sabia? O diretor odiava tanto os pastores cristãos? O diretor seria sádico, deleitando-se em deixar Sergei à míngua, ou era alguma outra coisa? O diretor teria algo para provar? Quando falara com Sergei, dois dias antes, parecia muito decidido a provar que Deus não existe. “Não existe Deus!”, havia ele gritado. “Essa história de Deus tem que acabar!”

O diretor queria, mais do que qualquer outra coisa, provar a Sergei que não há Deus – ou talvez tentasse provar isso a si mesmo. Sergei fechou os olhos e pensou a respeito. O homem devia ter passado por algumas experiências ruins.

Bem, Sergei não ajudaria o diretor a manter essa ideia por mais tempo do que devia. O diretor queria provar que Deus estava morto, ou que simplesmente não existia, mas Sergei decidira provar que Deus estava muito vivo. Queria que o diretor soubesse que Deus Se importava o suficiente com um pastor moldávio, a ponto de providenciar para que ele tivesse pão todos os dias, numa cela solitária da prisão do governo.

A essa altura, Sergei sabia o que fazer. O diretor viria vê-lo, mais cedo ou mais tarde, e se uma ou duas fatias de pão pareceriam um milagre de Deus, três fatias causariam um impacto ainda melhor. Era uma decisão arriscada, mas ele sabia que precisava fazer isso. Ergueu o colchão e guardou as três fatias, lado a lado, sobre as tábuas da cama. Depois, rapidamente, deitou o colchão no lugar antes que mudasse de ideia.

Quando Sergei se sentou na beira da cama, pensou na história bíblica de Elias, que foi alimentado por corvos. Era uma história tremenda, e ele se perguntou: *Será possível que Deus esteja usando corvos para me alimentar aqui nesta cela?* Ele não ouvia
nenhum crocitar ou bater de asas, mas a sombra ao romper do dia
fora escura. Quanto mais pensava nisso, mais agitado ficava. E se o pão fora trazido três vezes, por quantas vezes mais viria?

O dia se arrastou, e ao anoitecer mais uma fatia de pão apareceu miraculosamente na janela. Na manhã seguinte, uma outra chegou. Na verdade, por três dias, de manhã e de noite, as fatias chegavam, e toda vez Sergei as colocava à parte, até juntar seis fatias de pão preto russo,

enfileiradas sob o colchão. Às vezes ele ouvia o pão sendo colocado no parapeito, e às vezes não, mas ele sempre estava ali, ao amanhecer e ao anoitecer.

A essa altura, a decisão de Sergei estava tomada. Ele esperaria pela chegada do diretor, independentemente do tempo que levasse, e então o diretor veria o quanto Deus havia providenciado para ele. Sentia-se terrivelmente faminto, mas também era durão. Havia jejuado anteriormente com os membros da igreja, quando oravam por preocupações especiais. E já estivera na prisão antes, de modo que sabia como é uma fome de verdade. Ela podia ser excruciante, mas naquele momento era esplêndido saber que o Senhor estava atuando de maneira poderosa. Embora Sergei sentisse uma fome terrível, cada fatia de pão acrescentada às outras sob o colchão era testemunha do poder de Deus. Era a prova de que Deus existe, e de que Ele pode suprir e suprirá as necessidades daqueles que dependem dEle. Toda vez que Sergei pensava nisso, obtinha forças e a certeza de que, por fim, ele teria a última palavra.

“Se eu viver para contar isso!”, brincava Sergei consigo mesmo. “O diretor está tentando me matar de fome, e nesse meio-tempo me recuso a comer a evidência que está o tempo todo embaixo do colchão!” Ele sorria, sentado na beira da cama. “Porém, ainda que eu morra, o diretor verá o pão. Terá que ver. Quando limparem minha cela, ele encontrará a evidência bem aqui, embaixo do colchão.”

Sergei olhou na direção do céu. “Senhor, passaste 40 dias sem alimento, e assim suponho que posso aguardar alguns dias também. Mas Senhor, por favor, apressa-Te! Não quero estragar Teu plano! Não quero ficar fraco e ceder à fome!”

CAPÍTULO 11

Era a manhã do quinto dia de Sergei na prisão soviética de Briceni. A noite havia sido fria como de costume, porém Sergei dormira bem de novo. Ele não sabia explicar por que descansava tão bem. A despeito das baixas

temperaturas na cela, com apenas uma camisa e um casaco leve, ele se sentia aquecido. Para Sergei, era um milagre inexplicável.

Depois, vinham as fatias de pão preto, que significavam uma corrente de milagres. Sergei havia recebido já seis pedaços de pão de algum provedor benevolente, mas, milagre ou não, ele sentia que não devia comer nenhum. Eles proporcionariam uma oportunidade maravilhosa de testemunhar perante o diretor.

Deitado na cama, despertando para os tons rosados e alaranjados do horizonte de mais um dia, Sergei indagava se naquela manhã haveria outra fatia de pão preto na janela. A rotina se estabelecera fazia já três dias, mas precisaria ele, na verdade, de mais pão? Tinha o suficiente para servir de testemunho do poder de Deus como provedor, mas, se o diretor não viesse logo, em algum momento no futuro Sergei provavelmente precisaria começar a comer pedaços do pão. Com o ar fresco da primavera, o pão se conservava razoavelmente bem, mas não duraria para sempre. Nenhum rato havia entrado ainda na cela de Sergei, mas ele não podia ter certeza de que se manteriam à distância indefinidamente, de modo especial à noite, enquanto ele dormia.

Sergei aguardou o som de arranhados acima dele, na janela, mas não ouviu nada. Finalmente, rolou para fora da cama, pôs-se de joelhos e começou a orar como fazia nesse momento de cada manhã. Deu graças a Deus pelas boas noites de sono e pelo pão que, tinha certeza, era Deus quem enviava.

Então teve uma ideia – talvez o pão já tivesse chegado. Talvez ele houvesse dormido mais e já perdera a chegada do provedor naquela manhã. Mas, ao subir na cama e estender a mão para a janela, nada encontrou. Seria esse o dia em que o pão deixaria de chegar? *Seis fatias são suficientes para mostrar ao diretor, não são?*

De repente, ele ouviu passos, e Sergei reconheceu a voz do diretor. Uma mistura de pensamentos cruzou pela mente de Sergei, enquanto ele concluía que o diretor, finalmente, viera. Pôs-se em pé, com o coração em disparada e as mãos trêmulas. Agora ele podia mostrar as seis fatias de pão. Agora o diretor veria que Deus toma, sim, providências em favor dos que nEle confiam. Agora o diretor acreditaria no poder e na existência de Deus.

O diretor se pôs em frente à janelinha da porta da cela e espiou para ver Sergei.

– Bem, pregador, seu Deus supriu todas as suas necessidades? – zombou ele, apertando seus olhos negros com satisfação.

– Não posso me queixar. – Sergei inclinou a cabeça, humildemente.

– Não pode se queixar! – escarneceu o diretor. – Aposto que você está com fome!

– Estou com fome, é verdade – respondeu Sergei.

O diretor o olhou de alto a baixo, com desdém. – Bem, vejo que você não está tão pior depois desses dias em confinamento solitário. Um pouco mais magro, e talvez um pouco mais pálido, mas aposto que você também está mais sábio, verdade?

– Muito mais sábio, senhor.

– Então você criou juízo e decidiu acabar com essa tolice da qual falamos antes! Essa tolice sobre o seu Deus – seja isso o que for!

– Senhor, na verdade eu estava mesmo dando graças ao meu Deus, esta manhã, por tudo o que Ele tem me dado. Vida e um corpo saudável, e...

– Mas Ele lhe deu aquilo de que você mais precisa? Comida?

– Para dizer a verdade, deu, sim. – Sergei tinha um brilho no olhar.

– Ele deu? – o diretor contorceu o rosto, com surpresa.

– Sim, senhor, Ele deu! Só acontece que, bem, ainda não provei nada do alimento.

– Ainda não provou nada do… O que você quer dizer? – o diretor interrompeu a si mesmo, com um ar confuso no semblante.

– Meu Deus supriu todas as minhas necessidades – Sergei repetiu. – Eu só queria que o senhor visse.

Pela primeira vez, Sergei notou um ar de incerteza passando pelo rosto do diretor. Parecia mal-humorado como sempre, mas sua expressão de escárnio agora se transformava em surpresa.

– Veja, senhor. Ele me deu pão. – Sergei sorriu para o diretor, timidamente. O momento havia chegado. Era hora de mostrar ao diretor a evidência. Deus havia, realmente, suprido as necessidades de Sergei. Pelo menos, assim parecia a Sergei. Ele esperara tão só a paz de Deus no coração, e Deus lhe havia dado muito mais. Dera a Sergei coragem no trem para Briceni. Dera-lhe calor nas noites frias, e lhe dera pão toda manhã e noite. Mas, igualmente importante, Deus dera a Sergei a disposição de testemunhar de Jesus. Dera-lhe a força de vontade para não comer o pão.

Sergei foi até a cama, ergueu o colchão e apontou para as seis fatias de pão.

– Veja aqui, senhor. Meu Deus supriu todas as minhas necessidades por

meio de Suas riquezas em Cristo Jesus. Meu Deus prometeu que, se eu Lhe fosse fiel, Ele nunca me deixaria nem me abandonaria, e isto é uma prova viva de que Ele cumpre Sua promessa.

Uma paz inexplicável tomou conta de Sergei, enquanto ele olhava para o diretor pela janelinha da porta de sua cela. Era como se Sergei não se importasse com nada mais que lhe pudesse acontecer. Fosse o que fosse que o diretor jogasse em cima dele, Sergei tinha certeza de que Deus o ajudaria a superar a prova. Deus estava ali, na cela da prisão, suprindo cada necessidade sua – e muito mais.

Levou um momento, mas o diretor, de repente, se recompôs.

– Mas o que é isto? – perguntou ele, confuso. – Não estou entendendo. De onde, de onde veio este pão?

Tirou a tranca para um lado, escancarou a porta e entrou correndo na cela para examinar o pão.

– De onde veio este pão? – gritou ele. – Quem fez isto? Quem lhe trouxe o pão? – Ele segurou Sergei pelos ombros e começou a sacudi-lo. Sergei precisou admitir que não era bem aquilo que ele estava esperando. Por algum motivo, achou que o diretor desmoronaria e se desculparia com Sergei, e, quem sabe, confessaria que havia um Deus no Céu, afinal.

– Qual dos guardas fez isto? – perguntou o diretor, zangado, exigindo resposta. – Vou mandar açoitá-lo!

Sergei olhou para o diretor, com surpresa, mas sabia que preciava dizer algo.

– Na verdade, senhor, não sei quem o trouxe. Tudo o que sei é que cada manhã e cada anoitecer ouço um som de algo arranhando a janela, e quando subo na cama e verifico no parapeito, o pão está sempre ali.

– Mas, mas quem está fazendo isso? – trovejou o diretor.

Sergei encolheu-se diante do oficial. – Tudo o que sei dizer é que confiei no Senhor e Ele supriu minha necessidade.

CAPÍTULO 12

Por um momento, o diretor não disse nada. Simplesmente olhou para Sergei como se acreditasse nele, um pouquinho, talvez. Mas só por um momento.

– Quem lhe trouxe o pão? – quis ele saber de novo. – Esta é a última vez que lhe pergunto!

Então, o inevitável aconteceu. Enquanto o diretor fumegava e especulava acerca de quem era que poderia estar trazendo pão a Sergei, ouviu-se um revelador arranhado na janela outra vez. Então Sergei viu uma sombra escurecer a abertura na parede acima da sua cama. A luz mal era suficiente para se ver, mas o despontar do dia ficava mais brilhante a cada minuto.

Até ali, Sergei não havia visto ainda seu benfeitor. Quem lhe trazia o pão, obviamente, não desejava ser descoberto. Não queria ser apanhado levando pão a um prisioneiro que o diretor havia jurado deixar à míngua.

Sergei olhou para a janelinha, lá em cima. Seria realmente um guarda que lhe trazia o pão? O guarda seria capaz de subir na árvore, isso era certo. Ou seria alguém ou algo diferente? Sergei apertou os olhos diante da luz que aumentava de intensidade. Seria um corvo? Ou poderia ser um anjo? Os anjos não produzem sombra, não é mesmo? Não importava. Fosse um corvo ou um anjo, ainda assim era um milagre.

Os dois homens deram um passo para trás, a fim de ver melhor o que seria.

Então, de súbito, para surpresa de Sergei e do diretor, ali, no parapeito da janela, apareceu um grande gato preto com um pedaço de pão na boca. Os dois homens ficaram ali, estupefatos, boquiabertos com a chocante surpresa.

Sergei foi o primeiro a recuperar a fala. – Louvado seja Deus, de quem fluem todas as bênçãos! Era um gato! Meu Deus supriu minhas necessidades enviando um gato! – Ele olhou para o gato e depois para o diretor. Isso era ainda melhor do que ele imaginara!

Mas, pela expressão nos olhos do diretor, Sergei sabia que algo ainda mais incrível acontecera. E tinha razão.

O diretor revirou os olhos e ficou repetindo: – Não acredito nos meus olhos. Vejo, mas não acredito! Isto é impossível! – Seu olhar, agora, era sincero, e no lugar da carranca havia uma expressão de reverência e admiração. – Nunca vi um milagre como este – confessou ele. – Afinal, seu Deus existe, e hoje Ele será o meu Deus também.

Sergei pôde ver que o conflito no coração do diretor estava no fim. O homem havia completado o círculo e agora enxergava a luz.

– Hoje você me mostrou o que me recusei a ver todos esses anos. – O diretor inclinou a cabeça, com humilde vergonha. – Seu Deus não só lhe enviou pão pela manhã e à tarde, nestes últimos dias, como o enviou a você como um presente meu! Sabe, pregador, este é, este é o meu... – Ele tropeçava na palavras e engoliu em seco. – Este é o gato da minha filha, e, e esse pão na boca dele é, é o pão da minha esposa, o pão da mesa da nossa cozinha!